

Liana de Carvalho Freitas

**“Feminismo” e suas adjacências: estudo lexicultural sob a ótica da  
Análise Dialógica do Discurso**

**São José do Rio Preto  
2023**

Liana de Carvalho Freitas

**“Feminismo” e suas adjacências: estudo lexicultural sob a ótica  
da Análise Dialógica do Discurso**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES – Processo nº  
88887.488948/2020-00

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Cristina Parreira da  
Silva

**São José do Rio Preto  
2023**

F866f Freitas, Liana de Carvalho  
Feminismo e suas adjacências : estudo lexicultural sob a  
ótica da Análise Dialógica do Discurso / Liana de  
Carvalho Freitas. -- , 2023  
113 p. : il., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista  
(Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas,  
São José do Rio Preto,  
Orientadora: Maria Cristina Parreira da Silva

1. Lexicultura. 2. Estudos Linguísticos. 3. Feminismo.  
4. Análise Dialógica do Discurso. 5. Grafos. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do  
Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados  
fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Liana de Carvalho Freitas

**“Feminismo” e suas adjacências: estudo lexicultural sob a ótica  
da Análise Dialógica do Discurso**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós- Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto, financiada sob o processo de nº 88887.488948/2020-00 da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Comissão Examinadora

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Cristina Parreira da Silva  
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto  
Orientadora

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Angélica Karim Garcia Simão  
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Prof<sup>ª</sup>.Dr<sup>ª</sup>. Edilene da Silva Ferreira  
IFAC – Instituto Federal do Acre

São José do Rio Preto  
17 de Abril de 2023

À minha mãe, minha mainha, Maria William, por seu amor e cuidado. Aos meus irmãos e companheiros de infância, Matheus e Gabriel, pelo apoio incondicional. À minha família, e em especial suas mulheres, que me ensinaram sobre força. Ao meu painho, José Adelson (*in memoriam*), meu herói por essa vida e pelas próximas.

## AGRADECIMENTOS

A Deus em todas as manifestações do que ele representa que me cercam desde o nascimento na forma da minha família e amigos.

Aos meus pais pelo apoio e amor que nunca faltaram, qualquer que fosse o caminho tomado.

À minha orientadora Maria Cristina Parreira que acreditou em mim e me ensinou a acreditar também, agradeço por ser esse exemplo de ser humano, de sabedoria, e de força.

À minha Dinda que, assim como minha amada avó Dulce, sempre estiveram segurando minha mão durante os importantes momentos da infância e juventude que definem quem somos. Agradeço também minha família paterna, especialmente minha amada tia Cleide por me ensinarem valores que carrego e carregarei comigo para sempre.

Aos meus irmãos Matheus e Gabriel, meus companheiros e comparsas com quem ainda viverei muitas novas aventuras. Às minhas irmãs Ana Cléia e Paula que por tanto tempo cuidaram de mim e que tanto são importantes para essa família.

Aos meus tios, primas, e ao meu primo Wilken que participaram mais do que diretamente desde os primeiros passos e primeiras batatas fritas, compartilharam suas histórias, e trouxeram o sentimento de pertencimento familiar para dentro da minha vida. Seus filhos e filhas hoje são a extensão desse amor, aos quais também agradeço por me ensinarem mais sobre mim mesma e sobre amor do que eles próprios imaginam.

À minha prima/ irmã Susana pelo exemplo que sempre foi para mim, e ao meu irmão para toda a vida e pelas próximas, Israel Vasconcelos, a quem devo o mundo.

Às minhas grandes amigas com quem compartilhei um lar e uma vida em São José do Rio Preto, cito principalmente Amanda Freiburger, Beatriz Marques, Angélica de Sá, Tais Alexandrina, Amanda de Rensis, e Carolina Herrmann.

Ao IBILCE, na figura de meus professores, de meus companheiros atleticanos, à L.I.E.U., e a meus colegas tradutores que tanto fizeram parte dessa trajetória. Dentre os grandes companheiros de curso, dentre todos que merecem meus agradecimentos, com um carinho especial, cito Gabriela Haddad, Camila Baltazar, Lucas Freschi, Pedro Henrique, Yurika, Dani Pecorari, Luís Gimenes, Yolanda Galetti, Maria Beatriz Bobadilha e Gabriela Figueiredo.

À minha amada Bateria Psicoteria que para mim foi e vem sendo como mãe, pai, irmã e filha nessa trajetória acadêmica. Dentre incontáveis nomes, destaco meus agradecimentos aos meus

amigos Luísa Magri, Bruno Moraes, Calel Afonso e Mariana Rezende, que mudaram a minha vida.

Aos ritmistas de tantas outras Baterias Universitárias da Unesp, dentre eles Letícia Kaori e Celina Souza que comigo dividiram memórias preciosas sobre companheirismo e carinho.

Em especial, às mães da Balda, minhas irmãs de sobrevivência, e meus amores, Letícia Galleti, Carol Ribeiro, Isabela Carnahyba e Natália Cesarin. Obrigada por tudo, por tanto, sempre.

Destaco que o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, à qual agradeço pela oportunidade que me foi dada de viver pela ciência em tempos tão desesperadores como os anos de 2020 e 2021.

*“Quando eu uso uma palavra”, disse Humpty Dumpty num tom bastante desdenhoso, “ela significa exatamente o que quero que signifique: nem mais nem menos”. “A questão é”, disse Alice, “se pode fazer as palavras significarem tantas coisas diferentes”. “A questão”, disse Humpty Dumpty, “é quem manda – só isto”.*

- Lewis Carroll, *Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá*, 2009.

## RESUMO

Um repertório lexical pode ser criado, ressignificado e até mesmo apagado, ao passo que é motivado por evidências de momentos histórico-culturais situados pelo discurso, provocando mudanças em nível cultural, ideológico e comportamental (BAKHTIN, 2014). Uma língua tem o poder de moldar tanto quanto pode ser moldada pela comunidade que a fala. O movimento feminista incentiva a reflexão acerca da importância da língua quando traz à cultura de massa evidências das subjetividades presentes na relação de opressão entre a figura masculina e a feminina na sociedade, como a invisibilização da mulher por códigos linguísticos (BOENAVIDES, 2019). Conforme as feministas acadêmicas identificaram tensões no uso da língua, elas também adquiriram a consciência de que o léxico e a sociedade estão em constante mudança devido a sua relação de interdependência (COELHO; MESQUITA, 2013). A convergência desses dois conhecimentos dentro do movimento feminista permitiu que o coletivo de mulheres desenvolvesse, desde sua organização mais primordial, as ações e debates na luta pela mudança social por meio da nomeação da própria realidade por meio da criação do que Biderman (2001) define como *lexia*, termo cunhado por Pottier (1972). O objetivo desta pesquisa é traçar um percurso lexicológico que evidencie as relações entre os discursos feministas de diferentes perspectivas científicas por meio do uso das *lexias* na função de validadores das questões pertinentes à realidade e identidade femininas. Nesse sentido, verifica-se a hipótese de que é possível descrever, pela perspectiva dialógica, as transformações discursivas provocadas pelas mudanças que o domínio e a utilização consciente da criação e ressignificação lexical promovem em nível cultural. O presente estudo interliga Lexicologia e Lexicografia (BIDERMAN, 1998; 2001), Lexicultura (GALISSON, 1987) e o dialogismo bakhtiniano (BAKHTIN, 1986; 2014) na investigação das marcas do discurso presentes nas unidades lexicais coletadas em artigos científicos, tratados com o AntConc - [www.laurenceanthony.net](http://www.laurenceanthony.net), da *Revista Estudos Feministas*, em dois eventos do movimento feminista no Brasil: o surgimento da teoria *queer* na década de 90, que coincidem com a criação do projeto responsável pela revista feminista, e a Marcha das Vadias de 2011, retratada por artigos de 2019 e 2020 publicados nesse mesmo periódico. Estão sob análise a *lexia* “feminismo” e as demais *lexias* adjacentes e derivadas que a ela podem ser associadas discursivamente e que estejam presentes nos artigos selecionados, como “transfeminismo”, “machismo”, “sexismo” e “patriarcado”. Assim, observou-se o desenvolvimento do aporte léxico do movimento feminista e sua capacidade de refletir a inclusão social das mulheres nos diferentes temas que cercam a realidade feminina. Ainda que constituído de vários discursos, o movimento feminista encontra nos Estudos Linguísticos a área ideal para a validação da existência da figura feminina no espaço social cultural bem como a valorização do compartilhamento de suas vivências.

**Palavras-chave:** Feminismo; Lexicultura; Manifestações discursivas no léxico.

## ABSTRACT

A lexical repertoire can be created, reframed and even erased while it is motivated by evidence of historical-cultural moments situated by the discourse, causing changes at the cultural, ideological and behavioral level (BAKHTIN, 2014). A language has the power to shape as much as it can be shaped by the community that speaks it. The feminist movement encourages the reflection on the importance of language by bringing to mass culture many evidences of the subjectivities present in the relationship of oppression between the male and female figures in society, such as the invisibilization of women by linguistic codes (BOENAVIDES, 2019). As academic feminists identified tensions in language use, they also became aware that the lexicon and society are constantly changing due to their interdependent relationship (COELHO; MESQUITA, 2013). The convergence of these two knowledges within the feminist movement allowed the women's collective to develop, from its most primordial organization, actions and debates in the struggle for social change through the naming of reality itself through the creation of what Biderman (2001) defines as *lexia*, a term coined by Pottier (1972). The aim of this research is to trace a lexicological path that highlights the relationships between feminist discourses from different scientific perspectives through the use of *lexias* in the role of validators of issues pertaining to female reality and identity. In this sense, it is verified the hypothesis that it is possible to describe, from the dialogic perspective, the cultural discursive transformations provoked by the changes that the domain and the conscious use of the creation and lexical redefinition promote at a cultural level. The present study connects Lexicology and Lexicography (BIDERMAN, 1998; 2001), Lexiculture (GALISSION, 1987) and Bakhtinian dialogism (BAKHTIN, 1986; 2014) in the investigation of discourse marks present in the lexical units collected in scientific articles, treated with the AntConc - [www.laurenceanthony.net](http://www.laurenceanthony.net), from the *Revista Estudos Feministas* journal, in two events of the feminist movement in Brazil: the emergence of queer theory in the 90s, which coincided with the creation of the project responsible for the feminist magazine, and the Marcha das Vadias de 2011, portrayed by articles from 2019 and 2020 published in that same journal. The lexicon "feminism" and other adjacent and derived *lexias* that can be discursively associated with it and that are present in the selected articles, such as "transfeminism", "machismo", "sexism" and "patriarchy", are under analysis. Thus, the development of the lexical contribution of the feminist movement and its ability to reflect the social inclusion of women in the different themes that surround the female reality was observed. Although made up of several discourses, the feminist movement finds in Linguistic Studies the ideal area for validating the existence of the female figure in the social cultural space, as well as valuing the sharing of their experiences.

**Keywords:** Feminism; Lexiculture; Discursive manifestations in the Lexicon.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGEM 1 - RESUMO DE ALGUMAS CONCEPÇÕES TERMINOLÓGICAS NA LEXICOLOGIA .....	22
IMAGEM 2 – RESSIGNIFICAÇÃO DA LEXIA “VADIA” .....	29
IMAGEM 3 - LEVANTAMENTO PRELIMINAR DE LEXIAS ASSOCIADAS AO FEMINISMO .....	40
IMAGEM 4 – VERBETE “ADJACÊNCIA” .....	42
IMAGEM 5 - ORGANIZAÇÃO DOS DADOS PARA COLETA.....	44
IMAGEM 6 - INTERFACE DO SOFTWARE ANTCONC .....	46
IMAGEM 7 - ABA DE FERRAMENTAS AUXILIARES .....	47
IMAGEM 8 - RECURSO DE IDENTIFICAÇÃO DE CLUSTERS.....	48
IMAGEM 9 - TABELAS DE LEXIAS COLETADAS LEXIA/ARTIGO/ANO.....	48
IMAGEM 10 - REPRESENTAÇÃO EM CONJUNTOS DOS DADOS DE 1992 .....	49
IMAGEM 11 – GRAFO CONEXO E ACÍCLICO DO TIPO “ÁRVORE” .....	51
IMAGEM 12 – MODELO DE GRAFO CONCEBIDO PARA A ANÁLISE.....	52
IMAGEM 13 - GRAFO DE REDE NEURAL DE REDES SOCIAIS.....	54
IMAGEM 14 - PROCESSAMENTO DO ARTIGO REF92 LALB NO SOFTWARE ANTCONC.....	55
IMAGEM 15 - TABELA DE CLASSIFICAÇÃO DAS LEXIAS/ FREQUÊNCIA/ PARES DE 1992.....	56
IMAGEM 16 - TABELA DE CLASSIFICAÇÃO DAS LEXIAS /FREQUÊNCIA/ PARES DA “MARCHA DAS VADIAS”.....	57
IMAGEM 17 - TABELA DA RELAÇÃO DE GRAFOS TAMANHO UM .....	75
GRAFO 1 - S+R (REF92) .....	60
GRAFO 2 - D+A (REF92) .....	61
GRAFO 3 - S+T (REF92) .....	62
GRAFO 4 - S+C (REF92) .....	63
GRAFO 5 - L+C (REF92).....	64
GRAFO 6 - SL+MdV (REF19).....	66
GRAFO 7 - H+MdV (REF20) .....	68
GRAFO 8 - A+MdV (REF19) .....	69
GRAFO 9 - REF93.2 - CDLC E REF00.2 - CLC.....	85
GRAFO 10 - REF95 - BS .....	86
GRAFO 11 - REF98.2 - DD, ACGV, REF97 - RS, REF98.2 - AP .....	87
GRAFO 12 - REF99 - MLBM.....	88
GRAFO 13 - REF94 - MPG, REF94 - SA, REF-94 - PC.....	89
GRAFO 14 - REF97.2 - MG, REF95 - MDCM, REF97.2 - AA .....	91
GRAFO 15 - REF95.2 - FO, REF93 - SBF.....	93
GRAFO 16 - LEXICOGRAMA DE RELAÇÕES ENTRE DISCIPLINAS E TEMAS .....	95
CONJUNTO DE GRAFOS DE TAMANHO 2 .....	75
CONJUNTO DE GRAFOS SEM O FEMINISMO 1 .....	80
CONJUNTO DE GRAFOS SEM O FEMINISMO 1 .....	82
DEMAIS GRAFOS PARTILHADOS ENTRE ARTIGOS.....	83

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>1. LÉXICO E SOCIEDADE .....</b>	<b>20</b>
1.1 O estudo do léxico .....	20
1.2 Léxico e cultura.....	22
1.3 Abolição x criação x ressignificação no Léxico .....	28
<b>2. O ATO DISCURSIVO DE NOMEAR.....</b>	<b>33</b>
2.1 O dialogismo bakhtiniano .....	33
2.2 As lexias e a rede de significações.....	36
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>39</b>
3.1 Preparação dos critérios de seleção de lexias .....	39
3.2 <i>A Revista Estudos Feministas</i> .....	43
3.3 A ferramenta AntConc .....	45
<b>4. ANÁLISE LEXICULTURAL .....</b>	<b>58</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>98</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>101</b>
<b>APÊNDICE A – LEXIAS FEMINISTAS DE 92 A 95 .....</b>	<b>105</b>
<b>APÊNDICE B – LEXIAS FEMINISTAS DE 92 A 95 (2).....</b>	<b>105</b>
<b>APÊNDICE C – LEXIAS FEMINISTAS DE 92 A 95 (3).....</b>	<b>106</b>
<b>APÊNDICE D - LEXIAS FEMINISTAS DE 92 A 95 (4) .....</b>	<b>106</b>
<b>APÊNDICE E - LEXIAS FEMINISTAS DE 92 A 95 (5).....</b>	<b>107</b>
<b>APÊNDICE F - LEXIAS FEMINISTAS DE 96 A 99 .....</b>	<b>107</b>
<b>APÊNDICE G - LEXIAS FEMINISTAS DE 96 A 99 (2) .....</b>	<b>108</b>
<b>APÊNDICE H - LEXIAS FEMINISTAS DE 96 A 99 (3) .....</b>	<b>108</b>
<b>APÊNDICE I - LEXIAS FEMINISTAS DE 96 A 99 (4).....</b>	<b>109</b>
<b>APÊNDICE J - LEXIAS FEMINISTAS DE 96 A 99 (5) .....</b>	<b>109</b>
<b>APÊNDICE K - LEXIAS DE 00 E DO TEMA MDV .....</b>	<b>110</b>

## SUMÁRIO

<b>APÊNDICE L - LEXIAS DE 00 E DO TEMA MDV (2).....</b>	<b>110</b>
<b>APÊNDICE M - LEXIAS DE 00 E DO TEMA MDV (3) .....</b>	<b>111</b>
<b>APÊNDICE N - LEXIAS DE 00 E DO TEMA MDV (4) .....</b>	<b>112</b>
<b>APÊNDICE O - LEXIAS DE 00 E DO TEMA MDV (5).....</b>	<b>113</b>

## INTRODUÇÃO

No ano de 2011, o mundo foi surpreendido pela ideia de que uma apropriação de vocabulário teria o poder de provocar reflexões e mudanças culturais a nível global. O evento responsável por incitar o debate acerca das raízes da violência de gênero teve seu início em uma manifestação feminista canadense e recebe o nome de *Slutwalk*, mais tarde traduzido como Marcha das Vadias a partir da sua chegada ao Brasil em Outubro do mesmo ano. A Marcha das Vadias teve sua notoriedade consolidada ao conseguir que mulheres de diferentes realidades se identificassem com a mesma ideia de que não importa a classe social, a etnia, ou faixa etária de uma mulher vítima de violência: todas elas compartilhavam da mesma experiência de serem culpabilizadas pelas violências que sofriam. Tal fato é postulado pela escolha deliberada da nomenclatura do movimento, que resgata e ressignifica o repertório lexical a ser combatido: o masculino.

A lexia “vadia” foi o elemento chave que colocou a marcha em evidência por estar se utilizando de uma designação própria do discurso masculino para invalidar essa própria designação. O ponto de partida para essa escolha foi a “[...] declaração de um policial, em um fórum universitário sobre segurança no *campus*, de que as mulheres poderiam evitar ser estupradas se não se vestissem como *sluts*” (GOMES; SORJ, 2014). As traduções adotadas pelo movimento em países de língua portuguesa, inglesa, espanhola e francesa foram, respectivamente: Marcha das Vadias (Brasil), Marcha das Galdérias/ Ordinárias (Portugal), *Slutwalk*, *Marcha de las Putas/ Vagabundas*, e *Marche des Salopes* (GALETTI, 2014). Em consenso, todos os idiomas citados possuíam em seu aporte lexical a nomeação (de conotação negativa) da figura feminina, que seria desprovida de valores morais e, portanto, culpada pelas violências sofridas como se elas fossem consequências de seus desvios de comportamento. A mera utilização de “vadia” na fala de um homem faz transparecer naquele momento um discurso que buscava justificar a perpetuação da cultura do estupro para eximir os homens, a força policial, e a falta de conscientização da sociedade como um todo, de qualquer culpa. Esse fenômeno mais tarde recebeu o nome de *Slut-shaming*<sup>1</sup>.

Assim, em resumo, o processo de organização do movimento ocorreu cronologicamente na sequência:

- Aumento dos casos de estupro dentro da Universidade canadense;
- Convocação de uma palestra sobre segurança no campus;

---

<sup>1</sup> Junção das palavras *slut* (vadia) e *shaming* (ato de envergonhar, humilhar) ainda sem tradução definida. “tachar de prostituta” em tradução livre.

- Fala do policial sobre as roupas usadas por vítimas de estupro;
- Identificação do discurso de cunho machista;
- Divulgação nas redes sociais;
- Debate internacional acerca da cultura do estupro;
- Manifestação “Marcha das Vadias” no Canadá;
- Manifestações em mais de 24 cidades espalhadas pelo mundo naquele mesmo ano.

É necessário destacar que a interpretação e leitura discursiva da utilização da lexia “vadia” na fala do policial se deve, também, ao fato de o movimento ter se originado no ambiente universitário: a Universidade de Iorque, em Toronto, palco da fala citada. As alunas da universidade rapidamente divulgaram o que havia acontecido em suas redes sociais e foi assim que Alyssa Teekah foi contactada pelas feministas Heather Jarvis e Sonya JF Barnett sobre a organização de um movimento que dialogasse com o movimento feminista (ADELMAN, 2011). No Brasil, essa realidade não foi diferente, conforme nos relata Gomes e Sorj (2014) ao afirmar que “as organizadoras da *marcha* do Rio de Janeiro são majoritariamente mulheres jovens, de cor branca e com nível educacional **universitário**” (grifo nosso). Ainda que exista uma coletividade de organizadoras para as manifestações brasileiras, de maneira desconforme à coordenação do mesmo movimento no Canadá, mantém-se a forma de interpretação acadêmica de um fenômeno social, buscando-se meios de confrontar os problemas identificados. Assim, A Marcha das Vadias é idealizada e organizada dentro do ambiente universitário por mulheres que possuíam acesso ao conhecimento, de tal maneira que elas se tornaram críticas ao discurso evidenciado pelo uso de determinado aporte lexical como marca de “micromachismos” na língua, que apontavam para a necessidade de se discutir, em um nível estrutural mais profundo, como a cultura dialoga com a subjugação da figura feminina.

No nível linguístico, o acesso das mulheres às questões que envolvem língua e sociedade levou o movimento feminista à consciência de que a figura feminina está submetida ao vocabulário do homem, pois são necessárias intervenções linguísticas para o compartilhamento de vivências como o “sexismo”, o “machismo”, o “assédio”, dentre outras criações lexicais. Essas intervenções podem, inclusive, se manifestar de várias maneiras: criando novas lexias nomeadoras da realidade; criando novas derivações que ampliem o alcance de utilização de conceitos por trás das lexias; restringindo, substituindo ou apagando lexias que sejam utilizadas como ferramenta de opressão do discurso feminista; ou

ressignificando lexias com o objetivo de amenizar ou anular os estigmas e estereótipos perpetuados por sua utilização.

A criação de novas lexias como a própria designação “feminista” permitiu trazer para a concretude o conceito da mulher ativista que está consciente das questões de gênero que permeiam uma sociedade patriarcal. A criação de novas derivações expandiu conceitos, como pode ser visto mais adiante neste trabalho com a lexia “patriarcado” que possui uma longa lista de derivações para abarcar diferentes visões teóricas (semipatriarcais, parapatriarcais, patrilinear, patriarcalismo, patriarcal, patriarcalização, antipatriarcais, cisheteropatriarcado, heterocispatriarcal, e patriarca).

Por outro lado, o fenômeno do apagamento almeja desestimular comportamentos e conceitos associados à utilização de lexias e até mesmo expressões inteiras. Alguns exemplos de lexias ditas como “a se evitar” pelo movimento feminista são “mulherzinha” e “mal-amada”. A primeira lexia não apenas perpetua a ideia de um estereótipo feminino com conotação negativa como também é utilizada para se referir a homens cuja masculinidade estaria sendo rebaixada a uma feminilidade, um status de inferioridade à sua natureza. A segunda lexia sugere que determinados comportamentos negativos de uma mulher estariam associados à qualidade de seus relacionamentos amorosos, o que remete à questão histórica da função familiar da mulher na sociedade patriarcal. A dizer, o objetivo de vida das mulheres é apenas estar em um relacionamento com um homem e, portanto, seus comportamentos e sua individualidade possuiriam uma relação de dependência com esse relacionamento. A mulher não existe fora dele.

Para a descrição do fenômeno da ressignificação, é necessário considerar não somente uma lexia como também um contexto anterior e posterior a um fato que teria desencadeado uma mudança conceitual expressa por essa lexia. É o caso que se pode perceber mediante observação da lexia “sufragista”, por exemplo. No cinema, o drama histórico “As Sufragistas” escrito por Abi Morgan e dirigido por Sarah Gavron conta a história da personagem principal Maud Watts, uma mulher que se envolve com o movimento sufragista britânico no início do século XX. Para Maud, que não possuía formação política, a lexia “sufragista” estava associada à visão negativa que os homens tinham sobre as mulheres, pois achava que a opressão masculina era um sistema que não devia ser questionado (MONTEIRO; GRUBBA, 2017). No entanto, o contato com o movimento sufragista ressignificou essa lexia para ela, que passou a se identificar com as demais mulheres que lutavam contra a opressão feminina. Até mesmo o próprio movimento sufragista foi ressignificado quando abandonou décadas de

manifestações pacíficas e assumiu uma postura mais agressiva cujo objetivo era chamar a atenção dos políticos locais. A mulher sufragista que outrora fora considerada pelos homens apenas como “masculinizada” por desejar compor papéis até então exclusivamente masculinos é ressignificada e passa a ser uma sufragista considerada violenta e insubordinada.

A mulher reconhece pelos estudos linguísticos a ausência de sua própria visão de mundo no seu discurso, reproduzindo o discurso masculino e perpetuando essa relação de poder ao se definir pela voz do outro.

Acerca da nomeação da realidade como validador das experiências compartilhadas entre mulheres, Dos Santos e Lima (2018) dizem que “os Estudos da Linguagem não poderiam deixar de ser um dos focos das lutas feministas, uma vez que a língua é o lugar onde os sujeitos e suas experiências se constituem”. O mesmo pode ser aplicado aos Estudos do Léxico: considerando que existe a consciência do valor social do léxico de uma comunidade, a identificação dos elementos textuais que servem a esse propósito passa a ser vista como uma catalogação dessas intervenções culturais.

Conforme afirma Biderman (2001, p.178), “as mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares”. Portanto, cada uso vocabular faz parte da composição do léxico que por sua vez tem seu valor semântico acompanhado de um valor ideológico. Nesse sentido, é possível identificar que os estudos lexicais dialogam com as transformações da sociedade, e que o desenvolvimento do aporte léxico do movimento feminista contribui para a construção de uma sociedade igualitária.

Fundamentada pelo contexto gerado por esse movimento social, a presente pesquisa tem por objetivo principal traçar um percurso lexicológico para evidenciar as relações entre os discursos feministas de diferentes perspectivas científicas por meio do uso das lexias na função de validadores das questões pertinentes à realidade e identidade femininas. Para alcançar essa intenção, opta-se nessa pesquisa pela verificação dos padrões de utilização do aporte lexical do movimento Marcha das Vadias em comparação com os padrões de outros temas do movimento feminista brasileiro, por meio de modelos descritivos de análise de frequência de adjacências e derivações da lexia “Feminismo” em artigos científicos feministas. A dizer, compõem os objetivos específicos:

1. Seleção, delimitação, organização e processamento do *corpus* no *software* AntConc para o levantamento das lexias associadas ao aporte lexical feminista

em duas categorizações (adjacências ao feminismo ou derivações lexicais) e indicação de suas frequências de aparecimento;

2. Elaboração de tabelas e grafos que permitam a visualização, descrição e comparação de padrões de utilização do aporte lexical feminista em diferentes Disciplinas e tópicos;
3. Análise dos materiais elaborados com vistas a descrever e interpretar as manifestações lexicais do discurso feminista nos diferentes campos discursivos dentro do feminismo.

Para realizar a coleta de dados necessários, foi utilizada como fonte de pesquisa a *Revista Estudos Feministas* cujo repertório é constituído apenas de publicações originais com o elo comum de abordarem temas e autoras que operam ideologicamente em harmonia com os ideais do movimento feminista em suas múltiplas vertentes e áreas de interesse. Os artigos científicos selecionados são referentes às publicações das edições de 1992 até 2000 (83 artigos), em um primeiro momento, e, posteriormente, de 2019 e 2020 (3 artigos) referentes ao tema “Marcha das Vadias” da perspectiva de três Disciplinas diferentes: Sociolinguística, História e Antropologia. Para a apresentação da análise nesta dissertação, foi realizada a compilação dos 69 artigos publicados no período entre os anos de 1992 e 2000, além de três artigos do final da década de 2010 com o tema “Marcha das Vadias”, segundo os modelos elaborados para esse fim. Para a realização dessa compilação, os artigos foram agrupados conforme o tamanho dos grafos apresentados e as combinações de Disciplina+tema na qual estão respectivamente inseridos.

Ainda que busque complementação teórico metodológica na teoria da Análise Dialógica do Discurso e no conceito de modelagem da Teoria dos Grafos, este trabalho está inscrito na linha de pesquisa de Estudos Lexicais porque toma como principal objeto de interesse o papel do léxico em sua relação com a cultura e a identidade de uma comunidade de falantes do mesmo idioma, motivo pelo qual só foram utilizados artigos escritos em Português Brasileiro e publicados por uma revista brasileira que é fruto da luta das mulheres da comunidade científica nacional.

A relevância acadêmica e social deste trabalho se justifica na multiDisciplinaridade com a qual observa os fenômenos linguísticos responsáveis por mudanças em nível cultural, e também mudanças de alcance transnacional, cuja divulgação oferece subsídios para o desenvolvimento de pesquisas mais aprofundadas em pelo menos três Disciplinas diferentes, sendo elas: os Estudos Feministas - por meio da reafirmação constante da relação

indissociável entre as conquistas do movimento feminista e a produção de conhecimento da comunidade acadêmica; os Estudos Linguísticos - por meio dos Estudos Lexicais que põem em alta relevância a relação indissociável entre a língua(gem), a cultura e a sociedade; e Análise do Discurso - por meio das abordagens filosóficas e conceituais que unem indissociavelmente a palavra e a materialidade do discurso nas relações sociais.

O presente trabalho discorre sobre sua fundamentação teórica em dois capítulos, cada um dedicado à explanação de uma Disciplina utilizada para o estudo dos fenômenos linguísticos analisados. Na sequência, é dedicado um capítulo para tratar da metodologia utilizada no processo de organização e exposição dos dados coletados. O quarto capítulo expõe detalhes sobre a análise realizada no âmbito desta pesquisa para que, enfim, sejam feitas as considerações finais do trabalho científico produzido.

O primeiro capítulo trata da Ciência do Léxico e sua relação com a sociedade, explicitando as noções introdutórias necessárias para que sejam apresentadas as noções de lexicultura essenciais para este trabalho no tocante à identificação e evidenciação de marcas culturais cristalizadas na língua portuguesa. São apresentadas algumas evidências preliminares e demonstradas as formas de atuação do estudo lexical ao tratar das questões do movimento feminista.

No segundo capítulo, é apresentado o pensamento bakhtiniano dialógico, a relação da palavra com a identidade e a ideologia, e a filosofia por trás de conceituações fundamentais para as associações que são realizadas mais adiante neste trabalho. De maneira diferente do capítulo anterior, que tem caráter expositivo e introdutório, esse segundo momento é dedicado a complementar e fornecer as noções teóricas necessárias que reafirmam a importância e versatilidade dos estudos do léxico por diferentes olhares e interpretações teórico-metodológicas.

No terceiro capítulo, é dilucidado o percurso metodológico realizado nesta pesquisa no decorrer desta investigação. Esse momento do trabalho dedica-se à apresentação detalhada de como foram cumpridos os objetivos específicos previamente discriminados mediante aplicação das teorias selecionadas, como os caminhos metodológicos seguidos na organização e tratamento dos dados coletados, destacando a relevância do *corpus* selecionado, os obstáculos de pesquisa encontrados nas diferentes etapas concluídas, além da elaboração de estratégias de visualização dos resultados obtidos.

No quarto capítulo, são retomadas as questões teórico-metodológicas para a

interpretação dos resultados obtidos em suas variadas formas de visualização. Este segmento do trabalho está estruturado em três momentos: o primeiro traz a discussão sobre a relação entre as lexias e os pares de Disciplinas e tópicos (D+T); o segundo apresenta a discussão sobre a relação entre as Disciplinas e os tópicos por meio da observação das frequências de aparecimento de adjacências e derivações; e o terceiro coteja as conclusões das duas discussões anteriores em relação aos seus contextos de produção (ano de publicação).

Em conclusão, as considerações finais sintetizam as interpretações das análises realizadas e seus possíveis encaminhamentos para futuras utilizações e aperfeiçoamentos dos modelos lexicais criados, seguida das referências bibliográfica utilizadas.

## 1. LÉXICO E SOCIEDADE

O estudo do léxico, ou a ciência da Lexicologia, tem seu lugar nos estudos da linguagem devido ao papel do léxico na arquitetura e funcionamento da língua (BIDERMAN, 1996). Estudar a língua significa, portanto, também voltar os olhares para as questões da linguagem, uma vez que ambos são elementos indissociáveis. Tal elo entre língua e linguagem foi o fio condutor que levou os estudiosos a perceberem o léxico, até meados do século XVIII, por duas vias: 1) pelos dicionários; 2) pela Filosofia que permeava o estudo da palavra.

A consequência da influência grega no estudo da palavra é a reflexão acerca das implicações da percepção de mundo pela da língua. A partir dessa relação, pode-se chegar à questão de sua arbitrariedade, como expõe Weedwood (1995, p.23-24):

A história registrada da linguística ocidental começa com um confronto entre duas visões da língua(gem) fundamentalmente opostas: a língua(gem) como fonte de conhecimento, e a língua(gem) como um simples meio de comunicação. (WEEDWOOD, 1995, p. 23-24)<sup>2</sup>

A mesma reflexão, sobre a percepção da língua(gem) como reflexo da realidade ou não permitiu que o extralinguístico passasse a ser enxergado como elemento constitutivo do sentido da palavra e, conseqüentemente, refletido em seu uso, pois são as unidades lexicais que referenciam essa realidade. Acerca dessa relação, Villalva & Silvestre (2014, p. 23) afirmam que “procurar conhecer o léxico de uma língua a partir do conhecimento do léxico dos falantes implica compreender o que se passa nessa dimensão”. Em outras palavras, o estudo do léxico nunca estaria completo sem o estudo da cultura e da interpretação de mundo herdada pelos falantes de determinado idioma.

No entanto, para entender melhor o estudo do léxico e sua relação com a sociedade, primeiro é necessário estudar mais a fundo o que é, afinal, o léxico, a cultura, como se dá a relação entre eles e como a sociedade dialoga com essa relação.

### 1.1 O estudo do léxico

Para entender o objeto de interesse dos estudos lexicais, parte-se neste tópico da distinção entre léxico e vocabulário. Conforme afirma Polguère (2018, p. 103), “o vocabulário de um indivíduo é o subconjunto do léxico de uma dada língua que contém as lexias dessa língua que o indivíduo em questão domina”. Isso implica dizer que apesar de ambos serem

---

<sup>2</sup> A obra original, em inglês, foi traduzida por Marcos Bagno que assumiu *Language* como ambos, língua e linguagem, não havendo separação clara no texto.

conjuntos de lexias, o vocabulário se limita às opções que um falante tem à sua disposição, que podem ser contabilizados. O conjunto lexical, por outro lado, não possui um número finito de elementos porque compreende para além das palavras legitimadas em contexto, desde neologismos até possibilidades de construção da língua. O léxico também é chamado por Polguère (2018, p. 103) de “metassigno”, pois está “potencialmente associado a várias formas de palavras distintas e que corresponde diretamente à noção de lexia”.

Assim sendo, propõe-se que a palavra não seja associada a seu caráter morfológico (unidade morfemática). Para tal, introduz-se no estudo das palavras a noção de lexia e lexema. A lexia é a unidade lexical designada por Pottier (1972, *apud* BIDERMAN, 2001) para distinguir signos que assumem, quando fixados em grupos, um caráter lexical complexo “que o falante não constrói no momento da fala, mas tira do conjunto de sua memória lexical” (FORTUNATO, 2008, p. 1401). Dessa forma, a lexia se realiza no discurso.

Entender o termo lexema, talvez seja a maior dificuldade nesse contexto. Cunha (2019) dá sua contribuição, definindo-o como a “classe aberta” de unidade léxica. A dizer:

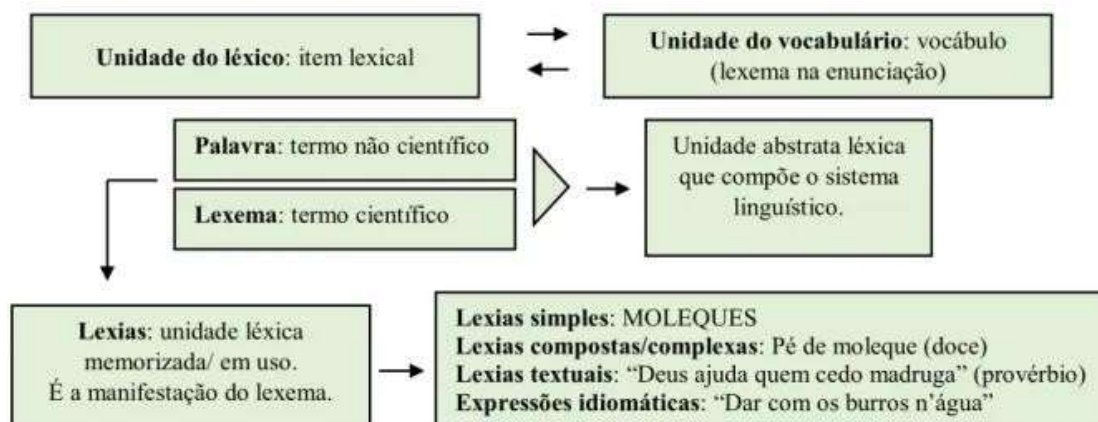
[...] são em número ilimitado pelo fato de o sistema permitir a criação ou inclusão de novas unidades, aos neologismos e estrangeirismos, por exemplo; além do fato de esses componentes estarem sujeitos a mudanças relativamente rápidas no âmbito das classes a que pertencem. (CUNHA, 2019, p. 17)

Portanto, ainda que toda palavra seja uma unidade mínima significativa que compreende significação externa, os lexemas são referenciais. Sendo assim, a identificação de lexemas e a existência da diferenciação entre lexia e vocábulo permitem concluir que o léxico pode ser definido por um conjunto de palavras em constante e ilimitada atualização que possui significado social (referencial).

A correlação entre o social e o lexical na questão da significação faz menção ao componente discursivo presente no repertório lexical uma vez que já foi declarado neste texto que o léxico tem em conta os fatores extralinguísticos que constituem a língua para além da sua gramaticalidade. Pode-se desprender das definições acima a conclusão de que a lexia está mais próxima do discursivo, da fala, enquanto o lexema está mais próximo do gramatical, da língua.

Na imagem a seguir, Ferreira (2018, p. 39) define, para a elaboração de material didático, as unidades do léxico e as unidades do vocabulário, que são apenas teoricamente separadas, para que seja possível a visualização de como as definir pela distinção entre elas.

**Imagem 1 - Resumo de algumas concepções terminológicas na Lexicologia**



Fonte: Ferreira (2018, p. 39)

O esquema acima tem por objetivo facilitar o entendimento das relações entre os itens descritos. A unidade do léxico e a unidade do vocabulário são apresentadas em relação dialógica, e a partir desses elementos é apresentada a distinção entre a palavra e o lexema, culminando na definição de lexia e suas classificações estruturais.

Com base nas definições de lexia, pode-se ratificar a correlação existente entre o estudo do léxico e a dimensão social discursiva da língua. De acordo com Schinelo e Parreira da Silva (2014, p. 6):

[...] os estudos do léxico, por tratar de um objeto tão difícil de apreender e de natureza diversificada, também não deve se restringir a uma abordagem única. O texto é o espaço de materialização do discurso e o vocábulo traz sentidos históricos que se atualizam em dado contexto. (SCHINELO; PARREIRA DA SILVA, 2014, p. 6)

Essa afirmação corrobora nosso intento nesta pesquisa, por um lado pela consideração da natureza diversificado do léxico, o que permite uma visão ampla e a possibilidade de diversas intersecções de teorias e abordagens, por outro lado, porque nosso enfoque são justamente as lexias tiradas de contextos discursivos especiais, mostrando as transformações das ressignificações que um movimento social pode proporcionar.

No tópico a seguir, explora-se o dialogismo dessa relação existente por meio do seu papel constitutivo nos discursos que permeiam a noção de cultura.

## 1.2 Léxico e cultura

Uma vez que estão definidos os conceitos de léxico, lexia e lexema, vamos discutir,

neste tópico, a relação incontestável de uma sociedade com sua(s) língua(s). Mais especificamente, podemos sustentar que as visões de mundo de cada falante nomeiam a realidade conforme suas impressões e atribuem significações sociais às palavras. Sobre esse fenômeno, Lara (2006, p.213) afirma que:

[...] as palavras se convertem facilmente em símbolos sociais; isto é, transcendem sua natureza de signos linguísticos e se convertem em representações de concepções, valores e tabus sociais, aos quais se atribuem desde propriedades mágicas até funções morais ou ideológicas. (LARA, 2006, p. 213)<sup>3</sup>

Por conseguinte, as palavras estão dotadas de uma significação coletiva social que tem o poder de refletir valores coletivos de uma comunidade de falantes de um mesmo idioma. Tais valores podem ser morais, éticos, tabus, e perpetuam ideologias por meio dos discursos realizados na interação entre os falantes. A dizer, além de compartilharem um idioma, os membros de uma sociedade também compartilham valores refletidos por esse idioma e, conseqüentemente, significações decorrentes do repertório lexical que concretiza o compartilhamento de ideologias na interação social.

Logo, faz-se necessário refletir acerca da relação entre conceitos fundamentais por trás do estudo do léxico para que, enfim, seja possível dissertar acerca daquilo que Galisson (1987) chamou de “palavra com carga cultural compartilhada”.

Faz-se necessário abordar, primeiramente, as questões de representatividade e de identidade atreladas à cultura antes que se discuta a “carga cultural compartilhada”. A noção de cultura, que também precisa ser estabelecida aqui, por sua vez, é tratada por diversas áreas do conhecimento e, portanto, sua definição é delimitada pelo olhar com o qual ela é abordada.

Para o dicionário *online* Michaelis<sup>4</sup>, o substantivo feminino “cultura” possui nove acepções, dentre elas, estão dispostas a seguir as três que mais dialogam com este contexto:

- “conjunto de conhecimentos, costumes, crenças, padrões de comportamento, adquiridos e transmitidos socialmente, que caracterizam grupo social” (a definição antropológica);
- “conjunto de conhecimentos adquiridos, como experiências e instrução, que levam ao desenvolvimento intelectual e ao aprimoramento espiritual”, como uma sabedoria coletiva;

<sup>3</sup> Tradução nossa : “[...] las palabras se convierten fácilmente en símbolos sociales; es decir, trascienden su naturaleza de signos lingüísticos y se convierten en representantes de concepciones, valores y tabúes sociales, a los que se les atribuyen desde propiedades mágicas hasta funciones morales o ideológicas.”

<sup>4</sup> **Dicionário Michaelis Online**. Disponível em: < <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cultura/>>. Acesso em: 7 mar. 2023.

- “requisite de hábitos e conduta, bem como apreciação crítica apurada”.

Dispensando-se a última acepção, que foi referenciada por ser um senso comum e um entendimento superficial de cultura, que não colabora para nossa linha teórica, pode-se interpretar que as duas primeiras definições transcritas tratam a cultura como um elemento condicionado por dois fatores, sendo eles comportamentais e intelectuais, de maneira indissociável.

A partir dessa premissa, pode-se tanto estudar uma cultura pelo comportamento de uma comunidade como pelos conhecimentos que são compartilhados dentro desse grupo, um fato que faz com que a língua que compartilham seja também considerada um saber que constitui uma cultura. A cultura pode ocupar uma posição central e privilegiada porque perpassa todos os âmbitos sociais em que a língua se manifesta, além das representações que fazemos dos acontecimentos e de nossa identidade que constitui por meio da língua e das relações sociais (HALL, 1997). Hall (1997, p.16) sustenta que “toda ação social é ‘cultural’, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação”.

Galisson (1988), por sua vez, afirma que toda unidade lexical está marcada pela cultura que por sua vez fornece um conteúdo extralinguístico partilhado por meio de vivências comuns a um grupo. Sendo assim, a cultura pode ser percebida como uma noção coletiva de mundo e pode ser observada, ouvida e sentida por uma comunidade de falantes, produzindo um sujeito coletivo.

É por meio da linguagem que uma comunidade é capaz de manifestar sua cultura e transmitir entre seus membros os seus conhecimentos, crenças e costumes, imortalizando memórias coletivas de aprendizados dos integrantes de um mesmo grupo. Seus membros adquirirão, pela observação do léxico utilizado, representações verbais da realidade e suas interpretações. Logo, discorrer sobre cultura implica por sua vez tratar da constituição de um imaginário coletivo repleto de representações, discursos, símbolos e valores que resultam na produção de uma identidade partilhada.

Galisson (1988) complementa a afirmação acima ao estabelecer que para que seja possível a existência de uma identidade também deve ser possível a existência de uma cultura partilhada por indivíduos que estão submetidos às mesmas normas, no mesmo grupo social e o mesmo idioma. Sendo assim, a relação entre língua e cultura envolve questões de significação e, conseqüentemente, a existência de um sujeito coletivo atrelado a uma

identidade coletiva que é partilhada por meio do léxico.

Para os membros de uma comunidade como o movimento feminista, que partilham de uma identidade coletiva, as manifestações de sua cultura marcam fortemente as lexias que constituem seu repertório lexical, materializando discursivamente opressões sofridas por esse grupo. As lexias carregam em si discursos inteiros que por vezes se sobrepõem aos seus significados, tal qual afirma Barbosa (2009, p. 35) ao enunciar que “algumas palavras são mais mobilizadas pela sua CCP do que pelo seu significado”, isto é, nem sempre a conotação da palavra depende de seu significado, mas sim da impressão geral partilhada entre os falantes de uma língua acerca daquela palavra. Um exemplo clássico do português brasileiro para essa constatação é o da lexia “rapariga”, cuja análise possibilitará uma visualização melhor das reflexões de Galisson (*op.cit.*) e Barbosa (*op.cit.*). Tal palavra consta como substantivo feminino no *Dicionário Michaelis Online* e possui quatro definições no seu verbete, sendo elas:

- 1) mulher virgem;
- 2) mulher no início da adolescência;
- 3) **concubina; e**
- 4) **prostituta.**<sup>5</sup>

O dicionário *online* Priberam, por sua vez, define “rapariga” por:

- 1) mulher nova;
- 2) mulher entre infância e adolescência;
- 3) menina pequena; e
- 4) **Prostituta ou concubina.**<sup>6</sup>

Ainda que as primeiras e mais imediatas acepções de “rapariga” não tenham saído de uso, seja em Portugal ou em diversas regiões do Brasil, a palavra não aparece nos veículos de informação por causa de seu caráter depreciativo entre os falantes do português brasileiro. É importante notar que tais impressões sociais estão registradas de diversas maneiras nos dicionários. No *Dicionário Michaelis Online*, a terceira e quarta definições são acompanhadas da marca de regionalismo (Goiás, Minas Gerais e nordeste); no *Dicionário Priberam*, a última definição acompanha a marca de “brasileirismo”, regionalismo (nordeste) e “depreciativo”.

A partir desses dados, pode-se rapidamente perceber que o caráter depreciativo

<sup>5</sup> **Dicionário Michaelis Online**. Disponível em: < <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=jO7XW>>. Acesso em: 8 jul. 2020. Grifo nosso.

<sup>6</sup> **Dicionário Priberam**. Disponível em: < <https://dicionario.priberam.org/rapariga>>. Acesso em: 8 jul. 2020. Grifo nosso.

caminha sempre junto ao uso dessa palavra, sobrepondo-se à primeira definição (ou à mais antiga) por influência dessa visão nos falantes. Mesmo que a intenção comunicativa do falante brasileiro seja a primeira definição de “rapariga”, o referencial que é evocado a partir do uso dessa palavra é hegemonicamente negativo. No *Dicionário Online do Português*, ainda está registrada a informação de que o significado “mulher entre infância e adolescência” é “pouco usual no Brasil”<sup>7</sup>, evidência que comprova um caso da sobreposição da ideia social sobre o seu significado.

É importante valer-se do presente tópico acerca das lexias e suas significações para dedicar um momento dessa discussão à atuação que as representações da mulher e os estereótipos acerca da feminilidade exercem na materialidade discursiva. A dizer, se a questão da representatividade está diretamente associada à noção de identidade, essa relação pressupõe que a maneira como a sociedade representa a figura feminina afeta diretamente a interpretação partilhada dentro de uma sociedade sobre o gênero feminino.

Se o movimento feminista deseja combater a hegemonia masculina e inserir seu próprio discurso na cultura partilhada dentro de uma sociedade patriarcal, é indispensável que se discutam os estereótipos de gênero que são partilhados dentro de uma cultura para produzir representações que inferiorizam a mulher. Em outros termos, deve-se considerar que, de acordo com Biroli (2011, p. 73):

Os estereótipos aparecem como uma dimensão da imposição, pelos grupos e estratos de grupos dominantes, de sua visão de mundo. E a mídia aparece como um instrumento central de sua propagação. Nesse caso, a relação entre conhecimento e superação dos preconceitos fica comprometida pelo fato de que o controle das informações e mesmo a produção da verdade (do que é assim apresentado e poderá ser assim percebido) estão no centro da dinâmica de dominação. (BIROLI, 2011, p. 73)

Dessa forma, o estereótipo que o homem produz e dissemina da mulher possui a função de manter um sistema de opressão da mulher que garanta a continuidade da hegemonia masculina.

Ainda sobre a influência das questões de hegemonia e poder na Carga Cultural Partilhada, outro exemplo da sobreposição da CCP sobre o significado pode ser percebido nos resquícios do colonialismo e do racismo em diversas comunidades modernas. Nessas comunidades, foram incorporados estudos linguísticos a estudos sociais para identificar diferentes tipos de violência verbal que configuram, hoje, reflexos de uma discriminação racial enraizada na cultura. Para que se possa entender como o estudo do léxico teve seu

---

<sup>7</sup> *Dicionário Online do Português*. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/rapariga/>>. Acesso em: 12 jul. 2020.

contato com o movimento social, é necessário observar a interDisciplinaridade que permeia as questões de ordem racial do presente e do passado. Sob a ótica das ciências sociais, Sales Júnior (2006, p. 230-231) expõe que:

A articulação de cordialidade, clientelismo e patrimonialismo configura o que denominamos de "complexo de Tia Anastácia" [...]. Esse complexo foi instaurado pelo que denominamos integração subordinada [grifo do autor], que define as formas hegemônicas em que se apresenta a discriminação racial: o estereótipo racial e o não-dito racista. (SALES JR, 2006, p. 230-231)

Em sua afirmação, o autor cita a cordialidade como uma das principais medidas de redução do distanciamento social entre o opressor e o oprimido. Em outras palavras, a cordialidade serve ao propósito da democracia racial porque visa compensar uma dinâmica histórica de exclusão e dominação dos negros pelos brancos. Sobre a questão histórica da relação inter-racial no Brasil, Campos (2016, p. 48) afirma que:

[...] verificou-se um processo gradativo de incorporação da população negra à sociedade brasileira, processo que envolveu, dentre outros aspectos, o reconhecimento da igualdade jurídica entre pessoas de todas as cores e raças e a assimilação da cultura dos afrodescendentes. Mas não houve um correspondente processo de inclusão social. (CAMPOS, 2016, p. 48)

Portanto, uma vez estabelecido o contexto social e histórico de desigualdade no Brasil citados acima, pode-se concluir que a cordialidade traduz uma compensação à falta de inclusão social refletida na língua. Cronologicamente, as ideias abolicionistas dentro de uma sociedade racista alcançaram o reconhecimento da população negra enquanto cidadãos (sob a ótica jurídica), mas não enquanto membros da comunidade. Conforme afirma Nascimento (2003, p. 248-250) “o foco da análise dos problemas dos negros se concentrava na classe, e não na raça”. Ademais, a visão de mundo retratada no léxico dessa sociedade ainda enxergava a pele negra com inferioridade, estigmatizando o negro. Mudadas as gerações, o movimento social buscou identificar as marcas dessa estigmatização racial, sequelas daquela visão de mundo, que permanecem enraizadas na cultura pela língua compartilhada entre os falantes. Da mesma forma, o movimento feminista identifica evidências de uma estigmatização, sendo ela relativa à inferiorização do sexo feminino. De maneira análoga, a estigmatização contribui para a inferiorização: da pessoa negra, da mulher, da mulher negra, da mulher negra pobre, em uma cadeia de relações de poder que se perpetua com a cultura e a língua de maneira interseccional.

Pelo estudo do léxico, o movimento de combate ao racismo buscou, por exemplo, identificar tais estigmas sociais, traçar suas origens e elaborar estratégias para tratar do distanciamento social entre a população negra e a branca. Alguns exemplos populares identificados são: denigrir/ denegrir (tornar negro), que no sentido figurado é “manchar-se a

reputação”<sup>8</sup> ; preto (indivíduo que pertence à raça negra), que na forma de substantivo masculino é “escravo ou empregado doméstico”<sup>9</sup>, ainda que possua a marcação de vocabulário antigo/antiquado; além de expressões como “serviço de preto”, “magia negra” e “meia-tigela”. Explicitamos o sentido desta última expressão, por ser um pouco opaca. Ela faz remissão à porção de refeição recebida proporcionalmente à qualidade do trabalho desempenhado por uma pessoa escravizada, pois ele ou ela recebia menos comida. Esse hábito teve origem na monarquia portuguesa, com os funcionários da coroa (GUIA DO ESTUDANTE, 2021), e depois foi utilizado no período escravagista também como uma forma de desqualificação. O âmbito da escravidão e do racismo é aqui utilizado como exemplo a fim de demonstrar que o movimento feminista elaborou estratégias semelhantes, por meio do estudo do léxico, para tratar das relações de poder entre homens e mulheres, discutindo tanto a ausência de léxico que refletisse as experiências femininas como desconstruindo discursos para identificar os valores sociais predominantes por trás da significação das lexias.

Enquanto o movimento de combate ao racismo enfatiza que a comunidade precisa abolir palavras de cunho racista de seu repertório lexical, o movimento feminista ressignifica a figura feminina na sociedade para reconfigurar, a longo prazo, uma visão de mundo compartilhada, pois ambos os movimentos reconhecem, no uso das palavras, uma cultura de opressão racial/sexual velada. Sobre a reprodução do estigma social, Correia (2006, p. 156) estabelece que:

A expressão destes preconceitos pode ocorrer, pelo menos, a dois níveis distintos: ao nível do próprio léxico, através das significações que efetivamente atribuímos às palavras e dos usos que delas fazemos, e ao nível do dicionário, através da forma específica como o lexicógrafo descreve determinadas unidades [...]. (CORREIA, 2006, p. 156)

Assim, quando a palavra é criada em um contexto que lhe confere significação e afeta seu uso, sua reprodução perpetua um léxico marcado. A abolição ou ressignificação desse vocabulário estereotipado (de referencial extralinguístico) implica no apagamento dessas marcas e, conseqüentemente, na ausência de tal estigmatização no futuro.

### **1.3 Abolição, criação e ressignificação no léxico**

<sup>8</sup> Dicionário Michaelis Online. Disponível em: < <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/denigrir/> >. Acesso em: 18 jun. 2020.

<sup>9</sup> Idem. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/preto/>> . Acesso em: 19 jun. 2020.

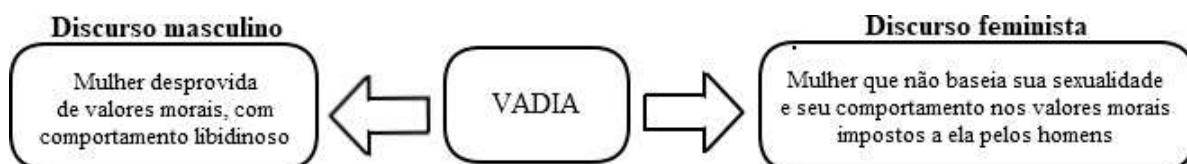
Se, por um lado, pode-se identificar a relação entre o estudo do léxico e a luta do movimento de combate ao racismo contra a discriminação racial por meio da abolição do léxico ou de elementos dele (registro da visão de mundo de uma sociedade branca escravocrata); por outro lado, pode-se enxergar a mesma luta contra o estigma social por meio da criação e ressignificação do/no léxico, como ocorre no movimento feminista.

A exclusão de palavras que possuem sua significação atrelada ao reforço de uma cultura racista implica na tentativa de corrigir uma visão de mundo herdada do colonialismo, como já mencionado. Por sua vez, a criação e ressignificação de unidades lexicais implica a tentativa de construção e atualização de uma visão de mundo, isto é, de tomar controle da significação e, conseqüentemente, da projeção de uma identidade:

[...] devido ao caráter polêmico desta apropriação, uma das principais críticas ao movimento Marcha das Vadias centrou-se, justamente, em sua nomenclatura, em virtude da apropriação do adjetivo “vadia”. As organizadoras de diversos coletivos estaduais deste movimento social justificavam tal apropriação como sendo consciente, com a finalidade de ressignificar tal palavra. Baseavam a tentativa de ressignificação na luta pela liberdade sexual, enunciando que ‘se ser livre é ser vadia, então, somos todas vadias’. (BOENAVIDES, 2019, p. 2)

O fenômeno da ressignificação evidenciado por Boenavides (2019) trata da apropriação que um coletivo pode fazer de elementos do discurso do outro. Esse fenômeno pode ser visualizado da seguinte forma:

**Imagem 2 – Ressignificação da lexia “vadia”**



Fonte: Elaboração própria. (FREITAS, 2022)

Assim, a ressignificação parte, a princípio, do entendimento do discurso do outro para, então, o não reconhecimento de si mesma naquele discurso. Em sua subjetividade, a mulher entende que ela não tem que se adaptar ao discurso masculino, mas sim construir um discurso com o qual haja identificação de sua realidade.

De maneira semelhante à dominação que o colonizador branco exerceu sobre a

população negra, a figura feminina também se viu historicamente subjugada ao homem e suas imposições ideológicas. Isso se deu porque a figura masculina sempre invalidou o discurso das mulheres e, com ele, suas vivências. Dessa forma, a visão de mundo da mulher foi por muito tempo ignorada, contribuindo para a existência de lacunas no repertório lexical cuja função seria a de referenciar experiências sociais exclusivamente femininas. Isso implica dizer que, em um mundo predominantemente masculino, o padrão comunicativo não contempla as vivências das mulheres, dificultando sua interpretação e sua expressão social. Afinal, uma referência que não possui representação gráfica ou sonora não pode ser compartilhada e difundida em sociedade.

Para lidar com essa questão, o movimento feminista passou a nomear vivências experienciadas, ou indicar condições necessárias para a sobrevivência, conforme suas interpretações da realidade, tais como:

- *Gaslighting* – Uma forma de abuso psicológico que consiste em distorcer a verdade para que o enunciador fique confuso, especialmente pela sugestão de que este possui algum distúrbio mental.<sup>10</sup>
  - Contexto: Quando o homem confronta a verdade da mulher dizendo “você está louca”, “você está histérica”, e “isso é coisa da sua cabeça”, mesmo sabendo que ela está falando a verdade.
- *Mansplaining* – Junção de *explain* (explicar) e *man* (homem). Usado especificamente quando um homem explica para uma mulher algo de que ela já tem conhecimento, apenas para impor superioridade intelectual.<sup>11</sup>
  - Contexto: Quando uma mulher fala para um homem que possui doutorado em Filosofia e ele começa a lhe explicar o que é Filosofia.
- Sororidade – Relação de união, afeição e amizade entre mulheres. Também se aplica à união de mulheres para um mesmo fim, geralmente de cariz feminista.<sup>12</sup>
  - Exemplo: É preciso ter *sororidade* para que todas as mulheres pensem como um grupo unido e lutem juntas contra a opressão de gênero.

<sup>10</sup> Dicionário Cambridge Online. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/gaslighting>> . Acesso em: 22 jun. 2020. Tradução livre.

<sup>11</sup> Dicionário Cambridge Online. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/mansplain>>. Acesso em: 22 jun. 2020.

<sup>12</sup> Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/sororidade>>. Acesso em: 22 jun. 2020.

- Feminista – Homem que se diz feminista, mas tende a praticar atos discrepantes com seu discurso.<sup>13</sup>
  - Contexto: O homem que prega publicamente a igualdade entre os gêneros, que pede desculpas por ser homem, mas que não deixa a esposa trabalhar porque “o lugar dela é cuidando da casa”.
- Patriarcado – Tipo de organização social em que a autoridade é exercida por homens.<sup>14</sup>
  - Contexto: Sistema no qual o homem é o chefe da casa. Uma mulher, portanto, não carrega o sobrenome da família, substituindo o sobrenome do seu pai pelo do seu esposo.
- Sexismo – Teoria que defende a superioridade do sexo masculino (geralmente) sobre o outro, também configura discriminação baseada em critérios de gênero sexual.<sup>15</sup>
  - Situação decorrente: As mulheres recebem salários inferiores ainda que com formação e competência profissional igual ou até melhor do que os homens na mesma posição.

A partir do momento em que a mulher reconhece que está submetida ao vocabulário do homem, ela reconhece a ausência de sua própria visão de mundo no seu discurso, reproduzindo o discurso dele e perpetuando essa relação de poder. As mulheres que são mães de meninos e meninas e que desconhecem essas questões do movimento feminista acabam por perpetuar esse discurso contra elas mesmas. É relevante notar que dessa observação surgem conceitos como “local de fala” ou “lugar de fala”, o principal argumento feminista para a não-inclusão de homens no movimento feminista, visto que a partir das próprias vivências e visão de mundo o homem não é capaz de produzir um discurso que expresse a realidade que ele não entende e que não sabe sentir.

Outra forma de desconstruir o estereótipo feminino em uma sociedade dominada pelo homem é a ressignificação das palavras, ou melhor, das unidades lexicais portadoras desses conteúdos culturais partilhados na sociedade e, conseqüentemente, a atualização de conceitos

---

<sup>13</sup> Dicionário Informal. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/feminista/>>. Acesso em: 22 jun. 2020.

<sup>14</sup> Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/patriarcado>>. Acesso em: 22 jun. 2020.

<sup>15</sup> Idem. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/sexismo>> . Acesso em: 22 jun. 2020.

que outrora projetavam a visão de mundo exclusivamente masculina. Desse modo, o movimento feminista assegura a proteção de uma Carga Cultural Compartilhada renovada e positiva para sua classe, uma experiência compartilhada de ser mulher para que o gênero seja definido por sua própria narrativa e, portanto, que viabilize o domínio do discurso, o autoconhecimento, e a expressão de uma identidade feminina no repertório lexical de uma comunidade.

Acerca do fenômeno da ressignificação lexical, o argumento aqui apresentado é o de que os estudos do léxico apresentam uma abordagem fundamentalmente importante para que seja possível entender como o movimento feminista utiliza a língua como instrumento de mudança social por meio da ressignificação consciente de conceitos e realidades presentes e identificadas no léxico. A análise de como foram feitas as ressignificações da realidade permite a avaliação do uso consciente das lexias identificadas como parte constitutiva de um aporte lexical que dialoga com as vivências femininas.

O levantamento das lexias e dos diferentes padrões que suas utilizações assumem em diferentes abordagens e temáticas abrem um leque de possibilidades para as relações que podem ser descritas na esfera do “interdiscurso”, permitem um maior aprofundamento para que se discuta a noção de Campo Lexical, que vamos tratar a seguir, para que sejam analisadas questões gramaticais, questões semânticas, e até mesmo sugere o desenvolvimento de tecnologias que organizem uma pluralidade de dados que podem ser obtidos e desenvolvidos a partir das lexias identificadas em sua relação com a ideologia feminista. É importante ressaltar que entendemos interdiscurso na mesma linha que ponderam Matias e Parreira da Silva (2012, p.164), percebendo-o como um elemento constitutivo da memória dos sujeitos de um grupo social: “o interdiscurso está repleto de enunciações anteriores à enunciação atual, formando a memória discursiva”.

Por conseguinte, para entender o fenômeno da ressignificação dialógica, é necessário se dedicar em um primeiro momento ao discurso, para que seja explicitado como a relação entre léxico e ideologia é relevante no processo de desconstrução de uma realidade e constituição linguística de outra.

No capítulo seguinte, este trabalho se dedica a tratar das reflexões trazidas pelos estudos discursivos sobre a relação dialógica entre língua e cultura, sobre o ato de nomear, e sobre as redes de significações orientadas pelo discurso.

## 2. O ATO DISCURSIVO DE NOMEAR

Neste tópico, passamos a estabelecer alguns conceitos básicos, principalmente sobre o que entendemos por Análise do Discurso, ato discursivo, dialogismo e o ato de nomear, a fim de propor a relação desses conceitos com as questões do léxico, como a criação lexical, a nomeação, a influência da ideologia e da cultura nos contextos de formação discursiva.

Considera-se, neste trabalho, a influência do dialogismo bakhtiniano no conceito de interdiscurso da Análise do discurso de linha francesa, e concordamos com Schinelo e Parreira da Silva (2014, p.6) quando afirmam que a “Análise do Discurso (AD) não pode conceber a língua como sistema fechado, pois toda língua é a base para construção de textos que abrigarão diferentes discursos que se constituem em uma rede interdiscursiva”. As autoras complementam afirmando que a Lexicologia “enquanto ciência que estuda o léxico de uma língua, em todas as suas faces, como a formação, a evolução, o uso, considerando os aspectos diacrônico e sincrônico, constitui-se como um aparato que dialoga com a AD.” (SCHINELO; PARREIRA DA SILVA, 2014, p.7).

Entende-se aqui o “ato discursivo” como a manifestação da intenção por trás da fala ou escrita ao se considerar o interlocutor a quem se dirige o discurso. A dizer, a ação por trás da produção do enunciado. Este trabalho trata do “dialogismo” de uma maneira mais demorada no tópico seguinte.

### 2.1 O dialogismo bakhtiniano

Discutir a ressignificação pode sugerir, em um primeiro momento, que serão tratadas questões semânticas associadas aos significados das lexias propriamente ditas. No entanto, quando a figura de Bakhtin é evocada, deve-se voltar a atenção do analista para o que ocorre na dimensão extralinguística de maneira complementar ao aspecto semântico lexical. A dizer, se por um lado a ressignificação lexical envolve a comparação entre definições e oscilações de caráter das lexias em diferentes períodos de tempo, o dialogismo bakhtiniano volta seu olhar para o diálogo que se estabelece entre aquilo que gera uma ressignificação e aquilo que por ela é gerada. A teoria dialógica considera que a construção de sentido se dá pelo diálogo que se estabelece na interação entre sujeitos. Trata-se, portanto, de um elemento constitutivo da

linguagem que prevê que toda nomeação é uma resposta a algo e gera uma resposta a si.

O dialogismo bakhtiniano direciona, portanto, um olhar mais atento para a reflexão sobre a força que o ato de nomear tem sobre a realidade assim como a força que a realidade tem sobre a nomeação:

[...] a língua não é um sistema abstrato de formas normativas, porém uma opinião plurilíngue concreta sobre o mundo. Todas as palavras evocam uma profissão, um gênero, uma tendência, um partido, uma obra determinada, uma pessoa definida, uma geração, uma idade, um dia, uma hora. Cada palavra evoca um contexto ou contextos, nos quais ela viveu sua vida socialmente tensa; todas as palavras e formas são povoadas de intenções. [...] Em essência, para a consciência individual, a linguagem enquanto concreção sócio-ideológica viva e enquanto opinião plurilíngue, coloca-se nos limites de seu território e nos limites do território de outrem. A palavra da língua é uma palavra semi-alheia. Ela só se torna “própria” quando o falante a povoa com sua intenção, com seu acento, quando a domina através do discurso, torna-a familiar através de sua orientação semântica e expressiva (BAKHTIN, 1998 [1975], p.100).

Sobre o dialogismo, Bastos e Ribeiro (2020) afirmam ainda que:

[...] é o princípio constitutivo da relação entre linguagem e identidade, levando em consideração a perspectiva da Linguística Aplicada na busca para estabelecer mecanismos teórico-metodológicos que possam sustentar a identidade como uma representação advinda da prática discursiva. (BASTOS; RIBEIRO, 2020, p. 809)

Sobre o fenômeno da nomeação, Biderman (1987, p.81) diz que “a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo”. Portanto, a nomeação é a categorização da experiência e tem forte ligação com a realidade devido ao fato de que o falante precisa necessariamente elaborar, juntamente com uma nova criação lexical, um novo padrão lexical que se adeque aos modelos já existentes em sua comunidade linguística (BIDERMAN, 1987).

Biderman (1996) também evoca a função referencial do léxico ao citar a mudança constante pela qual passa o signo linguístico. Essa associação retoma, por sua vez, o aspecto discursivo desta reflexão linguística por meio do conceito bakhtiniano de “signo ideológico”, neutro enquanto língua abstrata e objeto de investigação. Apesar de sua neutralidade, o signo ideológico está sempre carregado de valores enquanto objeto da práxis concreta. Esses valores são responsáveis por nos permitirem compreender sua função ideológica. Por conseguinte, pode-se enxergar o signo ideológico de maneira análoga às significações que constituem as lexias, referidas como palavras em Bakhtin/Voloshinov, segundo ZANDAWAIS (2009, p. 109) que afirma que:

[...] pensar sobre o modo como a palavra se inscreve em uma outra ordem histórico-simbólica e a partir daí se dota de valores, significando diferentemente em cada época, em cada espaço social, em cada modo de produção, em cada espaço institucional, refletindo e refratando determinadas realidades que, por serem

heterogêneas, multifacetadas, não podem ser apreendidas como um todo.  
(ZANDAWAIS, 2009, p. 109)

Da mesma forma que a atribuição de uma ideologia ao signo é capaz de o tornar dotado de valores que dialogam com a realidade, essa é a função social desempenhada pelas lexis do aporte feminista, que são as memórias da realidade compartilhada cujos sentidos podem sofrer alterações à medida em que o movimento tem interações entre suas próprias vertentes e trocas de conhecimentos com novas vivências, como ocorreu com a ascensão do movimento *queer*.

Uma criação lexical adjacente ao feminismo é, portanto, uma ressignificação voluntária de uma realidade por meio da criação lexical e não somente pela oscilação de caráter de uma lexia já existente. Trata-se de uma série de movimentações dentro da língua pelo direito de nomear, o que gera evidências quantitativas e qualitativas da dimensão ideológica do léxico. Existem diversas teorias que compartilham dessa abordagem que relaciona o léxico e o discursivo, como a *Muted Group Theory*<sup>16</sup> (ARDENER; ARDENER, 1975) que discorre sobre o silenciamento de grupos em detrimento de outros grupos que os oprimem. A três premissas dessa teoria podem ser adaptadas ao feminismo da seguinte maneira:

1. Homens e mulheres vêem o mundo de maneira diferente;
2. Homens abafam o poder das mulheres;
3. As mulheres são forçadas a converterem suas vozes em uma linguagem predominantemente masculina, se definindo pelas palavras de quem as oprime.

Dessa forma, a perspectiva discursiva torna possível a verificação em outras teorias de relações de poder e de como essas relações influenciam o discurso do oprimido e do opressor, a dizer, de como significam o léxico e como produzem seus sentidos. A relação entre a linguagem e sua exterioridade constitutiva envolve um conjunto de saberes diversos marcados por acepções linguísticas e pelo sistema de representações ideológicas culturais coletivas que falam mais pela figura dominante do que por quem está subjugado. Logo, não se trata mais de um sujeito individual que fala por uma comunidade, mas sim um sujeito enunciativo que discursa representando um grupo social. Por conseguinte, um idioma não é mais um conjunto de palavras, e sim uma representação ideológica de um movimento social, um conjunto de lexis que pertencem a um domínio conceptual.

---

<sup>16</sup> Teoria do grupo silenciado, em tradução livre.

## 2.2 As lexias e a rede de significações

Matoré (1973) afirma que o estudo de palavras de maneira isolada é algo ineficiente pois é necessário que elas sejam observadas em suas relações em conjunto, seja por causa do vínculo que as palavras de um mesmo conjunto possuem entre si, como pelo vínculo que elas possuem com as próprias normas que regem a coletividade dos conjuntos às quais pertencem: “é apenas em função dos conjuntos que elas existem” (MATORÉ, 1973, p. 64).

Os conjuntos de palavras formam contextos pela combinação de elementos, e para Biderman (2001), a palavra não somente faz parte de um conjunto como possui um conjunto dentro de si, uma rede de significações abrangidas por ela como se o repertório lexical e o próprio léxico se comportassem como uma “galáxia em expansão” (BIDERMAN, 2001, p. 191). As noções de campo contemplam a metáfora da galáxia de Biderman devido ao fato de que as lexias tanto podem pertencer a um campo com um conjunto definido de normas, como também podem possuir sentidos, ideologias e discursos embutidos delas que são responsáveis pela criação de campos de associação a essa lexia.

Para apresentar melhor a versatilidade de aplicação da noção de campo, em que as lexias podem se organizar numa rede de significações, estão aqui listados alguns exemplos de campos e as relações que os definem:

- Campo nocional - diz respeito a um conjunto de lexias que possuem parentesco sociológico. Envolve aspectos não-linguísticos como o contexto de uso. É, portanto, extralinguístico. (MATORÉ, 1973)
- Campo semântico - diz respeito a um conjunto de lexias que possuem parentesco de sentido entre si. Envolve valores históricos e sucessivos das lexias. (BIDERMAN, 2001).

No entanto, quando se discute a respeito de campos discursivos, Maingueneau (1997) recorre ao pensamento bakhtiniano dialógico para que possa ser o:

- campo discursivo – compreendido como “um conjunto de formações discursivas que se encontram em relação de concorrência em sentido amplo” (MAINGUENEAU, 1997, p.116).

A noção de campo discursivo aqui adotada parte inicialmente do sentido proposto por Bourdieu (1996) segundo o qual a noção de campo está associada ao aspecto social, como

uma representação em escala menor de um universo, a dizer, um microcosmo. Essa conceituação permite a visualização de um sistema dialógico de relações e interações regidas por um princípio comum, ainda que um campo possa englobar outros campos menores e com propriedades ainda mais particulares dentro de si. Maingueneau enxerga na flexibilização proposital da definição de campo uma oportunidade para que essa noção seja aplicada aos estudos do discurso “como um espaço no interior do qual interagem diferentes ‘posicionamentos’, fontes de enunciados que devem assumir os embates impostos pela natureza do campo, definindo e legitimando seu próprio lugar de enunciação” (MAINGUENEAU, 2010, p. 50). De maneira complementar, a delimitação dos campos discursivos “deve decorrer de hipóteses explícitas e não de uma partição espontânea do universo discursivo” (MAINGUENEAU, 1997, p. 116-117). Portanto, fica sob responsabilidade do analista de determinado campo discursivo os critérios a serem utilizados como delimitadores desse campo.

Uma condição indispensável para a delimitação de um campo discursivo é a explicitação de quais seriam os critérios utilizados na constituição do microcosmo ali discriminado. Para a presente análise, considera-se que o campo discursivo dos Estudos Feministas representado pela revista selecionada é constituído por outros campos discursivos menores, e cada um deles é uma oportunidade de criação e ressignificação das lexias que nomeiam suas visões de mundo, ou mais especificamente, as visões de mundo das mulheres que se utilizam de diferentes ângulos para tratar de questões essencialmente femininas.

É importante que estejam bem definidas e claras as noções de campo a serem seguidas nesta pesquisa, de modo que o conhecimento das diferentes acepções desses conceitos ajam como elemento facilitador para as associações que serão feitas no capítulo de análise dos dados obtidos. Dadas as diversas conceituações existentes de um número muito maior de tipos de campos, dentro da teoria dos Campos Semânticos, na Semântica Lexical, esta pesquisa opta por se ater apenas para as reflexões sobre a relação de adjacência entre as lexias que estão ligadas à lexia “feminismo”. Tal explicitação é feita afim de que a noção de campo seja complementar para a conceituação dos critérios estabelecidos para o agrupamento de lexias em diferentes pares de qualificadores.

Por consequência, a menção da teoria dos Campos é utilizada neste capítulo visando a facilitação do entendimento de como a metodologia deste trabalho identificou as lexias classificadas como “adjacentes” ao feminismo, visto que essa associação poderia ser semântica, gramatical, discursiva ou de tantas outras formas.

Para delimitar a tarefa de classificar e de agrupar as lexias adjacentes, recorreremos à citação de Barbosa (2001, p. 68):

É importante ressaltar que existem diferentes tipos de campos conceituais e de campos lexicais, bem como diferentes tipos de relações que se estabelecem entre os elementos do conjunto dos primeiros e os do conjunto dos últimos, e que há diferenças nocionais e estruturais entre campo conceitual, campo lexical, campo semântico e respectivas unidades-padrão: conceito, lexemas/vocábulos/termos, sememas.

Essa questão insere-se, como vimos nos itens anteriores, no modelo do percurso gerativo de enunciação de codificação e de decodificação, pois cada um daqueles campos situa-se em diferentes patamares desse percurso: o campo conceptual, conjunto de conceitos é resultado do processo de conceptualização do ‘saber sobre o mundo’ — pré-linguístico, pré-semiótico, transsemiótico; o campo lexical, conjunto de lexemas, lexias, vocábulos/termos que têm um núcleo sêmico comum e resulta do processo de lexemização — conversão da informação conceptualizada em significação linguística; o campo semântico, em uma de suas acepções, constitui um conjunto de sememas e resulta da intersecção do significado das unidades lexicais de um campo lexical. As relações existentes entre os três campos não são simétricas, visto que um campo lexical pressupõe e contém, necessariamente os seus correspondentes campo conceptual e campo semântico; entretanto, um campo conceptual pode não ter, ainda, os campos lexicais e semânticos que lhes corresponderiam. (BARBOSA, 2001, p. 68)

Isto posto, este trabalho não se dedica à teoria dos Campos para além da elaboração de um critério associativo que justifique a relação de adjacência entre as lexias ligadas à lexia “feminismo” devido à complexidade da questão das definições de Campos. Tal debate exigiria um aprofundamento maior em outras leituras que desviam o protagonismo desta pesquisa do dialogismo entre língua e cultura para uma reflexão muito mais discursiva e lexicultural.

Uma vez propostas as conceituações e reflexões consideradas na delimitação do foco deste trabalho, são apresentados a partir deste ponto os procedimentos de coleta de dados, seleção de *corpus* e demais etapas metodológicas na página a seguir.

### 3. METODOLOGIA

Neste terceiro capítulo, é apresentado o desenvolvimento dos processos que constituíram as etapas de desenvolvimento do material utilizado neste trabalho desde a origem do projeto inicial até os resultados de pesquisa obtidos.

#### 3.1 Preparação dos critérios de seleção de lexias

Esta pesquisa tem interesse científico, desde sua versão inicial, pelas lexias que compõem o popularizado “vocabulário feminista” que pudessem ser identificadas e selecionadas em textos do domínio discursivo científico. Isso se deve ao fato de que as normatizações acadêmicas e o caráter neutro pertencente a esse domínio talvez permitam propiciar uma observação mais técnica e com questões extralinguísticas mais bem definidas do que outros gêneros. Para além das propriedades do texto científico, é possível ainda obter a validação do uso das lexias como nomeadoras da realidade, pois os artigos foram publicados em um periódico de grande relevância nacional dentro do tema “Feminismo”.

No entanto, antes de buscar os artigos que seriam utilizados, foi necessário, em um primeiro momento, elaborar um material de referência que estabelecesse critérios para o recorte das lexias. Assim, os primeiros dados que foram produzidos para este trabalho resultaram de um levantamento preliminar, realizado apenas para este fim, cujo objetivo era estabelecer parâmetros de identificação do que poderia ser considerada uma lexia feminista.

Para a elaboração da primeira tabela no início desta investigação, que visualizamos na Imagem 3, foi realizada uma pesquisa preliminar que mostrou algumas listas das lexias mais populares associadas ao movimento feminista indicando a fonte dos *sites* onde elas apareciam. Nesse primeiro momento, era considerada cada lexia que apareceria no máximo uma vez a cada lista, em seguida, seriam exibidos o número de *sites* nos quais a lexia seria listada como parte do aporte lexical feminista. Daí em diante foi observado nessa tabela preliminar quantas lexias constavam no total, quantas dessas lexias estavam já traduzidas ou constavam como lexias dicionarizadas no português brasileiro, e quais seriam os qualificadores para que fosse possível identificar lexias pertencentes ao mesmo campo discursivo. Identificamos os seguintes campos:

- lexias ligadas a algum tipo de violência sofrida pela mulher;
- lexias que continham em suas definições algum tipo de denúncia a um fenômeno social no qual a mulher era objetificada ou sexualizada e
- lexias que complementavam conceitos teóricos ligados a questões dos Estudos Feministas.

Os resultados podem ser vistos na imagem 3:

**Imagem 3 - Levantamento preliminar de lexias associadas ao Feminismo**

Auto Organização	Catraca Livre
Bodyshaming	Catraca Livre
Culpabilização	Catraca Livre
Estupro corretivo	Catraca Livre
Fetichização	Catraca Livre
Hipersexualização	Catraca Livre
Cultura do Estupro	Catraca Livre, El País Brasil, Estadão, Guia do Estudante
Patriarcado	Catraca Livre, El País Brasil, Estadão, Guia do Estudante, Portal Unisc, Revista Capitolina, Revista Cláudia
Misoginia	Catraca Livre, El País Brasil, Estadão, Guia do Estudante, Portal Unisc, Revista Cláudia, Revista Galileu
Mansplaining	Catraca Livre, El País Brasil, Estadão, Guia do Estudante, Revista Capitolina, Revista Galileu
Feminicídio	Catraca Livre, El País Brasil, Estadão, Guia do Estudante, Revista Cláudia
Objetificação	Catraca Livre, El País Brasil, Estadão, Guia do Estudante, Revista Cláudia
Manspreading	Catraca Livre, El País Brasil, Estadão, Guia do Estudante, Revista Galileu
Sororidade	Catraca Livre, El País Brasil, Guia do Estudante, Portal Unisc, Revista Capitolina, Revista Cláudia, Revista Galileu
Empoderamento	Catraca Livre, El País Brasil, Portal Unisc, Revista Capitolina
Gaslighting	Catraca Livre, Estadão, Guia do Estudante, Revista Capitolina, Revista Galileu
Manterrupting	Catraca Livre, Estadão, Guia do Estudante, Revista Capitolina, Revista Galileu
Slutshaming	Catraca Livre, Guia do Estudante, Revista Capitolina
Propriating	Catraca Livre, Guia do Estudante, Revista Capitolina, Revista Galileu
Androcentrismo	El País Brasil
Disparidade de gênero	El País Brasil
Feminazi	El País Brasil
Femismo	El País Brasil
Masculinismo	El País Brasil
Teto de Vidro	El País Brasil
Micromachismo	El País Brasil, Estadão
Teste de Bechdel	El País Brasil, Guia do Estudante
Machismo	El País Brasil, Guia do Estudante, Portal Unisc, Revista Capitolina, Revista Galileu
Sexismo	El País Brasil, Guia do Estudante, Portal Unisc, Revista Galileu
Feminismo	Portal Unisc
Masculinidade tóxica	Portal Unisc
Migas	Revista Capitolina

Fonte: captura de tela. (EXCEL, 2020)

Os *sites* selecionados foram os endereços eletrônicos com maior frequência de acessos e que possuíam maior correspondência com o conceito de “vocabulário feminista” utilizado na ferramenta de pesquisa Google. São eles: Catraca Livre, El País Brasil, Estadão, Guia do Estudante, Portal Unisc, Revista Capitolina, Revista Cláudia e Revista Galileu.

É importante ressaltar que não foi feita a utilização de um *corpus* de referência, mas

sim a elaboração de um *corpus* preliminar pequeno e direcionado para um único tema. Em virtude da natureza quanti-qualitativa lexicultural e discursiva deste estudo, não foram apresentados os dados exatos da presença desses valores no *corpus* de teste. A pesquisa preliminar realizada auxiliou não só no reconhecimento das lexias, como também proporcionou a verificação do uso destas lexias na mídia/web.

Uma vez estabelecidos os critérios que delimitam o “campo lexical” feminista de interesse para o prosseguimento da presente investigação, essa delimitação proveu os meios para a identificação das lexias a serem recortadas dos artigos científicos. A etapa de pesquisa seguinte foi a criação de duas categorias distintas com maior ou menor grau de aproximação da lexia “Feminismo” a partir das lexias previamente coletadas:

#### A. ADJACÊNCIAS

- Lexias que possuem associação direta com o movimento feminista e seguem os três critérios identificados no levantamento preliminar<sup>17</sup>.
  - i. Exemplo: “Sexismo” –
    1. Conjunto de estereótipos quanto à aparência, atos, habilidades, emoções e papéis na sociedade, de acordo com o sexo.
    2. Preconceitos e discriminação que se baseiam no sexo.<sup>18</sup>

#### B. DERIVAÇÕES E FLEXÕES

- Lexias derivadas de adjacências, quase sempre flexionadas, que serão contabilizadas como uma forma adicional, porém nomeando o mesmo conceito/ fenômeno/ violência.
  - i. Exemplo: “Feministas” - Plural de “Feminista”.
  - ii. Exemplo: “Cisheteropatriarcal” – Derivação de “Patriarcal”.

É necessário destacar que a categoria “adjacência” é constituída de lexias que podem ou não ter constado na lista preliminar de lexias associadas. Ainda que não tenham sido citadas por nenhum *site* como associadas ao feminismo, essas lexias se enquadram dentro do

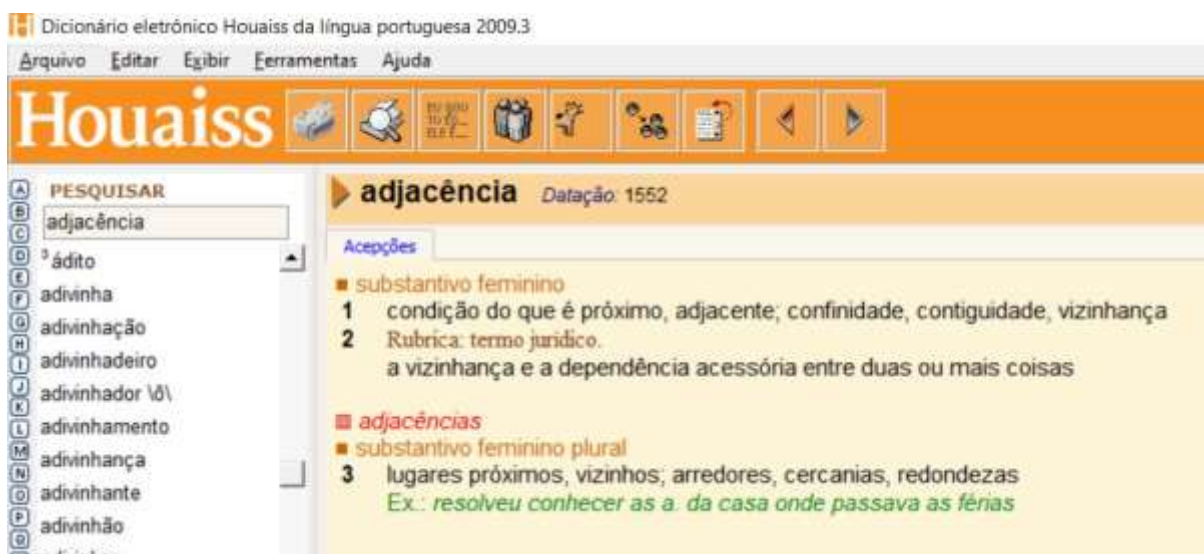
<sup>17</sup> A definição de 'adjacência', nesta pesquisa, é elaborada pela autora, que considera ser um termo adequado para sua argumentação.

<sup>18</sup> Dicionário Michaelis Online - UOL. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/sexismo/>>. Acesso em: 11 out. 2022.

mesmo “campo lexical” no tocante às significações pertencerem ao mesmo microcosmo conceitual, do qual desprendem seus valores discursivos.

Como defendemos o uso da lexia “adjacência” como um termo de nossa pesquisa, termo este que aqui é cunhado como elemento lexicultural pertencente à categoria que descreve lexias que possuem ligação discursiva com uma lexia central, que neste trabalho é a lexia “feminismo”. Para complementação de sentido, apresentamos seu verbete em Houaiss e Villar (2009), no qual sua definição demonstra a capacidade de identificar nosso objeto de pesquisa:

Imagem 4 – Verbete “adjacência”



Fonte: Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa (2009.3)

Portanto, a delimitação do conceito de adjacência enquanto categoria lexical foi elaborada para esta pesquisa de maneira que fosse possível o agrupamento de lexias consideradas mais próximas à lexia “feminismo” enquanto norteadoras das demais lexias delas derivadas. Para realizar essa elaboração, recorreu-se em um primeiro momento à definição dicionarizada de adjacência na língua portuguesa.

A primeira acepção encontrada no verbete em Houaiss e Villar (2009) sugere a possibilidade de utilização da lexia “adjacência” para indicar a relação de proximidade e contiguidade entre as lexias. No entanto, a natureza da proximidade deve ser considerada no seu aspecto lexicultural, indicando que se trata de lexias que pertencem ao mesmo contexto sócio-histórico discursivo que agrupa essas adjacências ao feminismo no mesmo aporte lexical.

A categoria “derivação/flexão” por outro lado não precisou de delimitações lexicais de associação discursiva, pois se trata de derivações prefixais, sufixais ou parassintéticas já delimitadas dentro dos estudos linguísticos. Inclui-se na segunda categoria também as formas flexionadas da lexia “Feminismo” e suas derivações. Portanto, esta categoria será constituída por lexias derivadas cuja palavra primitiva se configura como lexia adjacente à lexia “feminismo” e suas flexões.

### 3.2 A Revista Estudos Feministas

A etapa seguinte da pesquisa foi dedicada à preparação do material textual para o processamento pelo *software* de tratamento de texto. No entanto, antes de realizar a parte mecânica desse processo, foi necessária a investigação das justificativas por trás da escolha do periódico selecionado.

Existem outras revistas feministas com relevância acadêmica dentro dos Estudos Feministas que possuem textos a serem investigados, porém o que diferencia a selecionada das demais é a história de sua criação e a datação de suas primeiras edições, na década de 90. O contexto histórico desse período trazia em paralelo dois momentos da história: internacionalmente, o surgimento e ascensão da *Teoria Queer* de Judith Butler que subvertia a ideologia feminista; e nacionalmente, acontecia em 1991 o I ENCONTRO NACIONAL DE NÚCLEOS DE ESTUDOS SOBRE MULHER E GÊNERO promovido pelo Núcleo de Estudos da Mulher da USP (GROSSI, 2004). Acerca desse evento, Grossi (2004) relata:

Neste encontro, foram criadas equipes de trabalho para pensar em quatro grandes projetos que seriam submetidos à Fundação Ford, por intermédio da Fundação Carlos Chagas: a criação de uma revista acadêmica, um curso de gênero, uma comissão de informatização que permitiria o contato entre as pesquisadoras de gênero espalhadas pelo Brasil e a consolidação da rede de pesquisadoras feministas. Todos os projetos foram enviados juntos, pela Fundação Carlos Chagas, mas a Fundação Ford preferiu, na época, financiar apenas dois grandes projetos: a Revista Estudos Feministas e a REDEFEM. (GROSSI, 2004)

A comissão responsável pela elaboração do projeto que viria a se tornar a *Revista Estudos Feministas* havia sido criada em dezembro de 1990, e dentre as normas para submissão de trabalhos consta a obrigatoriedade de ser uma publicação original, logo, nunca antes publicada em outro periódico. Essa última questão foi essencial na decisão de optar pela

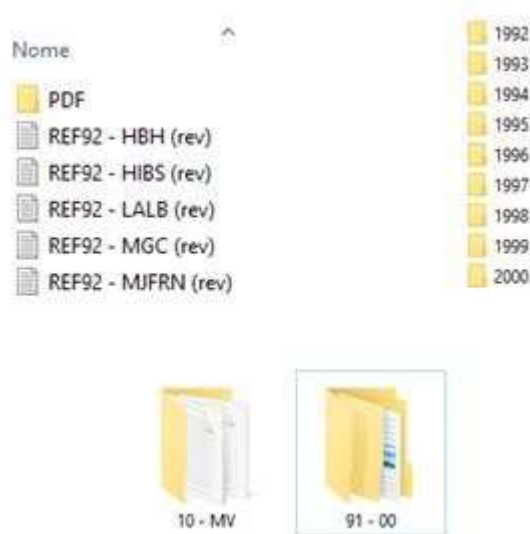
revista pois implicava dizer que os artigos lá publicados bem como suas discussões e perspectivas inovadoras constariam no repositório desse periódico primeiro. A dizer, conceitos acadêmicos e inovações lexicais estavam mais propensas a serem publicadas primeiro nessa revista.

Todas as edições já publicadas constam no repositório *online*, com início em 1992, até os dias atuais. Foram descarregados os arquivos referentes aos artigos científicos de interesse para este trabalho no formato PDF segundo as especificações:

- Artigos de autoria exclusivamente feminina;
- Artigos publicados originalmente em Português Brasileiro;
- Artigos de 1992 a 2000;
- Artigos após o ano de 2010 cuja temática fosse a Marcha das Vadias.

Os arquivos foram, então, organizados por formato de arquivo, ano, e década, da seguinte maneira, utilizando as iniciais das autoras como sigla referente ao artigo na estrutura REF (*Revista Estudos Feministas*) + 92 (ano) + Sigla (iniciais da autora):

**Imagem 5 - Organização dos dados para coleta**



Fonte: captura de tela. (FREITAS, 2022)

Cada pasta de década continha todos os anos de publicações e, dentro delas, constavam as pastas das edições com o arquivo original e o arquivo convertido para o formato de leitura aceito pela ferramenta de tratamento de textos, o “.TXT”. O primeiro obstáculo de

pesquisa encontrado foi o processo de tratamento dos arquivos em “.PDF”. Foi necessário pesquisar um *software* capaz de realizar a leitura por Reconhecimento de Caractere Óptico (OCR) de maneira gratuita uma vez que os programas tradicionais e *online* de conversão de formato de texto apresentavam desconfigurações que comprometiam os dados lexicais contidos nos arquivos PDF. A correção manual desses arquivos se mostrou impossível devido ao grande volume de textos e lexias neles contidas. A solução final foi acessar um *script*<sup>19</sup> que realizou a conversão dos arquivos de maneira correta para revisão dos dados coletados.

### 3.3 A ferramenta AntConc

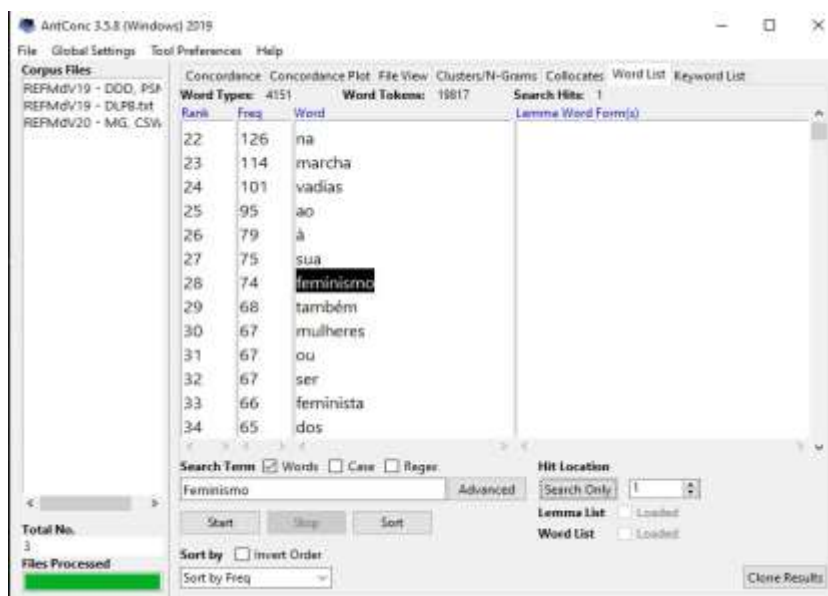
A ferramenta escolhida para realizar a etapa seguinte de tratamento dos textos para levantamento de dados foi o *software* AntConc, desenvolvido para análise textual e linguística de corpus pelo professor Laurence Anthony da Faculdade de Ciência e Engenharia da universidade japonesa Waseda University. A função do programa é a de realizar a descrição do levantamento lexicográfico de lexias e outros termos da área da Linguística. Foram processados neste trabalho o total de oitenta e seis artigos científicos, relativos a onze anos de publicação diferentes. O *software* reconheceu o total de 61.754 *Types* (unidades lexicais) e 632.320 *Tokens* (unidades e suas repetições).

Sua interface é composta por uma série de ferramentas para investigação linguística, como se pode observar na imagem 6:

---

<sup>19</sup> Um programa desenvolvido em linguagem computacional para operar um sistema que automatiza a execução de tarefas.

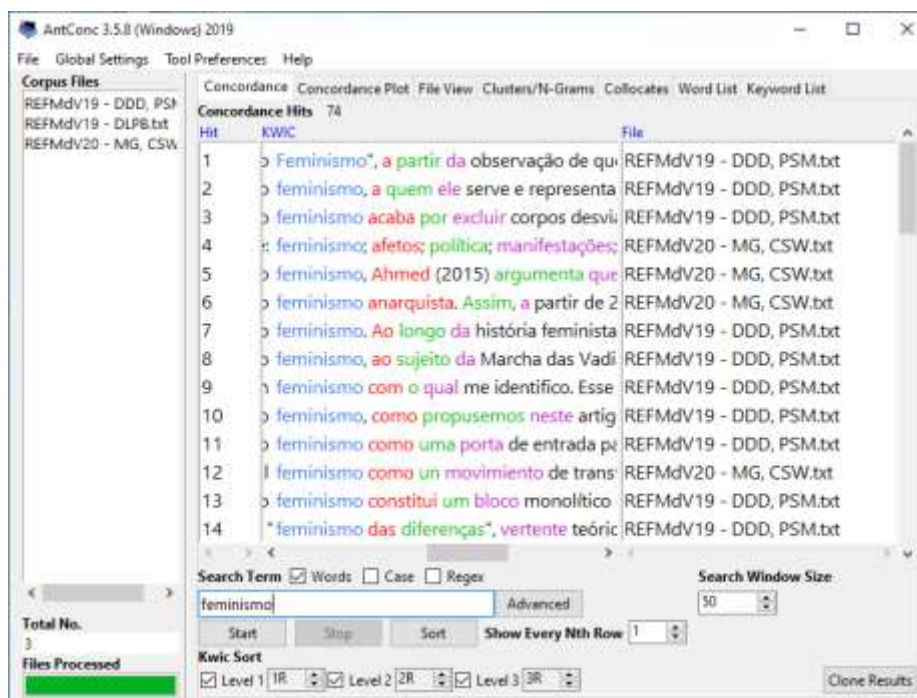
**Imagem 6 - Interface do software AntConc**



Fonte: captura de tela. (ANTCONC, 2022)

Além de indicar a contagem de palavras com o ranking de aparecimento e a frequência de uso, outras funcionalidades do programa utilizadas foram contextos de concordância e a relação de onde cada aparecimento da mesma lexia foi encontrada. Uma vez que a etapa de identificação das lexias de interesse desta pesquisa precisava ser feita manualmente item por item, a maneira mais otimizada de realizar a conferência da frequência de uso de cada lexia por artigo foi feita com auxílio da lista ilustrada a seguir na imagem 7:

Imagem 7 - Aba de ferramentas auxiliares

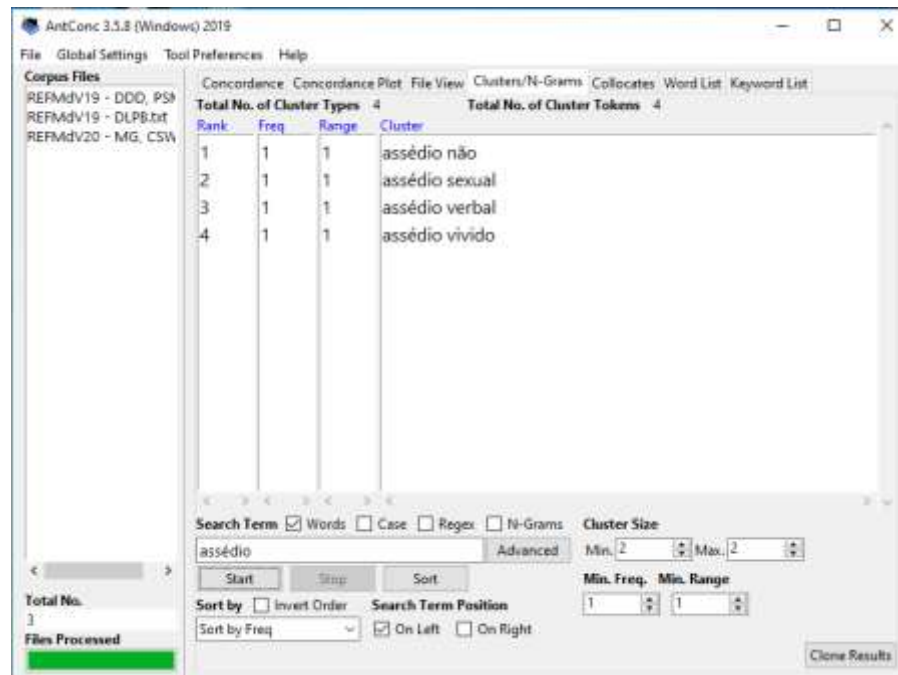


Fonte: captura de tela. (ANTCONC, 2022)

Em vez de realizar o levantamento artigo por artigo, foram compilados todos os artigos do mesmo ano e então contados os aparecimentos por artigo na lista no canto direito da interface da aba de Concordância.

Em alguns casos, foi necessária também a utilização da aba de *Clusters*, como demonstrado a seguir, na imagem 8:

Imagem 8 - Recurso de identificação de Clusters



Fonte: captura de tela. (ANTCONC, 2022)

Todas as lexias coletadas foram então organizadas em tabelas onde constavam as informações de ranking, frequência, ano, sua distribuição por artigo, e sua distribuição por edição. A organização deste material seguiu os moldes apresentados na imagem 9:

Imagem 9 - Tabelas de lexias coletadas lexia/artigo/ano

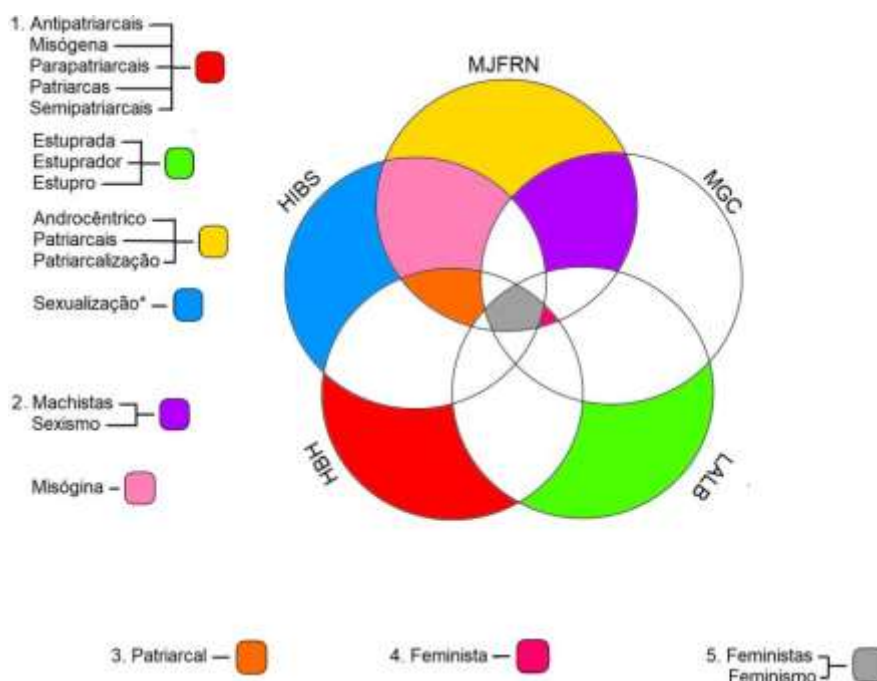
TABELA GERAL REF92			
Lexia	Frequência		
Feministas	33*/19963	165x/57247	
Feminista	43*/19963	122x/57247	
<b>Feminismo</b>	<b>72*/19963</b>	<b>74x/57247</b>	
Irmadade	78*/19963	71x/57247	
Patriarcado	887*/19963	8x/57247	
Patriarcal	888*/19963	8x/57247	
Patriarcais	7036*/19963	7x/57247	
Estupro	1362*/19963	5x/57247	Estuprada 3341*(2), Estuprador 6469* (1) Estupros 6470*(1)
Androcêntrico	2011*/19963	3x/57247	
Machistas	2393*/19963	3x/57247	
Misógina	3702*/19963	2x/57247	
Patriarcalização	3837*/19963	2x/57247	
Patriarcas	3838*/19963	2x/57247	
Sexismo	4136*/19963	2x/57247	
Antipatriarcais	4689*/19963	1x/57247	
Machista	7654*/19963	1x/57247	
Masculinização	7731*/19963	1x/57247	
Misogenia	7819*/19963	1x/57247	
Misógena	7820*/19963	1x/57247	
Parapatriarcais	8188*/19963	1x/57247	
Protagonismo	8656*/19963	1x/57247	
Protagonistas	8657*/19963	1x/57247	
Pseudopatriarca	8691*/19963	1x/57247	
Semipatriarcais	9212*/19963	1x/57247	
Sexualização	9248*/19963	1x/57247	

Fonte: captura de tela. (EXCEL, 2021)

Nesta imagem 9, pode-se encontrar a tabela geral de lexias coletadas na *Revista Estudos Feministas* (REF) do ano de 1992. Estão ordenadas à esquerda todas as lexias encontradas por ordem decrescente de frequência de aparecimento. Na coluna ao lado, constam as informações de *ranking* de aparecimento dentro do número total de *Types*, que representam o valor total de palavras únicas, desconsiderando o número de repetições nos textos (9.963 *Types*). À direita dessa coluna, consta a coluna referente ao número de aparições de cada lexia na soma total de *Tokens*, que representam o número total de palavras no *corpus* dos artigos de 1992 (57.247 *Tokens*). Na elaboração da tabela apresentada na imagem 9, pode-se perceber ainda o esboço de como viria a ser realizada a distinção entre adjacência e derivação/flexão na lexia “Estupro” que também apareceu nos artigos com diferentes sufixos e na forma plural.

Após esse primeiro levantamento e a organização de tabelas, os dados foram utilizados para reconstruir as informações coletadas de uma maneira que permitisse uma melhor visualização do fenômeno linguístico descrito, como a distribuição das Adjacências e Derivações por artigo, como demonstrado na imagem 10:

**Imagem 10 - Representação em conjuntos dos dados de 1992**



Fonte: Elaboração própria. (FREITAS, 2022)

A imagem dez representa a etapa de refinamento dos dados coletados pela pesquisadora deste trabalho em parte do *corpus* analisado. Os círculos representam os conjuntos lexicais feministas referentes a cada um dos artigos, aqui representados pelas siglas de suas respectivas autoras:

- MJFRN – Maria José Fontelas Rosado Nunes;
- MGC – Mary G. Castro;
- LALB – Leila de Andrade Barsted;
- HBH – Heloísa Buarque de Holanda;
- HIBS – Heleieth I. B. Saffioti.

Foram atribuídas cores para as seções dos conjuntos que possuíam lexias, como por exemplo a cor cinza que preencheu a seção comum entre todos os artigos. Foi necessário que fossem atribuídas cores diferentes de maneira aleatória para indicar apenas o preenchimento da seção e por quais lexias eram compostas. Os espaços em branco são conjuntos que não possuem lexias relacionadas ao feminismo, como por exemplo o conjunto de lexias somente entre os artigos HBH e HIBS.

Com essa forma de visualização, viável apenas na edição de 1992 que contém o menor número de artigos da década, é possível perceber alguns fenômenos linguísticos interessantes, como o comportamento de certos artigos que, independente da baixa quantidade de *Types* e de *Tokens*, possuem uma variedade lexical compartilhada com alguns outros artigos de diferentes temáticas. Essa nova forma de visualização evidenciou e comprovou a existência de padrões de comportamento que poderiam ser associados a uma variedade de fatores, como: Disciplina tratada no artigo, temática abordada, área de formação da autora, extensão dos artigos, dentre outros.

O último passo da fase de levantamento de dados foi, portanto, a busca de uma adequação necessária a uma padronização de um modelo de visualização do fenômeno linguístico, para então se iniciar a etapa de interpretação dos dados com base nos argumentos teórico-metodológicos necessários para estabelecer as associações corretas entre os elementos evidenciados.

Para a realização dessa tarefa metodológica, a presente pesquisa recorreu à Teoria dos Grafos, segundo a qual podemos estudar um problema por meio da simplificação da realidade (NETTO; JURKIEWICS, 2009). A utilização de um grafo consiste em um objeto matemático formado por dois conjuntos representados por vértices e arestas que possuem entre si alguma

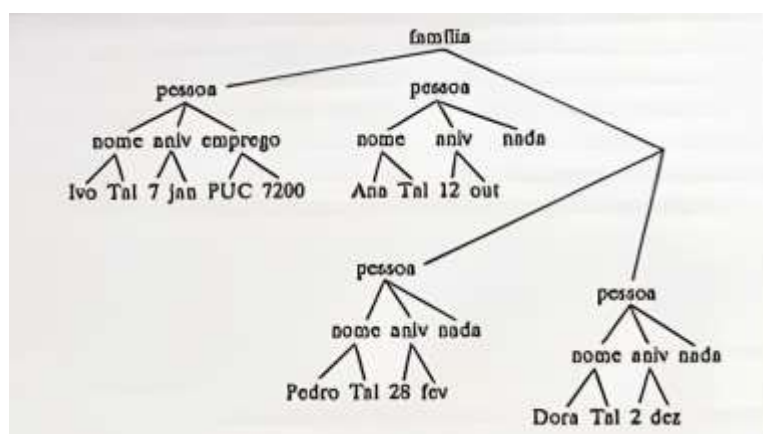
relação. A dizer, todo conjunto de elementos de interesse de um pesquisador possui uma estrutura de seu conteúdo cujo fator mais importante são as relações entre esses elementos. Assim, a teoria dos grafos permite que o interesse resida nas relações entre elementos de um mesmo conjunto, abstraindo seu conteúdo.

A Teoria dos Grafos permite que seja dado o tratamento adequado para problemas práticos e abrange diversas áreas do conhecimento porque vai além de sua matematicidade para a formalização de conceitos, proporcionando ao pesquisador uma ferramenta com a qual se pode estruturar uma informação.

Portanto, cada artigo coletado está representado por um grafo que relaciona e sintetiza suas informações para que dialoguem entre si. A esse fenômeno de estruturação se dá o nome de modelagem. A dizer, o presente projeto estrutura seus dados coletados em modelos de duas formas diferentes: grafos de árvore e lexicograma.

Foi elaborado neste trabalho, portanto, um modelo de grafo para a organização dos resultados de cada leitura da amostra de análise, inspirado por trabalhos como o de Becker (1990) que discute o uso de conceitos de Inteligência Artificial aplicado a Linguística. Dentre os tipos possíveis de grafos, foi selecionado o grafo do tipo “árvore”, como no exemplo ilustrativo da imagem 11:

**Imagem 11 – Grafo conexo e acíclico do tipo “árvore”**



Fonte: Estrutura de dados de uma família. (BECKER, 1990, p. 28)

Na imagem 11, os dados são apresentados como um elemento principal que possui elementos a ele ligados por “galhos”, uma segunda categorização, e a seguir como “folhas”, outra categorização ligada à primeira e à segunda em diferentes graus de proximidade.

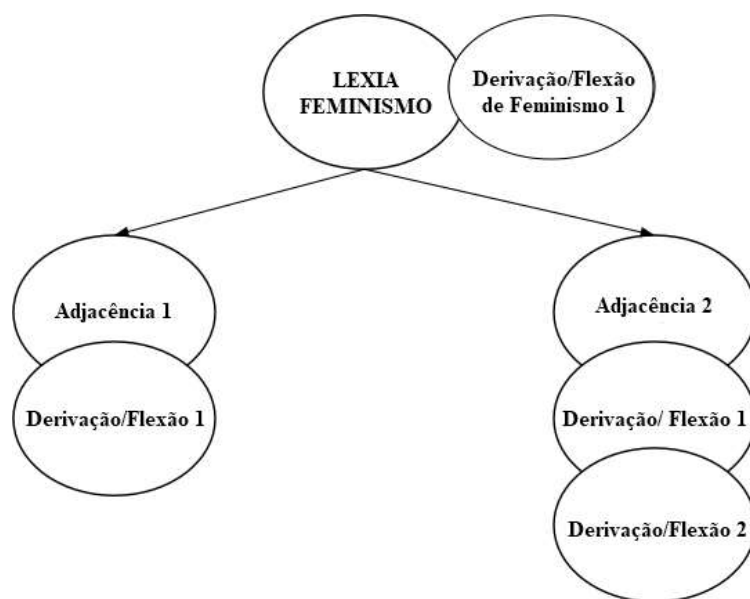
Sobre o uso de grafos para estudar as relações semânticas, Wu (2021, p. 51) afirma que:

[...] a análise semântica também pode ser formalizada como uma questão de transformação de grafo, onde a entrada é o grafo de dependência de constituição e a saída é o grafo acíclico direcionado para semântica. Por exemplo, o formalismo semântico para AMR pode ser codificado como um grafo acíclico enraizado, direcionado, onde os nós representam conceitos, e arestas direcionadas rotuladas representam as relações entre eles. (WU, 2021, p. 51)<sup>20</sup>

Portanto, existem diversas maneiras de identificar relações entre elementos linguísticos e as organizar no modelo de grafo contemplando suas propriedades linguísticas.

No modelo de árvore escolhido, está representada no alto, em um balão oval, a lexia analisada no artigo, com setas indicativas de cada adjacência encontrada em linha horizontal, também em balão oval, podendo ser em pequeno número ou em maior quantidade, a depender do tema do artigo. Esses balões ovais vêm reduplicados, no sentido vertical, e preenchidos com as possíveis derivações e flexões das unidades lexicais adjacentes; ou podem vir horizontalmente como reduplicação da própria lexia “Feminismo”, que possui suas próprias derivações e flexões. Podemos visualizar o modelo na imagem 12:

**Imagem 12 – Modelo de grafo concebido para a análise**



Fonte: Elaboração da autora. (FREITAS, 2020)

<sup>20</sup> Tradução nossa: “[...] *semantic parsing can also be formalized as a graph transformation problem, where the input is the dependency or constituency graph and the output is the directed acyclic graph for semantics. For example, the semantic formalism for AMR can be encoded as a rooted, directed, acyclic graph, where nodes represent concepts, and labeled directed edges represent the relationships between them.*”

No modelo escolhido, as derivações/flexões da lexia “Feminismo” foram organizadas horizontalmente por estarem discursivamente mais próximas da lexia do que as adjacências e suas respectivas derivações/flexões. Ademais, as flexões estão sempre localizadas imediatamente abaixo das derivações às quais pertencem e acima da próxima derivação da mesma adjacência.

Cada temática abordada nos artigos foi organizada e condensada em pares compostos por “Disciplinas”, tidas aqui como ramos do conhecimento ou da produção de conhecimento, e “temas”, considerados aqui como uma referência ao assunto tratado, onde um par equivale à união de (Disciplina + tema) que juntos resultam em um campo discursivo. As Disciplinas e tópicos foram recolhidos a partir das palavras-chave de cada artigo. É importante apontar que as primeiras edições da revista não continham esse recurso textual facilitador, e que existe uma vasta multiplicidade de termos que podem ser utilizados nesse espaço. Portanto, foi necessária a discriminação de marcadores discursivos para que os textos pudessem ser condensados em um número limitado de Disciplinas e tópicos e, portanto, um número limitado de pares. Esses marcadores tanto poderiam ser termos utilizados em conceituações que pertenciam a uma teoria encontrada dentro de uma Disciplina, como palavras encontradas de maneira recorrente dentro do texto por meio da filtragem realizada pelo *software* AntConc.

Assim, retomando a Teoria dos Grafos, pode-se considerar nesta pesquisa que no resultado final das análises cada par D+t (de Disciplina + tema) tratados nos artigos selecionados está organizado em dois conjuntos, onde as Disciplinas e temas são os vértices de um grafo e as lexias são as arestas que estabelecem relações dialógicas entre os vértices. Os pares D+t atuam nesse lexicograma como rótulos que permitem a identificação de um conjunto de elementos entendidos como microdiscursos pertencentes direcionados por um discurso comum: o feminismo. A eles, são atribuídas valorações equivalentes ao número de conexões que estabelecem entre si, como mostra o exemplo na imagem 13:

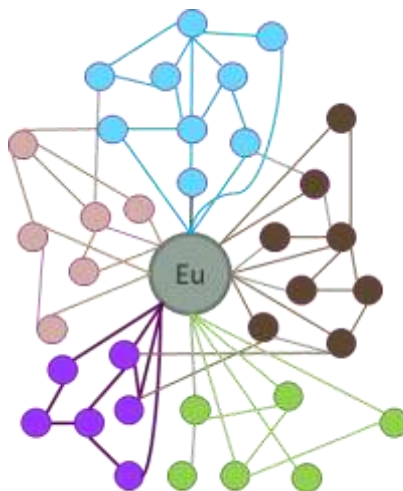
**Imagem 13 - Grafo de rede neural de redes sociais**

Figura 2 - Eu e minhas redes

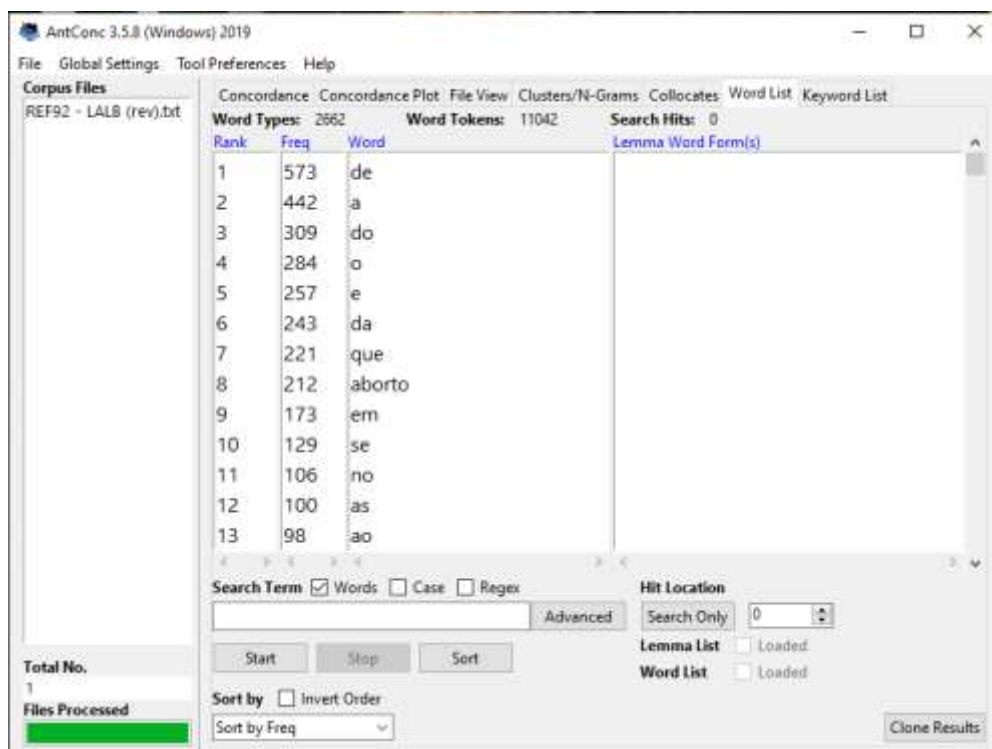
Fonte: BARROSO, *online*<sup>21</sup>

Um exemplo desse processo de identificação e discriminação é o artigo “10 anos de luta feminista” de Leila de Andrade Linhares Barsted que foi publicado na edição de 1992. A edição em questão não possui a indicação de palavras-chave, e por isso, foi realizada a pesquisa da área de atuação e pesquisa da autora, cujo repertório trata de questões jurídicas relacionadas à mulher. Uma vez identificada e nomeada a Disciplina (Direito), o tópico principal identificado no artigo foi a questão do aborto, como podemos constatar a seguir, na imagem 14:

---

<sup>21</sup> BARROSO. A análise de redes sociais e outras noções e conceitos iniciais. Disponível em: <<https://www.laraiatech.com/blog/a-analise-de-redes-sociais-e-outras-nocoes-e-conceitos-iniciais>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

**Imagem 14 - Processamento do artigo REF92 LALB no software AntConc**



Fonte: captura de tela. (ANTCONC, 2021).

Na imagem acima, é possível ver que a palavra “aborto” consta entre as dez mais frequentes do texto com 212 aparições de um total de 11.042 *Tokens*. Além desse forte indicativo, foi realizada também a leitura rápida dos temas em destaque no artigo, que confirmaram o protagonismo desse tema no decorrer do texto.

Pode-se afirmar, assim, que o artigo referenciado como REF92 - LALB terá suas lexias categorizadas como presentes no campo discursivo do par (Direito + aborto). Tanto as adjacências da lexia “feminismo” como as derivações de adjacências ali presentes constarão como vocabulário lexical desse campo discursivo e terão a função de nomear questões vivenciadas exclusivamente por mulheres.

Foi elaborada então uma tabela final para a construção de grafos que apresentassem o padrão de comportamento com base na divisão lexia / frequência / pares, e foi feito o recorte dos dados de 1992, primeiro ano de publicação da *Revista Estudos Feministas*, e dos dados referentes aos três artigos publicados em 2019 e 2020 com a temática “Marcha das Vadias”. Os resultados podem ser visualizados na imagem 15:

Imagem 15 - Tabela de classificação das lexias/ frequência/ pares de 1992

REF 1992	RAIZ	ADJACENCIA (FEMINISMO)	DERIVAÇÃO	SOCIOLOGIA + religião	SOCIOLOGIA + trabalho	SOCIOLOGIA + cultura	LITERATURA + cultura	DIREITO + aborto
Feminismo	♀	-	-	9	2	4	9	8
Feminista	-	♀	-	28	-	22	11	26
Feministas	-	-	Feminista	16	2	8	10	33
Patriarcal	-	♀	-	4	1	-	2	-
Patriarcais	-	-	Patriarcal	7	-	-	-	-
Patriarcalização	-	-	Patriarcal	-	-	-	-	-
Sempatriarcais	-	-	Patriarcal	-	-	-	1	-
Patriarcas	-	-	Patriarcal	-	-	-	1	-
Parapatriarcas	-	-	Patriarcal	-	-	-	1	-
Antipatriarcas	-	-	Patriarcal	-	-	-	1	-
Misógina	-	♀	-	1	1	-	-	-
Misóginas	-	-	Misógina	-	-	-	1	-
Sexismo	-	♀	-	1	-	1	-	-
Sexualização	-	-	Sexismo	-	1	-	-	-
Machistas	-	♀	-	2	-	-	-	-
Androcêntrica	-	♀	-	-	-	-	-	-
Estupro	-	♀	-	-	-	-	-	4
Estuprador	-	-	Estupro	-	-	-	-	1
Estuprada	-	-	Estupro	-	-	-	-	1

Fonte: captura de tela. (EXCEL, 2022)

Na tabela que acabamos de apresentar, as lexias retiradas dos artigos científicos do ano de 1992 foram ordenadas por frequência de aparecimento das adjacências e, logo abaixo, constam suas derivações também ordenadas entre si por maior frequência de uso no texto. Em azul, estão discriminadas as três classificações pré-estabelecidas, sendo elas: raiz (do discurso), adjacência (lexia adjacente ao discurso feminista), derivação (de qual adjacência surgiu a necessidade de complementação da grafia da lexia). Na cor verde, estão discriminados os pares Disciplina + tema, bem como os valores referentes à frequência de aparecimento dentro de cada par. Realizamos o mesmo procedimento com relação ao conteúdo de *Marcha das Vadias*, como se pode verificar na imagem dezesseis, que segue:

Imagem 16 - Tabela de classificação das lexias /frequência/ pares da “Marcha das Vadias”

REF - MV 18,20	RAIZ	ADJACENCIA (FEMINISMO)	DERIVAÇÃO	SOCIOLINGÜÍSTICA + MV	HISTÓRIA + MV	ANTROPOLOGIA + MV
Feminismo	x	-	-	14	15	45
Feminismos	-	-	Feminismo	-	1	21
Transfeminismo	-	-	Feminismo	1	1	1
Anarcafeminismo	-	-	Feminismo	-	-	1
Feminista	-	x	-	17	10	39
Feministas	-	-	Feminista	11	14	16
Transfeminista	-	-	Feminista	-	2	1
Antifeminista	-	-	Feminista	1	-	-
Transfeministas	-	-	Transfeminista	1	-	-
Vadias	-	x	-	30	40	31
Machismo	-	x	-	2	1	1
Machista	-	-	Machismo	9	-	1
Machistas	-	-	Machista	3	-	1
Estupro	-	x	-	2	3	2
Estuprada	-	-	Estupro	-	2	-
Estupradas	-	-	Estuprada	1	1	1
Estuprador	-	-	Estupro	-	1	-
Assédio+	-	x	-	-	2	-
Culpabilização	-	x	-	-	3	1
Culpabilizava	-	-	Culpabilização	1	-	-
Desculpabilização	-	-	Culpabilização	1	-	-
Putinhas	-	x	-	1	-	3
Empoderamento	-	x	-	3	-	-
Patriarcado	-	x	-	-	1	-
Cisheteropatriarcado	-	-	Patriarcado	-	2	-
Patriarcal	-	-	Patriarcado	1	-	-
Patriarcais	-	-	Patriarcal	1	1	-
Heterocispatriarcal	-	-	Patriarcal	-	1	-
Sexismo	-	x	-	-	-	1
Sexista	-	-	Sexismo	2	-	-
Androcentrista	-	x	-	1	-	-
Feminicídio	-	x	-	1	-	-
Misógina	-	x	-	-	1	-
Misóginas	-	-	Misógina	-	1	-
Radicals	-	x	-	-	1	-
Sororidade	-	x	-	-	1	-
Sorora	-	-	Sororidade	-	1	-
Transativismo	-	x	-	-	-	1

Fonte: captura de tela. (EXCEL, 2022)

Um fato importante a ser observado nas tabelas ilustrativas nas imagens quinze e dezesseis é o fato de a lexia “Feminismo” ser interpretada não como raiz etimológica das suas adjacências, mas sim uma raiz no que diz respeito a ser a lexia principal a representar a identidade do movimento feminista e, por conseguinte, o discurso feminino por trás de sua ideologia. As demais lexias se dividem entre adjacências e derivações/flexões, estando ali sinalizadas a quais adjacências cada derivação/flexão está fazendo referência.

Três tipos de informação de frequência podem ser lidos de imediato: a semelhança entre os três pares da mesma Disciplina com áreas diferentes, Disciplinas diferentes com o mesmo tópico, e uma tabela na qual todos os tópicos são o mesmo, mas todas as Disciplinas são diferentes.

No capítulo dedicado à análise, são discutidas as possíveis implicações das informações obtidas, a complementação dessas informações com uma estrutura diferente, e as argumentações teóricas por trás dos padrões identificados.

#### 4. ANÁLISE LEXICULTURAL

Após diversos obstáculos de pesquisa e diversas formatações e reformatações dos dados, tabelas e gráficos em seus diálogos com a fundamentação teórica deste trabalho, o modelo final desenvolvido não apenas justifica as alterações e adequações às quais a presente pesquisa teve que se submeter como também se provou a alternativa que mais obteve sucesso em responder a hipótese inicial desta investigação científica.

A grande pluralidade de relações a serem analisadas precisou passar por delimitações cada vez mais severas até produzir resultados concretos e avaliáveis. No entanto, encontrou no modelo de descrição adotado a representação gráfica que: descreve um fenômeno linguístico de uso consciente do poder do léxico, contempla as propriedades qualitativas e quantitativas dos dados obtidos e abre caminhos para o aprofundamento dessa investigação de maneira multiDisciplinar.

No mapeamento das relações entre palavras, adjacências e suas respectivas derivações, foi utilizado um grafo conexo na topologia de árvore. Conforme visto em Wilson (1996), um grafo  $G(V, A)$  é uma estrutura matemática definida pelo conjunto não vazio  $V$  de vértices (ou nós), enquanto  $A$  é o conjunto de arestas que interligam um vértice a outro.

O grafo é uma ferramenta amplamente explorada em diferentes áreas do conhecimento, exemplos aplicados a processamento de linguagens podem ser vistos em Becker (1990) e Wu (2021). Para a elaboração dos grafos a seguir, foram considerados em um primeiro momento os padrões de uso do aporte lexical feminista dentro dos pares D+t (Disciplina + tema) de:

- Sociologia+Religião [S+r],
- Sociologia+Trabalho [S+t],
- Sociologia+Cultura [S+c],
- Literatura+Cultura [L+c] e
- Direito+Aborto [D+a].

publicados em 1992, além dos pares D+t de:

- Sociologia+Marcha das Vadias [S+MdV],
- História + Marcha das Vadias [H+MdV] e

- Antropologia + Marcha das Vadias [H+MdV].

A organização dos pares Disciplina + tema foi descrito, portanto, da seguinte maneira:

- S+R (REF92): Sociologia (Disciplina) + religião (tema). *Revista Estudos Feministas*, edição de 1992.
- D+A (REF92): Direito (Disciplina) + aborto (tema). *Revista Estudos Feministas*, edição de 1992.
- S+T (REF92): Sociologia (Disciplina) + trabalho (tema). *Revista Estudos Feministas*, edição de 1992.
- S+C (REF92): Sociologia (Disciplina) + cultura (tema). *Revista Estudos Feministas*, edição de 1992.
- L+C (REF92): Literatura (Disciplina) + cultura (tema). *Revista Estudos Feministas*, edição de 1992.
- SL+MdV (REF19): Sociolinguística (Disciplina) + Marcha das Vadias (tema). *Revista Estudos Feministas*, edição de 2019.
- H+MdV (REF20): História (Disciplina) + Marcha das Vadias (tema). *Revista Estudos Feministas*, edição de 2020.
- A+MdV (REF19): Antropologia (Disciplina) + Marcha das Vadias (tema). *Revista Estudos Feministas*, edição de 2019.

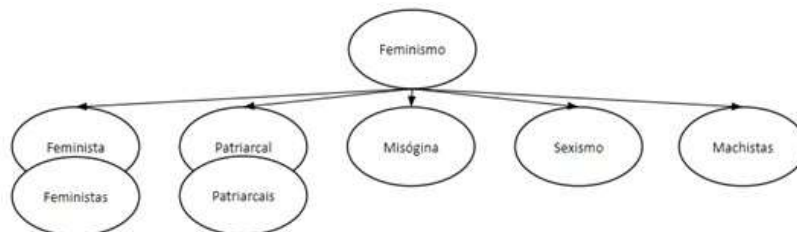
Ao final deste trabalho, é apresentada a análise de todos os pares identificados nas edições de 1992 a 2000, bem como os três pares referentes ao tema “Marcha das Vadias” que constam abaixo. Para verificação inicial, foram trazidos apenas oito pares referentes aos artigos de 1992 e do tema “Marcha das Vadias” por serem o ano mais antigo de publicação e os anos mais recentes, que seriam por si só capazes de demonstrar as aproximações e distanciamentos entre seus grafos.

A começar pelo par Sociologia + religião ao qual está associado o artigo REF92 – MJFRN que possui o maior número de áreas coloridas, conforme pode-se ver no capítulo anterior no tópico 3.3, na imagem dez. As áreas coloridas representam a recorrência do aparecimento de lexias em apenas um artigo, em dois artigos, em três artigos, em quatro artigos ou em todos os artigos da edição de 1992. O grafo está descrito dentro do par S+r que está inscrito na Disciplina de Sociologia e trata do tema religião:

Grafo 1 - S+r (REF92)

## Sociologia/Religião

Feminismo	9
Feminista	28
Feministas	16
Patriarcal	4
Patriarcais	7
Misógina	1
Sexismo	1
Machistas	2



Fonte: Elaboração da autora. (FREITAS, 2022)

No grafo um, é possível perceber que o par Sociologia + religião apresenta apenas cinco lexias categorizadas como adjacências, conforme definidas na metodologia. Dessas, duas apresentam uma lexia categorizada como derivação/flexão cada, sendo ambas as formas flexionadas das adjacências referentes. Dentre as 28 utilizações da lexia “feminista” no par, 27 foram como adjetivo, e apenas uma como substantivo. Sua flexão para o plural, por outro lado, foi identificada sete vezes como substantivo e nove vezes como adjetivo. A alta frequência de uso da lexia “feminista” e “feministas” como adjetivo de dois gêneros indica uma possível compensação dentro do par Disciplina + tema, ainda que este seja o par que contém o maior número de adjacências dentre os artigos de 1992.

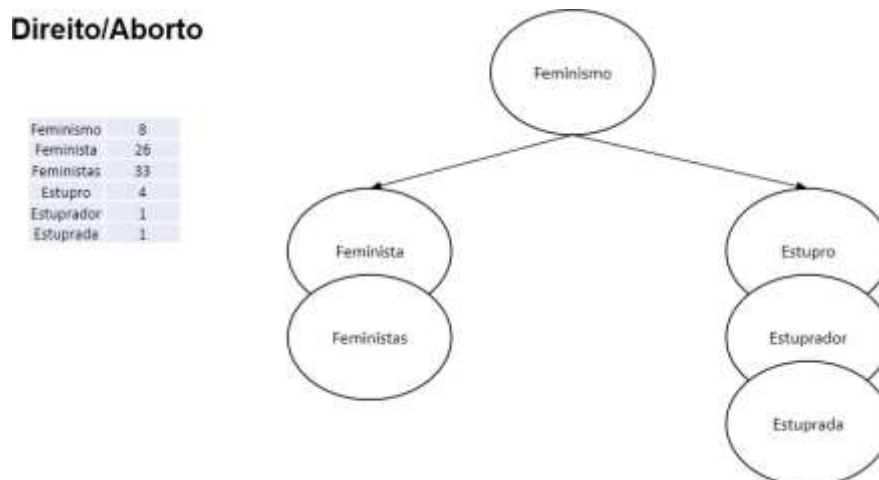
Por conseguinte, pode-se concluir que houve uma ampla utilização de lexias adjacentes, porém não houve um grande aprofundamento que diversificasse as maneiras de se utilizá-las. Ainda assim, o par teve o segundo maior número de lexias coletadas do ano de 92, com uma média de 0,0064 de frequência das lexias/ número total de *Tokens*.

O par que obteve a maior média está associado à Disciplina do Direito e tratava do tema do aborto, tema profundamente associado ao Feminismo por ser uma das principais pautas relacionadas aos direitos reprodutivos.

O artigo voltado ao par D+A está referenciado como REF92 – LALB e possuía o número total de 11.042 *Tokens*. Desses, 72 lexias foram identificadas como nomeações associadas ao discurso Feminista, gerando uma média de 0,0065 de frequência de lexias/ número total de *Tokens*.

No entanto, pode-se perceber, no par D+a, um padrão diferente daquele que foi observado no par anterior, sendo representado conforme descrito a seguir, no grafo 2:

Grafo 2 - D+a (REF92)



Fonte: Elaboração da autora. (FREITAS, 2022)

Pode-se identificar, por meio da ilustração do grafo 2, que o par que apresentou a maior média de frequência teve menos lexias da categoria adjacência, porém mais lexias da categoria “derivação/flexão” do que o par S+r visto anteriormente. Parece que é uma consequência de ser mais frequente por ter menos formas divergentes. Retomando a segundo grafo, pode-se perceber também que este par tem metade de suas adjacências (feminista) em comum com a Disciplina da Sociologia enquanto a outra metade (estupro) lhe é exclusiva. No entanto, a lexia adjacente que está presente exclusivamente no par D+a possui mais lexias da categoria “derivação/flexão” do que a sua adjacência compartilhada, ainda que esta utilização em maior frequência, assim como ocorre na sua lexia da categoria “derivação/flexão”.

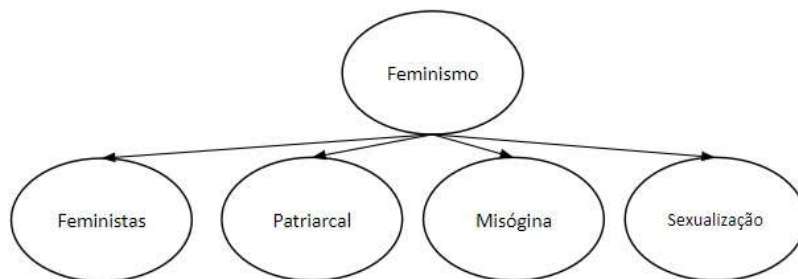
É importante apontar também que, acerca da relação entre o discurso feminista e a Disciplina do Direito, “[...] as relações entre feminismo e Direito sempre foram muito (in)ensas, uma vez que as feministas, ao longo da história, transitaram entre a denúncia, a reformulação, a desconstrução e o uso estratégico do saber/fazer jurídico, com vistas à garantia da igualdade de gênero” (Emmenegger, 1999; Olsen, 2000; Jaramillo, 2000). Logo, é previsível que essa relação histórica seja evidenciada pela presença de lexias exclusivas próprias do discurso feminista dentro do par D+a bem como uma média grande de frequência de lexias/ número total de *Tokens*.

A menor média de frequência de lexias/*Tokens* foi de 0,0026 e seu padrão pode ser visto na imagem relativa ao grafo 3:

Grafo 3 - S+t (REF92)

## Sociologia/Trabalho

Feminismo	2
Feministas	2
Patriarcal	1
Misógina	1
Sexualização	1



Fonte: Elaboração da autora. (FREITAS, 2022)

Ainda que o grafo três possua um padrão semelhante ao que foi visto dentro da Disciplina Sociologia até então, nota-se a completa ausência de lexias da categoria “derivação/flexão” e uma frequência de aparição rara das lexias da categoria “adjacência”, baixa até mesmo considerando o número reduzido de *Tokens* do artigo.

Faz-se importante apontar que a inclusão da lexia “sexualização” se deu por análise do *cluster* que evidenciou que essa lexia não está associada ao ato sexual no artigo, mas sim ao ato de atribuir-se uma questão ao sexo, limitar a uma questão sexual feminina ou masculina. Portanto, a lexia “sexualização” poderia ser associada ao sexismo mais do que ao ato sexual no contexto no qual se encontrava no artigo S+T (REF92).

No entanto, ao analisar este grafo, fez-se necessário calcular outra razão ainda não considerada: a de lexias/*Types*. Isso implica dizer que até então só foram observadas as propriedades referentes à frequência de aparecimento das lexias em razão do número total de palavras dos artigos, mas não a razão entre número de lexias e número de palavras únicas presentes nos textos.

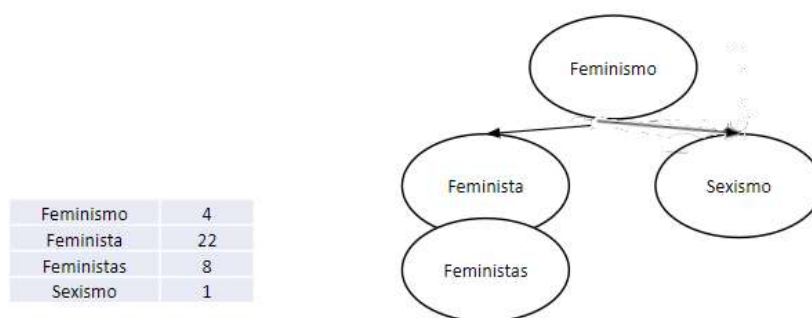
Se analisada a razão número de lexias/*Types*, o grafo S+r(REF92) apresenta o valor de 0,0026, enquanto o par D+a (REF92) do grafo 2 apresenta o valor de 0,0022. O grafo três, do par S+t(REF92), por sua vez apresenta o valor de 0,0045. Com isso, o par Sociologia + trabalho deixa de ser a razão mais baixa e revela uma proximidade maior com o artigo S+r (REF92), que é voltado para a mesma Disciplina.

Pode-se perceber, contudo, que essa proximidade não se mantém no terceiro artigo produzido pela perspectiva da Disciplina da Sociologia no ano de 1992, como se pode

constatar pela observação da imagem do grafo quatro:

**Grafo 4 - S+c (REF92)**

### Sociologia/Cultura



Fonte: Elaboração da autora. (FREITAS, 2022)

O grafo quatro possui a razão de *lexias/Types* no valor de 0,0011. O par que consta neste grafo possui apenas duas *lexias* adjacentes sendo uma delas, a *lexia* “feminista”, comum a todos os artigos em todos os seus anos de publicação. A partir dessa informação, constata-se que ainda que esse grafo apresente o menor valor de *lexias/Types*, dois dos três artigos com o maior valor da razão do número de *lexias/Types* tratam de questões voltadas para a Disciplina da Sociologia:

- Artigo HBH (L+c): 0,0049 *lexias/Types*;
- Artigo HIBS (S+t): 0,0045 *lexias/Types*;
- Artigo MJFRN (S+r): 0,0026 *lexias/Types*;
- Artigo LALB (D+a): 0,0022 *lexias/Types*;
- Artigo MGC (S+c): 0,0011 *lexias/Types*.

É interessante perceber que dois artigos que apresentaram o maior valor na razão frequência de *lexias/Tokens* foram os mesmos artigos que apresentaram o menor valor na razão de *lexias/Types*:

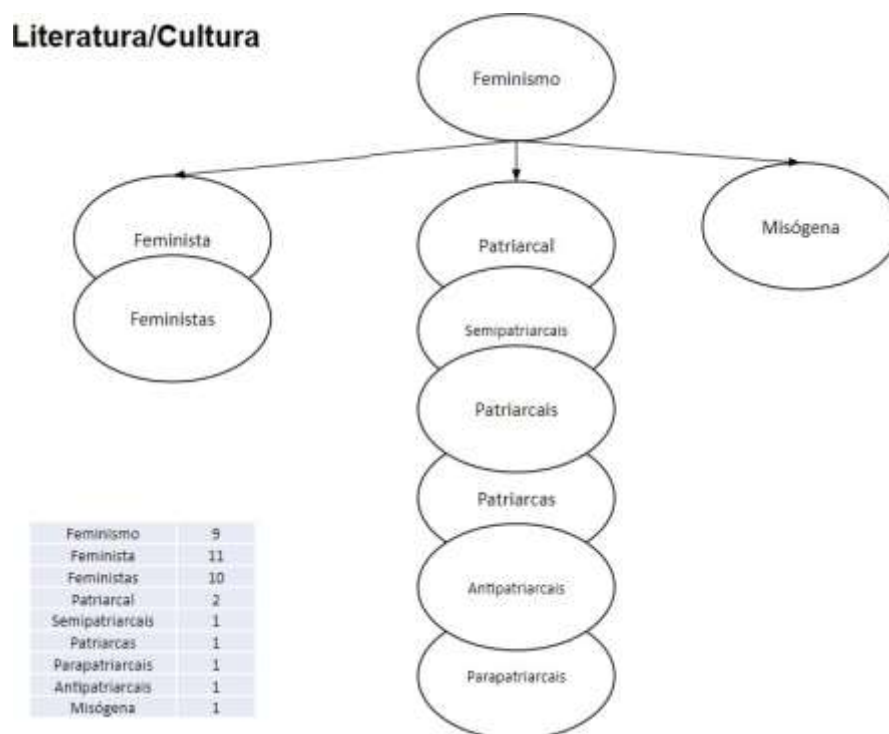
- Artigo LBL (D+a): 0,0065 frequência de *lexias/ Tokens*;
- Artigo MJFRN (S+r): 0,0064 frequência de *lexias/ Tokens*;

- Artigo MGC (S+c): 0,0049 frequência de lexias/ *Tokens*;
- Artigo HBH (L+c): 0,0034 frequência de lexias/ *Tokens*;
- Artigo HIBS (S+t): 0,0026 frequência de lexias/ *Tokens*.

Ainda que o artigo do grafo quatro demonstrado acima trate do mesmo tema que o artigo com o maior valor da razão de lexias/*Types*, e seja voltado para a mesma Disciplina dos dois artigos que tiveram o segundo e terceiro maiores valores, ele possui o menor valor da mesma razão. Isso se dá pelo fato de que, apesar de estar inserido no par Sociologia + cultura, e sendo publicado pela *Revista Estudos Feministas*, o artigo MGC (S+C REF92) não trata exclusivamente da questão da mulher, mas sim de maneira interseccional às questões de raça e classe social. Isso implica dizer que o artigo possui um viés mais político da cultura, enquanto o par Literatura + Cultura (REF92) aborda a questão cultural pela Disciplina da Literatura e muito mais direcionado para discutir a mulher de maneira não interseccional com outras questões.

Apesar de possuir o mesmo tema da cultura, a diferença de Disciplina produziu no artigo HBH o padrão mostrado a seguir, no grafo cinco:

**Grafo 5 - L+c (REF92)**



Fonte: Elaboração da autora. (FREITAS, 2022)

Observa-se que ambos os grafos do tema cultura apresentaram, ainda que tratando de Disciplinas diferentes, um número reduzido de lexias categorizadas como “adjacências”.

Percebe-se rapidamente que o comportamento do padrão do grafo cinco difere dos grafos que tratavam da Disciplina da Sociologia devido ao número de lexias categorizadas como “derivação/flexão” ser muito superior ao número de lexias adjacentes, ainda que possuam poucas repetições ao longo do artigo. Pela observação do padrão do grafo cinco, pode-se afirmar ainda que o vasto repertório de diferentes tipos de derivação da adjacência “patriarcal” pode ser atribuído ao tema tratado: os estudos culturais.

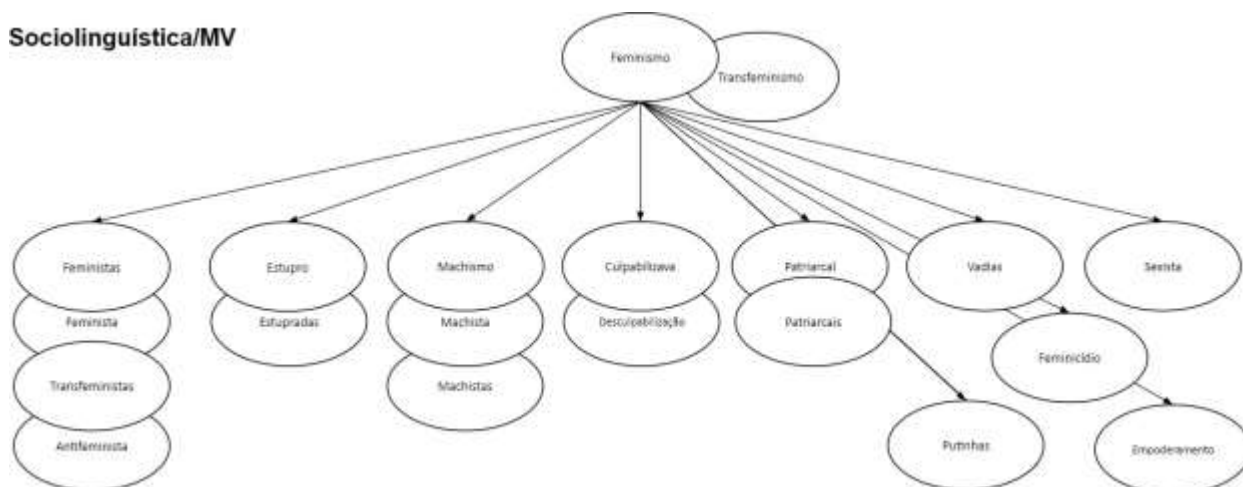
O patriarcado é, conforme mencionado anteriormente neste trabalho, um sistema social baseado em questões culturais. Por conseguinte, para discutir a existência desse sistema social foi necessário adaptar a lexia adjacente “patriarcal” para que se pudesse abordá-la de diferentes maneiras em suas muitas manifestações. Daí, constam no artigo: “semipatriarcais”, “antipatriarcais” e “parapatriarcais” além de formas com alteração de sufixo.

Retoma-se neste momento o dialogismo bakhtiniano para interpretar essas lexias categorizadas como “derivação” como respostas ao diálogo entre a lexia “patriarcal” e o tema em questão. A existência de um “patriarcal” dentro da cultura dialogou com os conceitos da Sociologia e as situações do tema cultura para gerar o “antipatriarcal”, o “semipatriarcal” e o “parapatriarcal” que vieram a complementar o “patriarcal” na nomeação da realidade feminina dentro da Sociologia ao tratar-se de estudos culturais.

Em resumo, dos cinco artigos publicados em 1992, três artigos estavam voltados para a Disciplina da Sociologia. Dentre esses três artigos, dois possuem um alto valor da razão *lexias/Types* e um possui o menor valor de todo o ano. O artigo que possui o menor valor compartilha do mesmo tema que o artigo que possui o maior valor, mas que trata desse tema pela Disciplina da Literatura, explorando um maior uso de lexias categorizadas como “derivação/flexão” ainda que ambas apresentem um número reduzido de lexias adjacentes em relação aos artigos voltados para a Disciplina da Sociologia com as temáticas do Trabalho e da Religião. O artigo que obteve o maior valor na razão frequência de *lexias/Tokens* obteve o segundo menor valor na razão *lexias/Types*, estava voltado para a Disciplina do Direito e tratava da questão da temática do aborto. Seu grafo se comportou de maneira semelhante aos grafos do tema cultura, pois apresentou poucas adjacências e, assim como o grafo S+c (REF92) possui um viés mais político que também limitou seu número de lexias categorizadas como “derivação/flexão”.

A seguir, apresentam-se os três grafos correspondentes aos artigos de 2019 e 2020 que tratam do tema “Marcha das Vadias”, porém são voltados para três Disciplinas diferentes, História, Sociolinguística e Antropologia, que foram publicados, também, pela *Revista Estudos Feministas*. Iniciamos pelo grafo seis:

**Grafo 6 - SL+MdV (REF19)**



Fonte: Elaboração da autora. (FREITAS, 2022)

O primeiro grafo analisado referente ao tema “Marcha das Vadias” doravante tratado pela sigla MdV foi publicado no ano de 2019, oito anos após as manifestações iniciais de 1992. Nota-se prontamente a diferença de padrão existente entre a presença de lexias categorizadas como “adjacências” quando comparando esse tema em 2019 aos temas de 1992. O artigo acima revela onze lexias adjacentes ao feminismo (é preciso acompanhar a seta longa para identificá-las) e, de maneira inédita, apresenta também uma lexia na categoria “derivação/flexão” para a própria lexia “feminismo”. Isso pode indicar uma ressignificação do conceito de feminismo gerado pelo diálogo entre os diferentes movimentos feministas, bem como pode indicar a criação de um novo feminismo resultante do diálogo entre o Feminismo e outras teorias científicas como a *Teoria Queer*.

Para além do grande número de lexias adjacentes, percebe-se um aumento do número de adjacências que possuem uma lexia categorizada como “derivação/flexão” decorrente delas. Diversas lexias se mantêm em utilização e pode ser percebida a inclusão de duas lexias já ressignificadas: “vadias” e “putinhas”.

A ressignificação de “vadia” / “vadias” é o grande elemento impulsionador desse movimento, mas a lexia aqui já aparece acompanhada de uma nova significação presente no nome próprio “putinhas aborteiras” que foi dado a um grupo que surgiu dentro do movimento “Marcha das Vadias”.

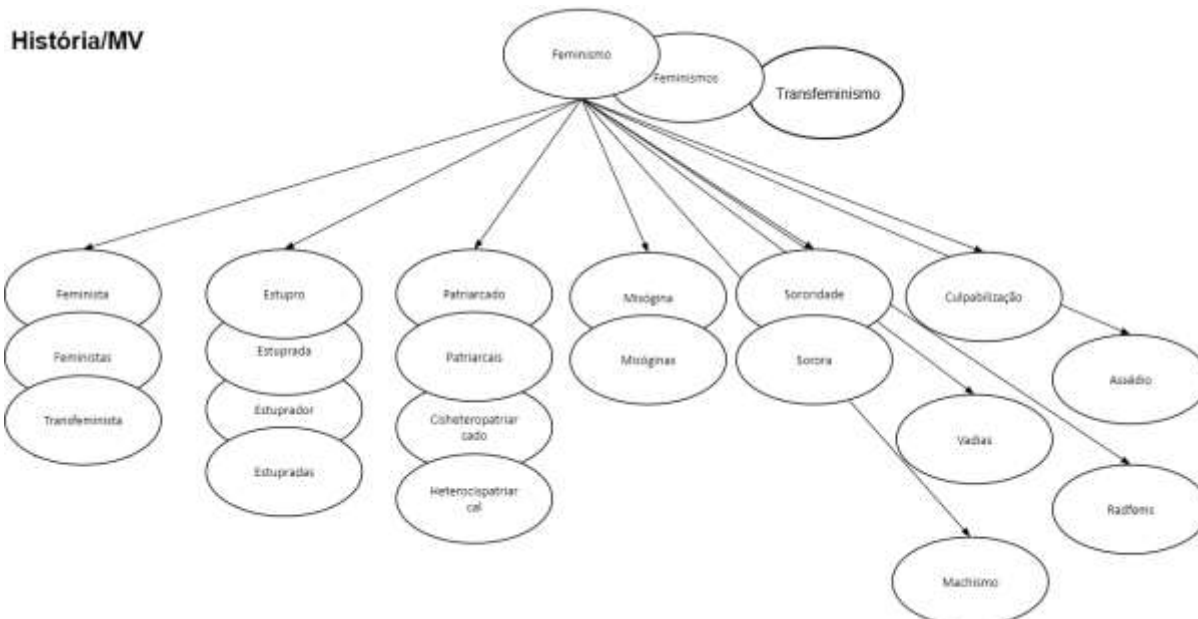
Este grafo corresponde ao par qualificativo SL+MdV pois está voltado para a Disciplina da Sociolinguística e trata da temática “Marcha das Vadias”. O artigo possui a razão *lexias/Types* no valor de 0,0124, praticamente o triplo do valor mais alto calculado para o ano de 1992, o que, de antemão, já aponta para a crescente evolução e aporte lexical do tema. Este também é o artigo com o maior valor dessa relação e o menor valor da razão frequência de aparecimento de *lexias/ Tokens* dentro da temática da Marcha: 0,0189. A dizer, o valor mais baixo dessa segunda razão corresponde ao triplo do valor mais alto da mesma razão em 1992.

Considerando que o artigo discute a temática a partir da Sociolinguística e trata de uma temática acerca do uso consciente do léxico na nomeação da realidade, era esperado que esse viesse a ser, de fato, o maior valor encontrado na razão *lexias/Types* e possuísse o grafo com o maior número de *lexias* categorizadas como “adjacências”.

Um fato interessante, no entanto, é a baixa frequência das *lexias* “feminismo” e “feminista” e suas *lexias* categorizadas como “derivação” nos artigos de 2019 e 2020. À medida que o número de *lexias* adjacentes sobe, a frequência das formas mais comuns diminui para dar espaço para novas formas que sua alta frequência compensava. O artigo REF19 – DLPB cujo grafo seis exposto acima teve o total de 14 aparições da *lexia* “feminismo” e mais uma *lexia* categorizada como “derivação/flexão”. Já a *lexia* “feminista” apareceu apenas 17 vezes, surgindo em forma de *lexia* categorizada como “derivação” outras 13 vezes.

O grafo sete, do artigo seguinte, não possui um comportamento muito diferente nesse sentido, como se pode observar:

Grafo 7 - H+MdV (REF20)



Fonte: Elaboração da autora. (FREITAS, 2022)

O grafo sete está voltado para a Disciplina de História, ainda que trate da mesma temática do grafo anterior. Apesar de apresentar um padrão muito semelhante à imagem anterior, do grafo seis, notam-se algumas diferenças que retomam as análises feitas nos artigos de 1992, como por exemplo a o diálogo entre os Estudos Feministas e Disciplinas ou temas que resultam no desenvolvimento e utilização de mais lexias categorizadas como “derivação/flexão” da adjacência “patriarcal”. Tanto o tema Cultura como a Disciplina de História estão mais voltados para o desenvolvimento dessas conceituações por se tratar de um sistema social. Enquanto o grafo seis possui apenas as formas primitivas dessa adjacência, o grafo sete desenvolve o conceito de “cisheteropatriarcado” e “heterocispatriarcado”.

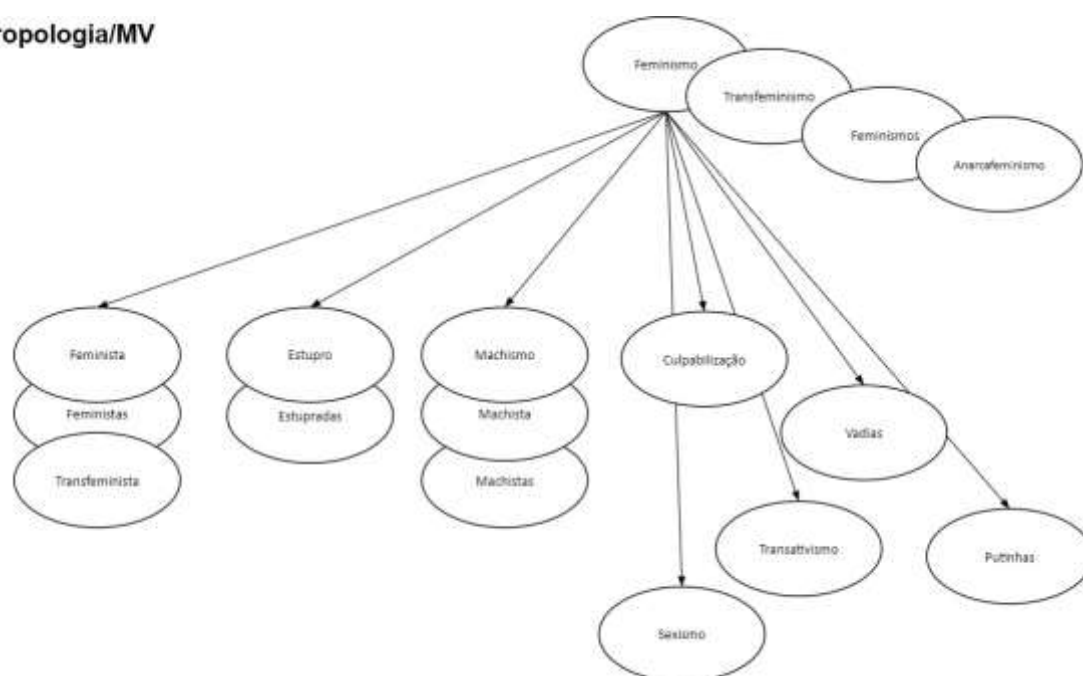
É importante ressaltar também que apesar da lexia “assédio” não estar exclusivamente associada ao feminismo, absolutamente todas as suas aparições neste artigo pertenciam ao contexto “assédio sexual”. Todos os assédios estavam designados como assédios especificamente sexuais, uma realidade denunciada pela coletividade feminina. O par H+MdV possui o valor da razão lexias/Types de 0,0111, sendo esse o segundo maior valor dentro do tema *Marcha das Vadias*. Nesse artigo, a lexia “feminismo” apareceu quinze vezes e mais uma aparição da lexia “feminismos” e uma aparição da lexia “transfeminismos” que, assim como no caso anterior, evidenciam a relação dialógica no desenvolvimento do aporte lexical feminista. A lexia “feminista” apareceu dez vezes, além de outras dezesseis vezes

quando somadas as frequências de aparecimento das duas lexias categorizadas como “derivação/flexão” dessa forma.

A menor razão entre lexias/*Types* foi calculada no artigo REF19 – DDD, PSM, cujo grafo pode ser observado a seguir:

**Grafo 8 - A+MdV (REF19)**

**Antropologia/MV**



Fonte: Elaboração da autora. (FREITAS, 2022)

O artigo relativo ao grafo oito trata do tema *Marcha das Vadias* em par com a Disciplina da Antropologia, a dizer, visando o comportamento humano, a biologia humana e investigando as sociedades.

A razão entre lexias/*Types* desse artigo tem o valor de 0,0100, concluindo que todos os pares da temática *Marcha das Vadias* possuiu uma razão acima de 0,0100 enquanto os artigos de 1992 não chegaram a atingir o valor de 0,0070.

Este grafo de número oito referente à temática supracitada foi aquele que apresentou o menor número de adjacências, porém o maior número de lexias categorizadas como “derivação/flexão” da lexia “feminismo”, organizadas horizontalmente junto à lexia principal. Com a visualização do terceiro e último artigo dessa temática, constata-se que foi unânime o desenvolvimento de lexias derivadas da lexia “feminismo” independente da Disciplina que fazia par com o tema. Todos os artigos do tema também denunciaram violências e

evidenciaram ressignificações devido ao tema abordado por meio do uso recorrente das lexias: “estupro”, “estupradas”, “culpabilização” / “desculpabilização” e “machismo”. Também foi identificada em todos os artigos a presença de mais de um “feminismo”, indicando a pluralidade com a qual o movimento se difundiu de 1992 até 2020.

Por meio da comparação dos grafos de 1992 com os grafos de 2019 e 2020, pode-se observar que era possível estabelecer como aporte lexical fundamental e comum até três lexias, sendo elas: “feminismo”, “feminista” e “feministas”. Lexias utilizadas por textos de uma mesma Disciplina apresentaram padrões com comportamentos semelhantes, mas é constatável que a influência do Tema por vezes gerou mais evidências lexicais do discurso feminista do que a Disciplina.

Quando analisados três textos da mesma temática por Disciplinas diferentes, os padrões se mostraram muito mais constantes e recorrentes do que conforme a categorização por Disciplina. Todavia, é necessário observar esse desenvolvimento de repertório lexical de maneira mais completa.

É importante esclarecer que a próxima etapa desta análise identifica, ao expandir seu olhar para os artigos selecionados de 1993 até o ano 2000, que houve contrastes fortemente perceptíveis entre os grafos elaborados para os demais artigos, a começar pelos grafos de tamanho zero, de tamanho um e de tamanho dois.

Dentre os artigos, os grafos de tamanho zero, aqueles que não possuem lexias, estão listados a seguir:

- REF93 – ARDPA;
- REF94 – AMG;
- REF95 – LHS;
- REF95 – CB, SR;
- REF96 – CF;
- REF96 – MCO;
- REF98 – HPM;
- REF99 – SM.

As Disciplinas e temas aos quais esses artigos pertencem são, respectivamente:

- Sociologia+trabalho;
- Sociologia+família;
- Sociologia+trabalho;
- Sociologia+trabalho;
- Antropologia+prostituição;
- Sociologia+família;
- Economia+trabalho e
- Educação+saúde.

Os pares que se repetem pertencem a artigos diferentes e estão, portanto, listados repetidamente.

Ainda que a Disciplina da Sociologia tenha constado como maioria de grafos de tamanho zero, ela segue contribuindo de maneira expressiva no enriquecimento do debate feminista devido ao fato desses cinco artigos não representarem um número expressivo diante da quantidade total de artigos pertencentes a essa área de conhecimento (aproximadamente 19,23%), que totalizaram 26 artigos dentre os 69 totais selecionados, uma porcentagem de aproximadamente 37,68%. O mesmo não pode ser dito do tema “trabalho” ainda que esteja majoritariamente ligado à Disciplina da Sociologia e também seja tratado por outras quatro Disciplinas, sendo elas: Economia, Psicologia, Filosofia e Antropologia. Apesar de ser um dos temas mais recorrentes, presente em 13 artigos, foi o tema que mais apresentou grafos de tamanho zero, aproximadamente 30,76% dos artigos sobre o tema.

As lexias feministas presentes em outros grafos de tamanho superior a zero e ligadas ao tema do trabalho são: as adjacências feminismo, feminista, sexualização, sexismo e sexismos; e as derivações/flexões estupidadas, feministas, machista, misógina, patriarcal, patriarcais, sexista e não-sexistas. Portanto, foram encontradas ao todo 13 lexias referentes a esse tema, o que configura uma porcentagem de aproximadamente 20,96% do número total de lexias feministas identificadas. Dentre elas, quatro estão classificadas como adjacências e as demais como derivações. Pode-se perceber a predominância da lexia adjacente “sexismo” que possui três derivações utilizadas dentro do tema. Isso demonstra que o tema do trabalho está profundamente associado à evidência da vivência compartilhada da discriminação do gênero feminino no ambiente profissional.

Por sua vez, o tema “prostituição” e as Disciplinas da Educação e da Economia foram os que apresentaram maior expressividade de grafos de tamanho zero, uma vez que estes representam 100% do número total de artigos abordando esses temas e Disciplinas, seguidos pelo tema “família” cujo número de grafos de tamanho zero representa 50% do total de artigos acerca desse tema.

É importante registrar que “educação” consta tanto como Disciplina como também consta como tema de outras Disciplinas, sendo elas Antropologia, História e Sociologia. O tema da educação, diferente da Disciplina, não possui grafos de tamanho zero e nele puderam ser identificadas as lexias: feminismo, feminismos, feminista, feministas, patriarcado, patriarcal, patriarcais e patriarca. A presença expressiva de derivações da lexia “patriarcado” indica que o tema da educação se dedicou a tratar dos Estudos Feministas perante a hegemonia masculina dentro da área acadêmica e o crescente interesse feminino em discutir cientificamente as relações de gênero. É importante notar que a educação é um dos quatro temas da década de 1990 que apresentaram a derivação “feminismos”, presente em 2/3 dos artigos referentes à Marcha das Vadias nos anos de 2019 e 2020 tratados pelas Disciplinas da Sociologia e da Antropologia. A dizer, já se admitia, porém pouco se discutia a existência de uma pluralidade de feminismos durante esse período. Pode-se criar a hipótese, ainda, que a derivação “feminismos” seria uma ressignificação do Feminismo, conferindo uma pluralidade a um movimento social na edição especial de 1994 (Colóquio Internacional Brasil, França e Quebec) e na edição do ano 2000 (a última da década e a primeira sob a gestão da UFSC) da *Revista Estudos Feministas*. Em suma, apesar de possuírem grafos de tamanho zero que indicam a ausência do uso de lexias feministas no tratamento das Disciplinas e temas que apresentaram esse tipo de grafo, essas Disciplinas e temas dispuseram em outros artigos de lexias que compensaram seus grafos de tamanho zero, com a exceção das Disciplinas da Economia, da Educação e do tema da prostituição. A relação final de lexias feministas, artigos, Disciplinas e temas pode ser encontrada ao final deste trabalho em: *Apêndice A, Apêndice B, Apêndice C, Apêndice D, Apêndice E, Apêndice F, Apêndice G, Apêndice H, Apêndice I, Apêndice J, Apêndice K, Apêndice L, Apêndice M, Apêndice N e Apêndice O*.

Assim como os grafos de tamanho zero, os grafos de tamanho um também não possuem representação gráfica no modelo de árvore, pois configuram apenas lexias isoladas. Os artigos que constam como grafos de tamanho um são:

- REF93 – RDSS;

- REF94 – ARDPA, AFJ, BS;
- REF96 – MLMA, CACF;
- REF99 – EPV;
- REF99 – CB, MRL.

As Disciplinas e temas aos quais esses artigos pertencem são, respectivamente:

- Medicina+aborto;
- Sociologia+trabalho;
- Sociologia+Maternidade;
- Sociologia+reprodução e
- Sociologia+trabalho.

As lexias pertencentes aos grafos de tamanho um são, respectivamente: estupro, sexista, patriarcal, feministas (nos dois artigos de 1999).

Mais uma vez, percebe-se a predominância da Disciplina da Sociologia que esteve presente em todas as edições de 1992 a 1999 do periódico. Foram contabilizados ao total oito artigos pertencentes ao par S+T (Sociologia+trabalho), sendo três deles fontes de grafos de tamanho zero, dois grafos de tamanho um, um grafo de tamanho dois, um grafo de tamanho cinco e um grafo de tamanho seis.

O tema “maternidade” foi abordado apenas duas vezes, sendo uma delas em um artigo de grafo tamanho um com a derivação “patriarcal”, e a outra em um grafo de tamanho 10 na Disciplina da Literatura referente ao artigo REF93 - SBF. Percebe-se, assim, que o tema discorre principalmente acerca da relação de subordinação da mulher quando na Disciplina da Sociologia, enquanto a Disciplina da Literatura cujo título é “Feminismo e utopia” discorre acerca da representação da mulher na literatura e recorre à utilização de 10 lexias para discutir o desejo heterossexual masculino em obras de ficção. Ao tratar da representação da mulher, foram identificadas as lexias: feminista, feministas, ecofeminista, feminismo, ecofeminismo, sexismo, misoginia, misógina, patriarcado e patriarcal.

A questão da representatividade feminina, portanto, evocou a necessidade de um número muito maior de lexias feministas, pois ela se dedica a materializar discursivamente conceitos exclusivamente femininos desprendidos da visão da autora em contraste com produções literárias tanto produzidas por homens como por mulheres. As lexias que se

destacam nesse artigo são as derivações “ecofeminismo” e “ecofeminista” que são o extremo oposto da “negação da maternidade enquanto predisposição ‘natural’ da mulher” (FUNK, 1993, p. 6) onde o “poder feminino reside exatamente na identificação da mulher com a ‘mãe- natureza’” (FUNK, 1993, p. 6). As lexias surgem da investigação da posição entre cultura e natureza proposta pela autora.

Por outro lado, a lexia “ecofeminista” e sua forma plural “ecofeministas” também constam no artigo REF97.2 – AA, pertencente ao par P+Ec (Psicologia+ecologia) que possui um grafo tamanho sete. Esse artigo utiliza as lexias num contexto completamente diferente do que foi visto na Disciplina da Literatura, pois discorre acerca da contribuição de ONGs ecofeministas e grupos ecologistas na construção de novas sensibilidades relativas ao meio ambiente. Houve, portanto, uma ressignificação da lexia “ecofeminista” (adjetivo) presente no artigo REF93 – SBF e parte da expressão da utopia “mundo ecofeminista”, que reaparece na REF97.2 – AA quatro anos depois também como adjetivo na expressão “pensamento ambientalista/ecofeminista”. Além disso, sua reaparição ressignificada traz consigo a derivação “ecofeministas” (substantivo feminino) que não estava presente no artigo anterior.

O dialogismo está presente na relação entre cultura e natureza nos dois casos, porém um deles no microcosmo discursivo literário para materializar a relação da mulher com a natureza e o outro no microcosmo discursivo do ativismo ambiental para materializar a relação da mulher com o meio ambiente. Ainda que se apresentem de formas diferentes, ambas dialogam discursivamente devido a carga cultural partilhada que associa a figura feminina à natureza “em função da fecundidade, dos ciclos e dos ritmos de ambas. Os valores atribuídos historicamente à mulher – cuidado e maternagem – seriam aqueles capazes de regenerar as feridas expostas pela crise ambiental” (ARRUDA, 1997, p.1). Pode-se afirmar, portanto, que a representação da figura feminina como um ser humano mais conectado com a natureza dialoga com a identificação da mulher com a mãe natureza por causa da CCP atribuída à “maternidade” e ao imaginário coletivo e cultural da mulher ser a responsável por gerar vidas.

Ainda que o tema da maternidade e o tema da reprodução possam estar intimamente associados, é importante ressaltar que são discursos diferentes uma vez que a questão da maternidade está mais ligada a uma CCP direcionada para a natureza enquanto a reprodução dialoga de maneira mais inclinada a um discurso biológico voltado para a reprodução humana (gestação, parto, aleitamento, contracepção). Portanto, configuram contextos diferentes e conseqüentemente microcosmos discursivos distintos. No que concerne os grafos de tamanho

um, podemos, portanto, resumir na tabela apresentada na imagem 17, da seguinte forma:

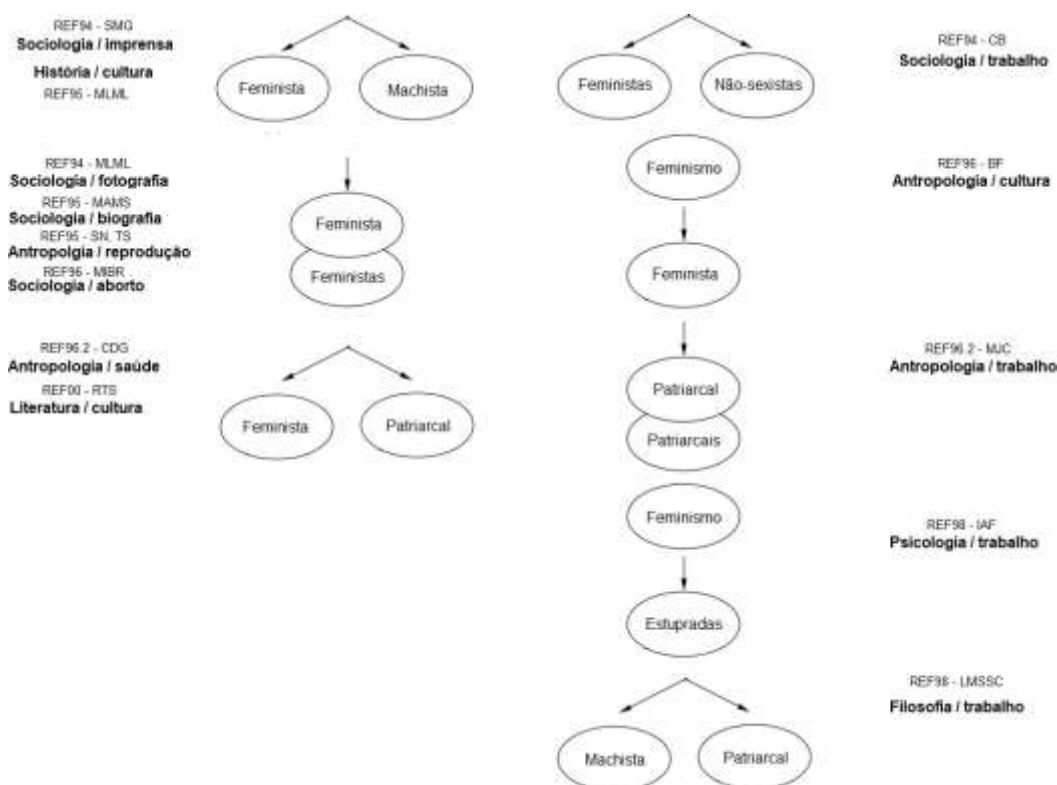
**Imagem 17 - Tabela da relação de grafos tamanho um**

Ano	Artigo	Disciplina	Tema	Lexias adjacentes	Lexias derivadas/flexionadas
1993	RDSS	Medicina	aborto		estupro
1994	ARDPA, AFJ, BS	Sociologia	trabalho		sexista
1996	MLMA, CACF	Sociologia	maternidade e		patriarcal
1999	CB, MRL	Sociologia	trabalho		feministas
1999	EPV	Sociologia	reprodução		feministas

Fonte: Elaboração da autora. (FREITAS, 2023)

Posto que os artigos de grafos tamanho zero e um já foram abordados e discutidos, são observados a partir desse ponto os grafos visualizáveis no modelo de árvore, como visto anteriormente nos artigos referentes ao ano de 1992 e ao tema *Marcha das Vadias*. Portanto, sua relação de lexias e respectivos artigos, Disciplinas e temas está disposta em formato de tabela. Ademais, é interessante observar que não constam nesses artigos lexias adjacentes, apenas derivadas ou flexionadas que não podem ser relacionadas a nenhuma outra lexia.

**Conjunto de grafos de tamanho 2 a**



Fonte: Elaboração da autora. (FREITAS, 2023)

Conforme pode ser visto na representação gráfica do conjunto dos grafos de tamanho dois, os artigos que apresentaram essa configuração e seus pares D+t são, respectivamente:

- REF94 – SMG (Sociologia + imprensa);
- REF95 – MLML (História + cultura);
- REF94 – MLML (Sociologia + fotografia);
- REF95 – MAMS (Sociologia + biografia);
- REF95 – SN, TS (Antropologia + reprodução);
- REF96 – MIBR (Sociologia + aborto);
- REF96.2 – CDG (Antropologia + saúde);
- REF00 – RTS (Literatura + cultura);
- REF94 – CB (Sociologia + trabalho);
- REF96 – BF (Antropologia + cultura);



prerrogativas”. A existência dessa nova lexia evidencia a preocupação do movimento feminista em materializar a CCP masculina que se sobrepunha ao significado da lexia “feminista”, dissociando-a da lexia “feminista” na tentativa de preservar seu significado e, conseqüentemente, o discurso ao qual ela pertence.

Por sua vez, a relação existente entre as lexias “feminista” e “patriarcal” presentes nos artigos REF96.2 – CDG e REF00 – RTS dialoga com as Disciplinas da Antropologia e da Literatura nos temas saúde e cultura, respectivamente. Apesar de apresentarem grafos idênticos, a Disciplina da Antropologia trata da estigmatização da infecção sexual pelo HIV/AIDS em mulheres, enquanto a Disciplina da Literatura utiliza as mesmas lexias para tratar do silenciamento de autoras femininas na representação romântica da identidade brasileira no século XIX. Ambas recorrem ao repertório lexical feminista para evidenciar questões que falam sobre a mulher em seu diálogo com o sistema patriarcal. Tanto no primeiro tema como no segundo, a mulher está sendo vista por meio da sua relação com a hegemonia masculina e suas narrativas.

A dizer, o protagonismo masculino promovido por um sistema patriarcal evoca a necessidade de se investigar como a mulher é afetada pela narrativa masculina. No tema da saúde, a figura feminina só era associada à epidemia de HIV na figura da mulher em situação de prostituição, pois o imaginário coletivo masculino não admitia que homens heterossexuais com parceiras fixas seriam capazes de transmitir um vírus associado a homossexuais para suas parceiras. No tema da cultura, a figura feminina era apagada por causa de uma violência institucional e simbólica que permeava a construção de uma identidade cultural brasileira masculina.

Os dois grafos restantes de tamanho dois que apresentam configuração linear estão ambos inseridos no tema do trabalho e nas Disciplinas da Sociologia e da Filosofia. Ainda que em Disciplinas diferentes, o tema dos artigos reforça mais uma vez que as produções escritas do tema dentro dos Estudos Feministas denunciam as opressões de gênero sofridas pela mulher no ambiente profissional. As lexias “machista” e “patriarcal” contribuem para a descrição da cultura que permeia o ambiente profissional e os preconceitos partilhados no imaginário coletivo a respeito da mulher dentro desse ambiente. A lexia “não-sexistas” pode ser encontrada, por sua vez, inserida num contexto no qual as mulheres elaboram propostas de políticas que combatam essa CCP que exclui a figura feminina de diversas funções sociais. Dessa forma, torna-se relativamente delimitado o interesse da Sociologia em registrar uma situação de opressão e da Filosofia em propor novas reflexões que produzam novas cargas culturais a serem partilhadas.

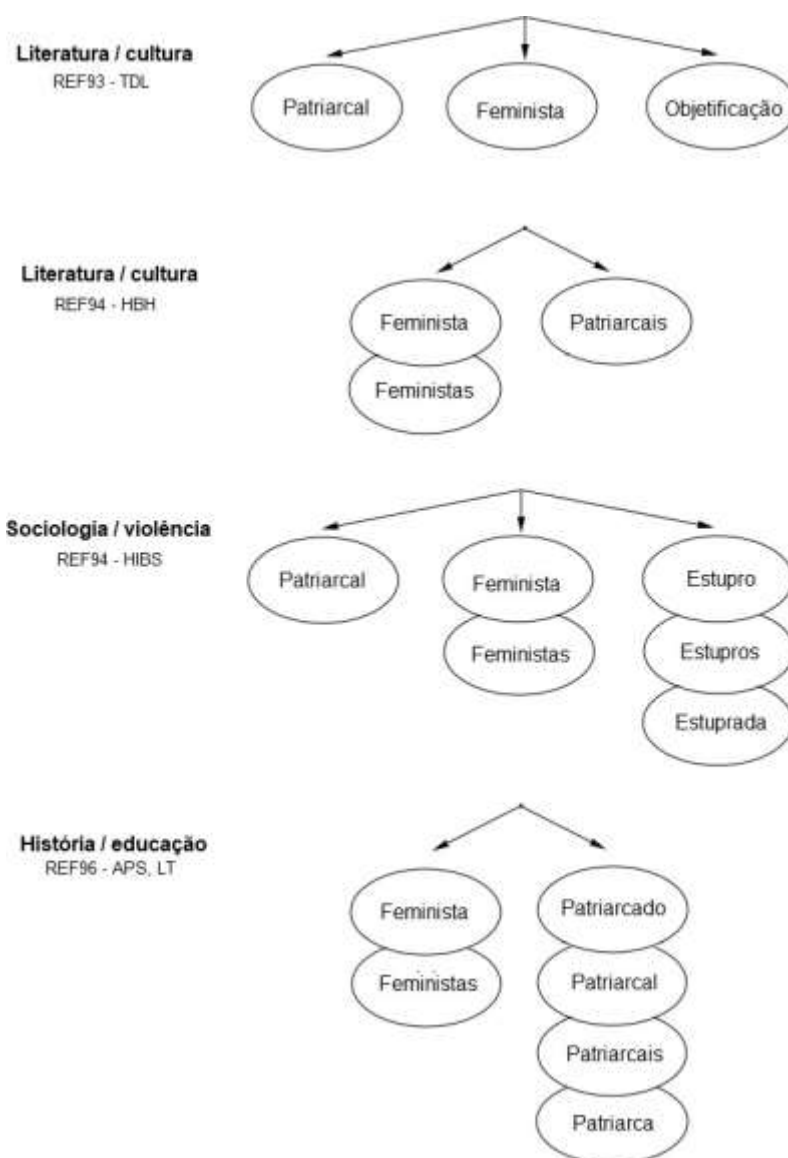
O tema do trabalho apresentou ainda duas outras configurações que pertencem aos artigos REF96.2 – MJC e REF98 – IAF das Disciplinas da Antropologia e da Psicologia, respectivamente. A principal distinção entre os dois pares D+t se dá pelo fato de o grafo antropológico conter as lexias “patriarcal” e “patriarcais”, que mais uma vez realizam a descrição do sistema relacionado ao tema do trabalho; e pelo fato de o grafo da Psicologia compreender as lexias “feminismo” e “estupradas”.

Ainda que a utilização da lexia “estupradas” cumpra também a função de relatar e descrever uma das violências de gênero sofridas pelas mulheres que trabalhavam e precisavam voltar para casa à noite, a Disciplina da Psicologia se dedicou, no artigo referido, a tratar da lexia “feminismo” não por um viés político, mas sim pela condição daquilo que é feminino. O contexto no qual a lexia se apresenta é no tópico acerca da histeria, um comportamento considerado pela Psicologia como patológico e associado à mulheres. No trecho contextualizante em questão, fala-se do “feminismo espontâneo da histeria” que representava o desejo da mulher de se fazer reconhecer enquanto sujeito dotado de vontades.

As duas configurações restantes dos grafos de tamanho dois são a configuração sequencial “feminista / feminista” e “feminismo / feministas” que pertencem às Disciplinas da Sociologia e da Antropologia e aos temas da fotografia, da biografia, da reprodução, do aborto e da cultura. O grafo sequencial “feminista / feministas” contemplou o maior número de artigos (quatro) dentre os grafos de tamanho dois, dos quais  $\frac{3}{4}$  pertencem à Disciplina da Sociologia. É interessante perceber que os temas da fotografia e da biografia só foram identificados em par com a Disciplina da Sociologia e se dedicou, assim como os demais temas dos dois grafos, à descrição da inserção da mulher nos temas abordados em forma de relato, não produzindo teorias sobre os diálogos entre seus temas e os Estudos Feministas que pudessem enriquecer seu repertório lexical.

Os grafos analisados de tamanho dois revelaram um comportamento lexical que não havia sido observado nos artigos de 1992 e no tema da *Marcha das Vadias*: a ausência da lexia “feminismo”. O mesmo comportamento pode ser observado nos grafos dos artigos REF93 – TDL; REF94 – HBH; REF94 – HIBS; REF96 – APS, LT; REF99 – MCCC; e REF99 – KG, CC.

### Conjunto de grafos sem feminismo 1



Fonte: Elaboração da autora. (FREITAS, 2023)

Além dos grafos de tamanho dois que não contém a lexia “feminismo” já analisados, constam também nesta pesquisa outros seis grafos com comportamento semelhante, que subentendem o feminismo sem o apresentarem materializado discursivamente. Os seis grafos foram divididos em duas imagens: conjunto de grafos sem feminismo 1, que apresentam menos adjacências, e conjunto de grafos sem feminismo 2, que compila duas configurações quase idênticas de grafos a serem analisadas separadamente dos demais.

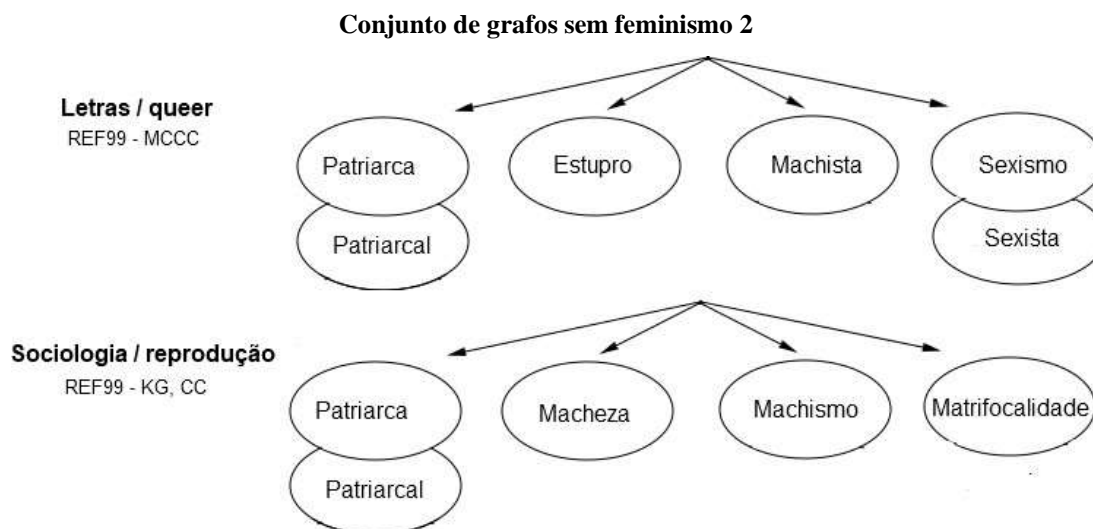
A partir dos grafos de tamanho três, torna-se cada vez menos provável que dois grafos ainda que do mesmo par D+t apresentem a mesma configuração e as mesmas lexias. Portanto, cada um dos grafos dos conjuntos 1 e 2 sem a lexia “feminismo” corresponde a apenas um

artigo.

No conjunto 1 de grafos sem a lexia “feminismo”, pode-se notar dois grafos de tamanhos três e dois grafos de tamanho seis configurados de maneiras diferentes entre si. Ambos os grafos de tamanho três pertencem ao par D+t da Disciplina da Literatura e do tema da cultura, além de estarem temporalmente próximos pois os artigos são de 1993 e 1994. A soma desses fatores indica que são grafos que vão apresentar propriedades similares ainda que não sejam idênticos. O grafo referente ao artigo de 1993 apresenta três lexias, todas categorizadas como adjacências do feminismo. São elas: patriarcal, feminista e objetificação. O grafo referente ao artigo de 1994 por sua vez apresenta duas adjacências e uma derivação, sendo elas, respectivamente: feminista, patriarcais e feministas.

A lexia que se destaca dentro do par D+t desses artigos é “objetificação”. Ainda que não esteja explicitamente discutida a objetificação feminina, o artigo faz menção a esse fenômeno ao discutir a obra “Cidades Invisíveis” de Italo Calvino. Na referida obra, vários homens sonham que estão perseguindo uma mulher em uma cidade desconhecida. Em vão, eles buscam a cidade mas só conseguem encontrar uns aos outros e decidem construir aquela cidade eles mesmos, realizando diversas modificações para que se a mantivessem cativa caso o sonho se tornasse realidade. Com o tempo, eles esquecem dos sonhos, mas novos homens continuam chegando e modificando a cidade onde os antigos homens vivem. A objetificação se insere nesse contexto de maneira metafórica ao insinuar que ao criarem uma cidade para a mulher com base na própria mulher, eles a estariam objetificando, transformando-a em cidade. Ela é, portanto, ao mesmo tempo a razão da existência do objeto (cidade) e o próprio objeto em um ciclo sem fim.

No tocante aos grafos de tamanho seis, são identificados os pares D+t de 1994 (Sociologia + violência) e 1996 (História + educação). A principal diferença entre seus grafos é delimitada pelos seus temas, que configuram para a educação três derivações da lexia adjacente “patriarcado” enquanto o tema da violência recorre ao seu repertório lexical para discutir a vivência feminina associada à lexia adjacente “estupro”, apresentando uma flexão e uma outra derivação. Isso se deve ao fato do tema da violência se dedicar a realizar denúncias de opressões associadas às relações de gênero, reforçando que, para o discurso feminista, uma cultura patriarcal hegemonicamente masculina sempre oprimirá a mulher por não a enxergar em posição de igualdade com o homem. A violência seria, portanto, uma das muitas ferramentas de dominação para a manutenção da hegemonia masculina.



Fonte: Elaboração da autora. (FREITAS, 2023)

No segundo conjunto de grafos sem a lexia “feminismo”, são apresentados um grafo de tamanho cinco e um grafo de tamanho seis visualmente semelhantes por possuírem o mesmo número de lexias adjacentes. Ambos os artigos são do ano de 1999 e ambos falam sobre a questão do gênero, direta ou indiretamente.

Ainda que o artigo REF99 – MCCC esteja categorizado como parte da Disciplina de Letras, ele dialoga com outra Disciplina devido à formação acadêmica da autora possuir ênfase em Literatura Brasileira. Ademais, conforme observado em análises anteriores, o tema se sobrepõe à Disciplina.

É importante registrar que a edição de 1999 do periódico *Revista Estudos Feministas* se dedicou abordar tanto os temas de ponta no campo dos Estudos Feministas como também a questão do gênero enquanto identidades sexuais e tecnologias de reprodução. A dizer, o artigo REF99 – MCCC trata da questão da relação entre identidade, gênero e sexualidade, uma consequência natural ao avanço dos Estudos de Gênero e da Teoria Queer na década de 90; enquanto o artigo REF99 – KG, CC fala sobre a relação do gênero masculino com a questão da reprodução humana. No entanto, este último artigo não se limita somente a tratar do homem como figura paterna ou familiar, mas também sobre como o gênero masculino se relaciona com as mulheres e com outros homens.

Ao tratar da questão da identidade, o artigo REF99 – MCCC recorre ao repertório lexical feminista na utilização das lexias “patriarca” e “patriarcal” para descrever o sistema que é dominante na cultura, das lexias “sexismo” e “sexista” para falar sobre as manifestações dessa dominância nas relações de opressão de gênero, da lexia “machista” que também

dialoga com a cultura patriarcal e da lexia “estupro” para relatar a cena de um filme no qual o personagem principal é violentado sexualmente por outro homem para que lhe seja tirada a masculinidade e ele possa interpretar o papel de uma mulher em uma peça de ópera. A identidade social de gênero do personagem construída pelo imaginário coletivo e por ele assimilada é destituída de masculinidade a partir do momento que ele vivencia uma violência majoritariamente sofrida pelo sexo feminino.

Por outro lado, ainda que também utilize as lexias “patriarca”, “patriarcal” e “machismo” para a descrição do sistema de opressões advindos da hegemonia masculina, o artigo REF99 – KG, CC também contém a lexia “macheza” para se referir ao estereótipo de masculinidade. Uma vez que se está abordando a questão da reprodução e sua relação com o gênero masculino, fez-se também presente a lexia “matrifocalidade” que materializa a CCP de que a figura parental está muito mais associada ao gênero feminino do que ao masculino.

#### Demais grafos partilhados entre artigos

##### Medicina / contracepção

REF94 - SC

##### Sociologia / educação

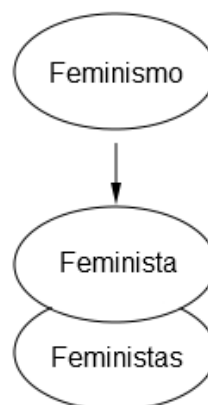
REF94 - ADOC

##### Literatura / teatro

REF97 - VASM

##### Sociologia / política

REF98 - CA

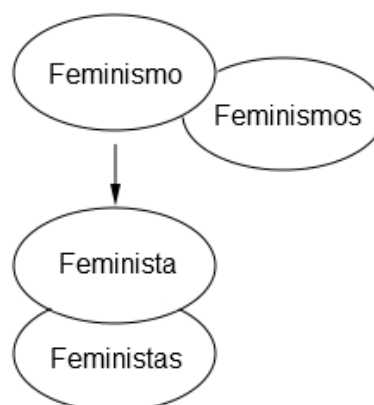


##### História / política

REF94 - VS

##### Antropologia / educação

REF94 - AAAC, AMBS



Os grafos que apresentam a lexia “feminismo” e compartilham grafos idênticos de tamanho acima de dois são:

- REF94 – SC;
- REF94 – ADOC;
- REF97 – VASM;
- REF98 – CA;
- REF94 – VS;
- REF94 – AAAC, AMBS.

Destes, os quatro primeiros artigos são representados por um grafo sequencial que apresentam as lexias “feminismo”, “feminista” e “feministas”. Essa semelhança ocorre devido a alguns fatores: os temas da contracepção e do teatro ocorreram apenas uma vez durante toda a década de 1990, o que mostra que ainda não havia sido desenvolvido plenamente um repertório lexical próprio para se tratar dos temas em questão, que buscaram se utilizar de termos técnicos para falarem da figura feminina dentro de questões históricas, factuais e técnicas. O tema da contracepção foca sua atenção principalmente no Norplant, o primeiro implante hormonal subdérmico contraceptivo registrado no mundo, mas não reflete acerca da relação entre a mulher e a sociedade ou questões de poder e hegemonia. Portanto, o artigo assume caráter informativo e insere o olhar da mulher em direção a um objeto e não em direção a questões de gênero.

Por sua vez, o tema do teatro também não tem sua atenção voltada diretamente para a figura feminina. Em vez disso, fala da influência da mulher em manifestações teatrais destinadas à propagação de ideias políticas, onde o foco está no impacto que isso provocou no teatro e, portanto, recorre-se a um repertório lexical técnico do teatro além de apresentar um relato histórico e factual também dessa manifestação cultural.

De forma semelhante, o artigo REF94 – ADOC relata a trajetória dos Estudos da Mulher no Brasil e suas questões, onde o foco é o compartilhamento de informações históricas a respeito da evolução dos Estudos da Mulher. São apresentados neste artigo dados de produtividade acadêmica, mas não são feitas reflexões teóricas sobre os diálogos entre a mulher e as relações de gênero.

Ademais, o artigo REF98 – CA que trata da Disciplina da Sociologia e do tema da Política discorre acerca da relação das mulheres com a representação política, mais

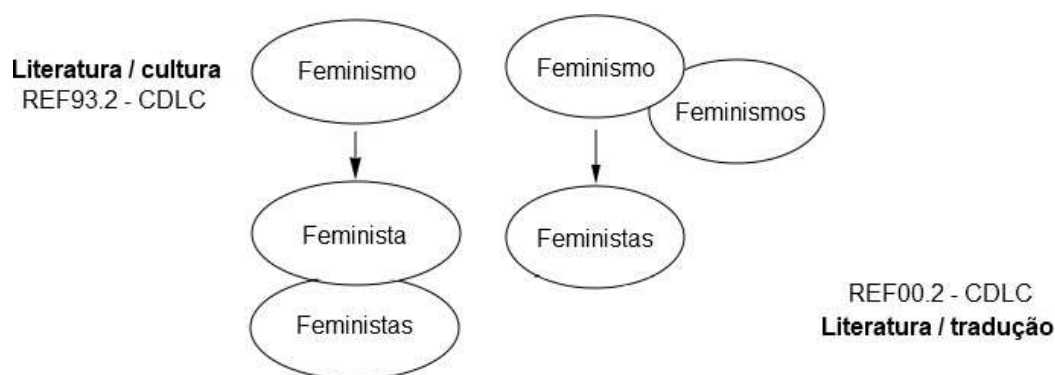
especificamente expondo as tensões envolvidas na cota de participação política da mulher. O baixo número de lexis feministas nesse artigo pode ser explicado novamente pelo caráter expositivo em detrimento de reflexões mais direcionadas às relações de dominação masculina cultural.

O segundo grafo contendo os artigos restantes REF94 – VS e REF94 – AAAC, AMBS possui uma única característica diferente do grafo anterior em sua configuração, a presença da lexia adjacente “feminismos” anteriormente mencionada nesta pesquisa.

Ainda que possua uma discussão semelhante ao artigo REF94 – ADOC, o artigo REF94 – AAAC, AMBS fala especificamente sobre teoria e práxis feministas na academia ao tratar dos estudos sobre mulher nas universidades brasileiras. No conteúdo do artigo, o olhar não está voltado para a produtividade acadêmica dentro da área de Estudos da Mulher, dando lugar ao relato acerca das articulações do feminismo contemporâneo, trazendo para as leitoras uma pluralidade de feminismos, ressignificando o movimento.

A presença da lexia “feminismos” no artigo REF94 – VS se justifica, por outro lado, pelo fato de que o artigo discorre exatamente acerca do próprio movimento feminista, construindo uma trajetória dessa organização das mulheres em relação ao processo de democratização brasileiro. No contexto de produção desse artigo, o Brasil se preparava para receber a IV Conferência Mundial da Mulher durante o período de eleições gerais no país. Portanto, o artigo foi produzido de maneira que ele pudesse falar sobre o desenvolvimento do movimento feminista brasileiro em seus diálogos com a transição democrática brasileira, visto que um influencia diretamente o outro por se tratar de questões políticas e sociais.

**Grafo 9 - REF93.2 - CDLC e REF00.2 - CLC**

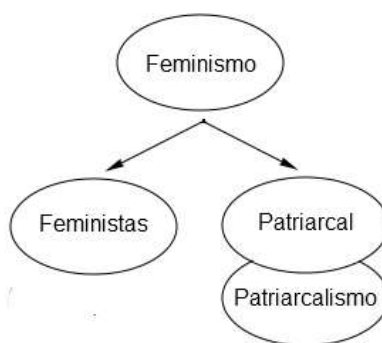


Dando prosseguimento aos grafos com a lexia “feminismo”, os grafos restantes de tamanho três pertencem ambos à Disciplina da Literatura e tratam dos temas cultura e tradução. Ainda que sejam fundamentados pela mesma Disciplina e possuam a mesma autora, os dois artigos em questão possuem uma divergência na sua configuração, a presença das flexões “feministas”, na REF93.2 – CDLC, e “feminismos” na REF00.2 – CLC. No tema da cultura, a autora expande verticalmente seu grafo apresentando a lexia “feministas” complementando a lexia “feminista” devido ao conteúdo tratado no texto, que direciona que centraliza a discussão do artigo ao redor das mulheres marginalizadas e suas narrações autobiográficas, pois seus discursos são constituídos de oposições binárias do código social.

No tema da tradução, a autora resgata a lexia “feminismos” pois trata de diferentes teorias feministas nas Américas. Ainda que apenas um artigo selecionado da década de 90 tenha discutido o tema da tradução, esse tema se mostra necessário para que seja acessível a articulação de feminismos transnacionais. Conseqüentemente, a transnacionalidade do feminismo faz com quem fossem admitidas as existências de diferentes discursos feministas que seguem a mesma ideologia e dialogam entre si para o enriquecimento simultâneo de mais de um repertório lexical feminista.

**Grafo 10 - REF95 - BS**

**Sociologia / biografia**



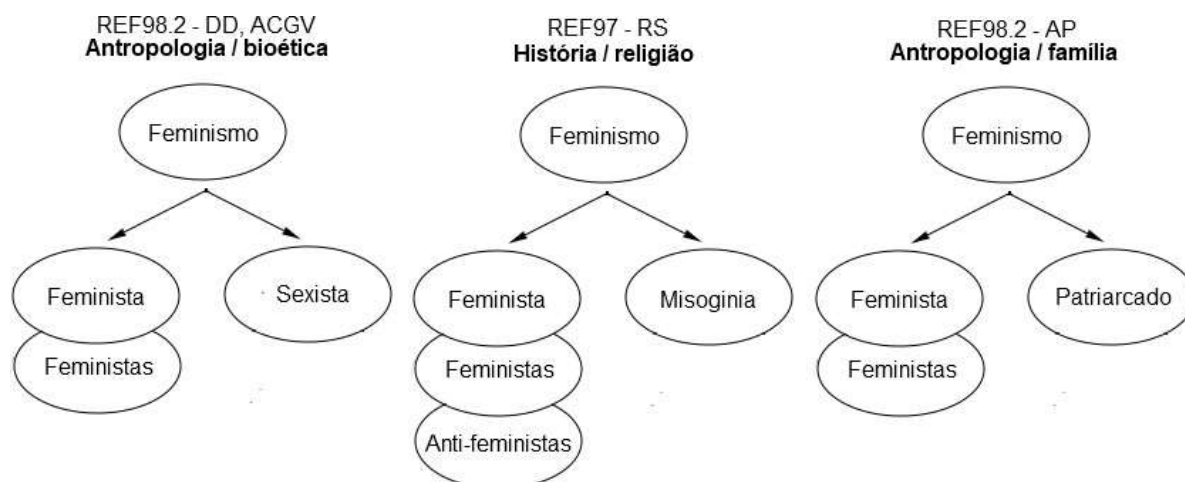
Fonte: Elaboração da autora. (FREITAS, 2023)

O grafo de tamanho quatro com a lexia “feminismo” representa o artigo REF95-BS da Disciplina da Sociologia e do tema da biografia. O artigo foi o único categorizado como tema biográfico porque ele trata da vida da pesquisadora Heleieth Saffioti para abordar a entrada do

feminismo na academia. A essa altura, a dizer, a partir dos grafos de tamanho três com a lexia “feminismo” em diante, os grafos já apresentam uma estrutura base mais consolidada com poucas alterações entre si. Isto é, percebe-se que grafos com a presença da lexia “feminismo” possuem alguns comportamentos mais previsíveis, como por exemplo: as estruturas que apresentam mais derivações e flexões para a lexia “feminista” indicam artigos mais centrados na figura da mulher; grafos que apresentam mais derivações e flexões para a lexia

“patriarcado” estão mais dedicados a descrever situações em suas relações com o sistema hegemonicamente masculino; grafos com a presença de mais derivações e flexões para a lexia “estupro” utilizam o repertório lexical feminista em caráter de denúncia por meio da materialização discursiva de opressões e violências sofridas; e grafos que apresentam maior número de adjacências com poucas derivações e flexões possuem uma mesma estrutura base (lexias “feminismo e feminista”; ou “feminismo, feminista e patriarcado”) que é complementada conforme o tema do artigo.

**Grafo 11 - REF98.2 - DD, ACGV, REF97 - RS, REF98.2 - AP**



Fonte: Elaboração da autora. (FREITAS, 2023)

Pode-se observar nos grafos dos artigos REF98.2 – DD, ACGV, REF97 – RS e REF98.2 – AP a previsibilidade dos seus comportamentos mencionada anteriormente. As Disciplinas da Antropologia e da História estão centralizadas na figura da mulher em suas relações com os contextos temáticos tratados por seus artigos. Nota-se visualmente que a base essencial dos grafos permanece a mesma entre eles (as lexias “feminismo”, “feminista” e “feministas”) e a diferença entre eles está nas lexias complementares apresentadas na forma

de adjacências em todos os grafos, também em forma de derivação no artigo REF97 – RS.

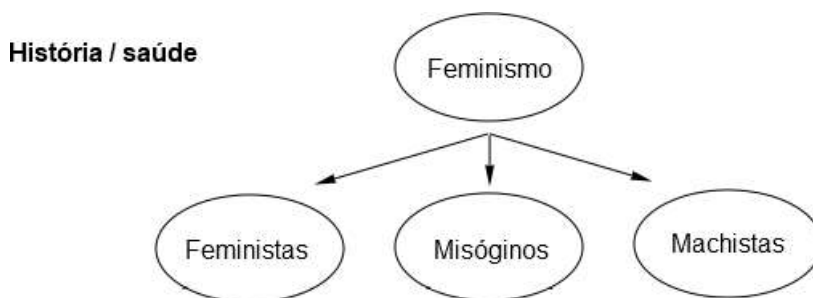
Nos casos acima, as lexias que atuaram de forma complementar apresentam uma relação de equivalência por meio da qual representam o tema abordado:

- Família (tema) = patriarcado (lexia);
- Religião (tema) = misoginia (lexia), Anti-feministas (lexia);
- Bioética (tema) = sexista (lexia).

O tema da família aparece, assim como o tema da religião, para discorrer sobre a relação da mulher com o sistema no qual ela está inserida, refletindo acerca das relações de gênero e utilizando as lexias que atuam como complementares para reafirmar a existência da hegemonia masculina em vez de atuarem como complementares para descrever a mulher dentro dos ambientes da família, da religião e da bioética.

A lexia que se destaca dentre esses grafos é “anti-feminista”, evidenciando por vezes que a criação do léxico ocasiona conseqüentemente a necessidade da criação de outra unidade cujo objetivo é se contrapor ou negar a primeira.

**Grafo 12 - REF99 - MLBM**



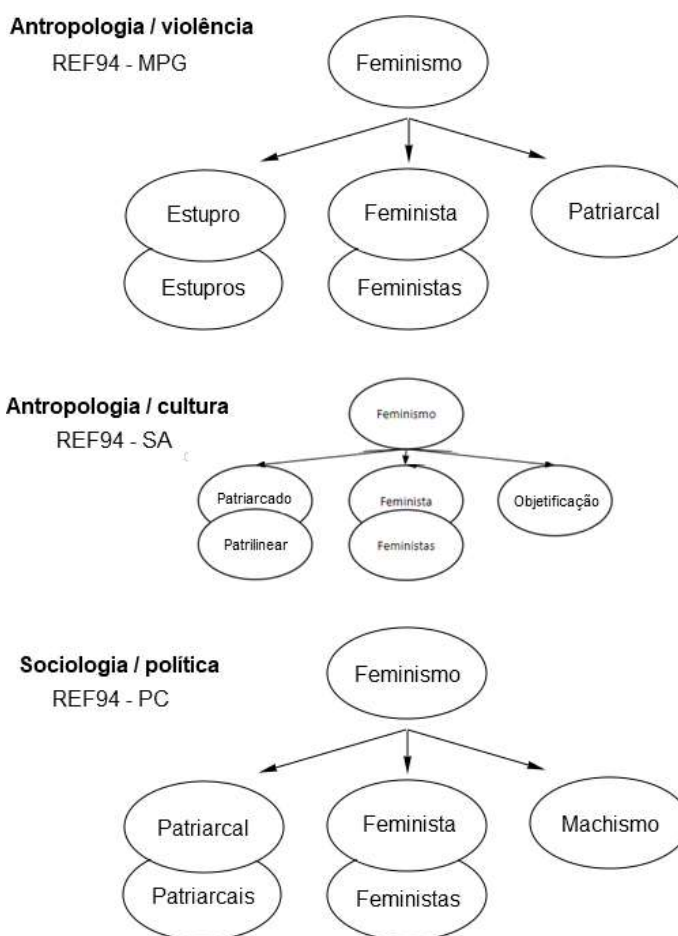
Fonte: Elaboração da autora. (FREITAS, 2023)

A imagem ilustrativa do grafo 12 representa o grafo de tamanho quatro do artigo REF99 – MLBM, no qual são apresentadas quatro lexias, das quais duas falam sobre mulheres e as outras duas complementam a base “feminismo e feministas” com o contexto social “misóginos e machistas”.

O tema da saúde é relativamente mais vago do que temas como religião e família, pois sua relação é menos antropológica e social, uma vez que estas são as Disciplinas mais presentes nos debates feministas. O tema pode aparecer associado à questão da maternidade,

da reprodução e do trabalho, pois nesse artigo é tratada a questão da experiência exclusivamente feminina da função exercida por mulheres na saúde de outras mulheres atuando como parteiras. O relato histórico realizado pelo artigo em questão trata da discriminação de gênero sofrida por mulheres parteiras no Brasil e em vários outros países devido à falta de qualificação profissional que existia para se desempenhar um trabalho exclusivamente direcionado às mulheres. As lexias “machistas” e “misóginos” aparecem no artigo simultaneamente ao serem descritos os valores sociais partilhados culturalmente e que produziam a figura da parteira como uma mulher ignorante e responsável pela morte de outras mulheres, pois era evidente a existência de uma depreciação do trabalho manual e da relação de cumplicidade entre mulheres que cuidavam da saúde de mulheres.

**Grafo 13 - REF94 - MPG, REF94 - SA, REF-94 - PC**



Fonte: Elaboração da autora. (FREITAS, 2023)

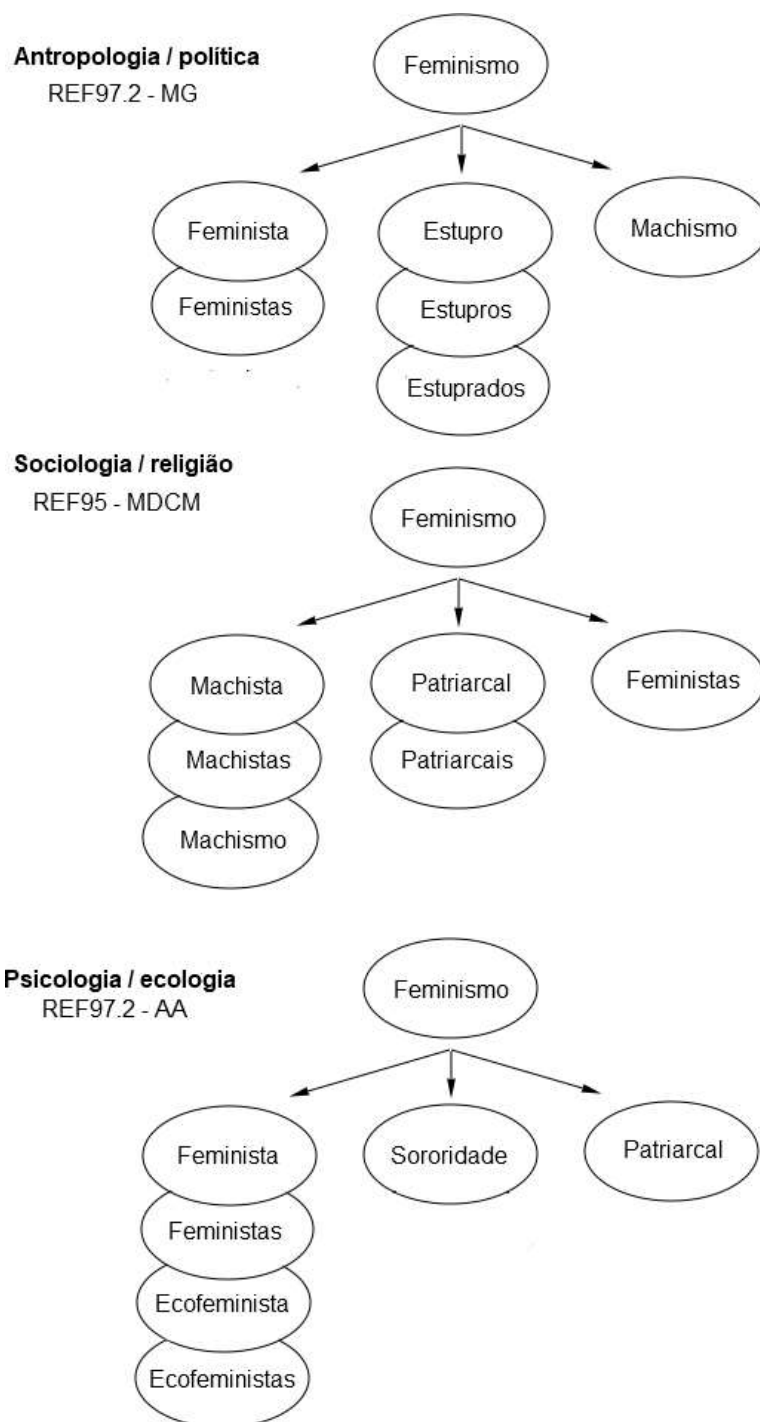
Na sequência, os grafos de tamanho seis contendo a lexia “feminismo” são todos encontrados na edição especial de 1994 e pertencem às Disciplinas da Sociologia e da Antropologia. Pode-se notar que a base essencial se mantém centrada nas lexias “feminismo”, “feminista” e “feministas” e, como mencionado anteriormente, é reforçada a

evidência de que as lexias “estupro” suas derivações e flexões foram utilizadas no tema da violência em forma de denúncia das consequências do sistema patriarcal para as mulheres.

A lexia “objetificação” faz sua segunda aparição, mais uma vez associada ao tema da cultura. A edição de 1994 discute, como mencionado anteriormente, questões de identidade individual ou coletiva e, nesse artigo, discute-se como a objetificação é um fenômeno não exclusivo das mulheres, mas partilhado politicamente com movimentos raciais assim como as noções de apropriação e troca. A CCP que se sobrepõe à objetificação é, portanto, partilhada entre grupos minoritários que sofrem opressão da figura do Homem Branco enquanto modelo de “sujeito de direitos” a ser alcançado pela igualdade. A dizer, a lexia “objetificação” é utilizada para reafirmar a existência de opressões partilhadas por grupos minoritários que indicam a necessidade de que se incluam outras identidades rumo à uma luta unificada contra a hegemonia do Homem Branco.

Quanto ao artigo REF94 – PC, a recorrência da Disciplina da Sociologia produz a previsibilidade do comportamento do seu grafo correspondente, que possui uma base lexical “feminismo, feminista, feministas” complementada pela descrição do sistema que evidencia, mais uma vez, a hegemonia masculina e seus valores patriarcais e machistas partilhados.

**Grafo 14 - REF97.2 - MG, REF95 - MDCM, REF97.2 - AA**



Fonte: Elaboração da autora. (FREITAS, 2023)

Foram elaborados apenas três grafos de tamanho sete dentre os artigos selecionados, sendo eles: REF97.2 – MG, REF95 – MDCM e REF97.2 – AA. Os três artigos pertencem à Disciplinas e temas distintos entre si e, portanto, comportamentos diferentes. Essa mudança de configuração é comum em grafos de maior grau, pois a utilização de mais lexias implica que serão apresentados grafos de duas maneiras: com mais adjacências do que derivações e

flexões ou com mais derivações e flexões do que adjacências. A dizer, a tendência de crescimento dos grafos pode ser tanto horizontal quanto vertical, mas muito raramente será quadrada e simétrica.

Nos três casos de grafos de tamanho sete, percebe-se que são apresentadas três adjacências em todas as configurações, fato que confirma um crescimento vertical no número de lexias derivadas e flexões.

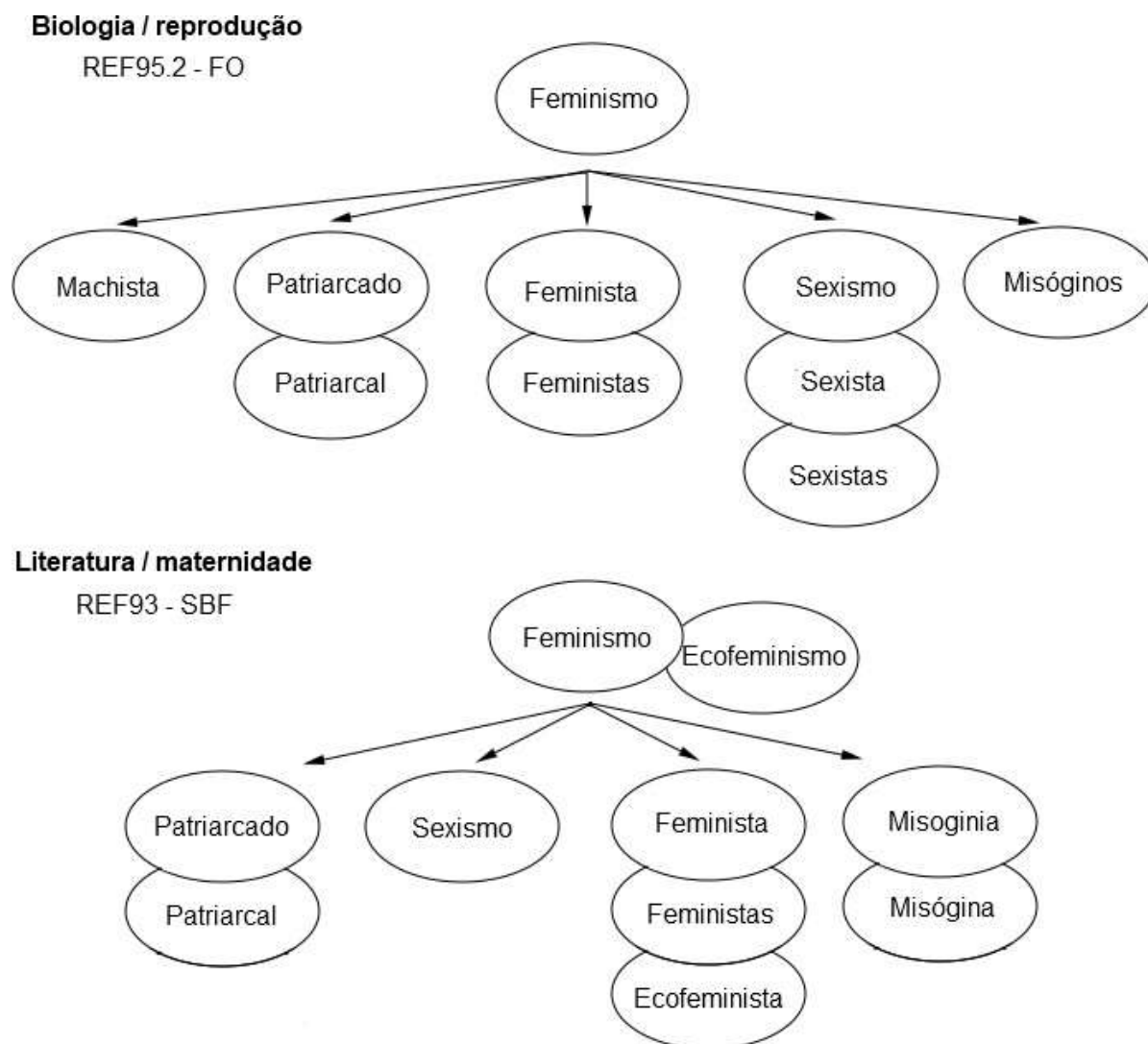
Na Disciplina da Antropologia com o tema da política, a base lexical “feminismo, feminista, feministas” se mantém e é complementado pelo tema político da militância feminina. O destaque desse grafo é seu crescimento vertical focado na lexia “estupro” e sua derivação e flexão. A autora recorreu ao uso dessas lexias quando aborda a tortura de mulheres na militância, cuja dominação era realizada também sexualmente. As violências eram sofridas tanto dentro de seus próprios partidos políticos como pelo sistema político da ditadura, o que evidencia que eram violências de gênero culturais e não somente limitadas ao contexto político.

Na Disciplina da Sociologia, o tema da religião se sobrepõe ao ponto que a configuração do grafo do artigo REF94 – MDCM apresenta um comportamento atípico para sua Disciplina e não possui a base lexical “feminismo, feminista, feministas”. O artigo em questão trata dos diálogos entre diferentes religiões no tocante à moralidade sexual e às questões reprodutivas. As escolhas lexicais estabelecem um eixo discursivo comum de valores culturais partilhados entre diferentes religiões, ao passo que todas as instituições religiosas citadas no artigo são hegemonicamente masculinas. As lexias “machista”, “machistas”, “machismo”, “patriarcal” e “patriarcais” reafirmam a existência dessa hegemonia dentro das sociedades religiosas.

Na Disciplina da Psicologia com o tema da ecologia, retoma-se a lexia “ecofeminista” discutida anteriormente nesta pesquisa. O crescimento vertical do grafo advém da necessidade de que nomear a mulher feminista que acredita na relação natural entre a mulher e o meio ambiente, na figura da mãe natureza ser representada femininamente, e que pauta seu discurso conforme a CCP do corpo feminino que é fonte de vida. De maneira complementar, a lexia “sororidade” é utilizada como consequência da inserção da psicologia social dentro dos Estudos Feministas, pois se discorre sobre a sororidade como a tentativa de ignorar as diferenças e divergências entre as feministas com o objetivo de unificar todas as mulheres em um mesmo movimento político.

Ainda que o artigo não utilize a lexia “feminismos” de maneira explícita, a existência das lexias “ecofeminista” e “ecofeministas” e o contexto de utilização da lexia “sororidade” evocam a ideia da existência de mais de um feminismo, um imaginário coletivo de “feminismos” que não chegou a ser materializado discursivamente.

**Grafo 15 - REF95.2 - FO, REF93 - SBF**



Fonte: Elaboração da autora. (FREITAS, 2023)

Finalmente, os grafos de tamanho dez representam os artigos de maior número de lexias da década de 1990. Esses grafos reafirmam a conclusão feita por essa pesquisa de que a o aparecimento de lexias complementares à base “feminismo, feminista, feministas” está muito mais associada aos temas dos artigos do que às Disciplinas. Os artigos possuem temas diretamente relacionados, ainda que pertençam a Disciplinas diferentes. Os temas da

maternidade e da reprodução humana compartilham de um imaginário coletivo evidenciado pela utilização das mesmas lexias: feminismo, feminista, feministas, patriarcado, patriarcal e sexista. As semelhanças também residem na adjacência “misoginia” que aparece no grafo REF93 – SBF junto à uma derivação enquanto aparece apenas como lexia derivada “misóginos” no grafo REF95.2 – FO.

Dentre as distinções entre os dois grafos, pode perceber:

- A sua configuração (5 adjacências/ 4 derivações e flexões; 4 adjacências/ 5 derivações e flexões);
- A presença de derivações e flexões da lexia “sexismo” no grafo REF95.2 – FO;
- A presença lexia derivada “machista” no grafo REF95.2 – FO;
- A presença da lexia derivada “ecofeminismo” no grafo REF93 – SBF.

Por se tratar de temas muito semelhantes, uma forte possibilidade para as divergências entre os grafos reside nas Disciplinas que se ocuparam desses temas.

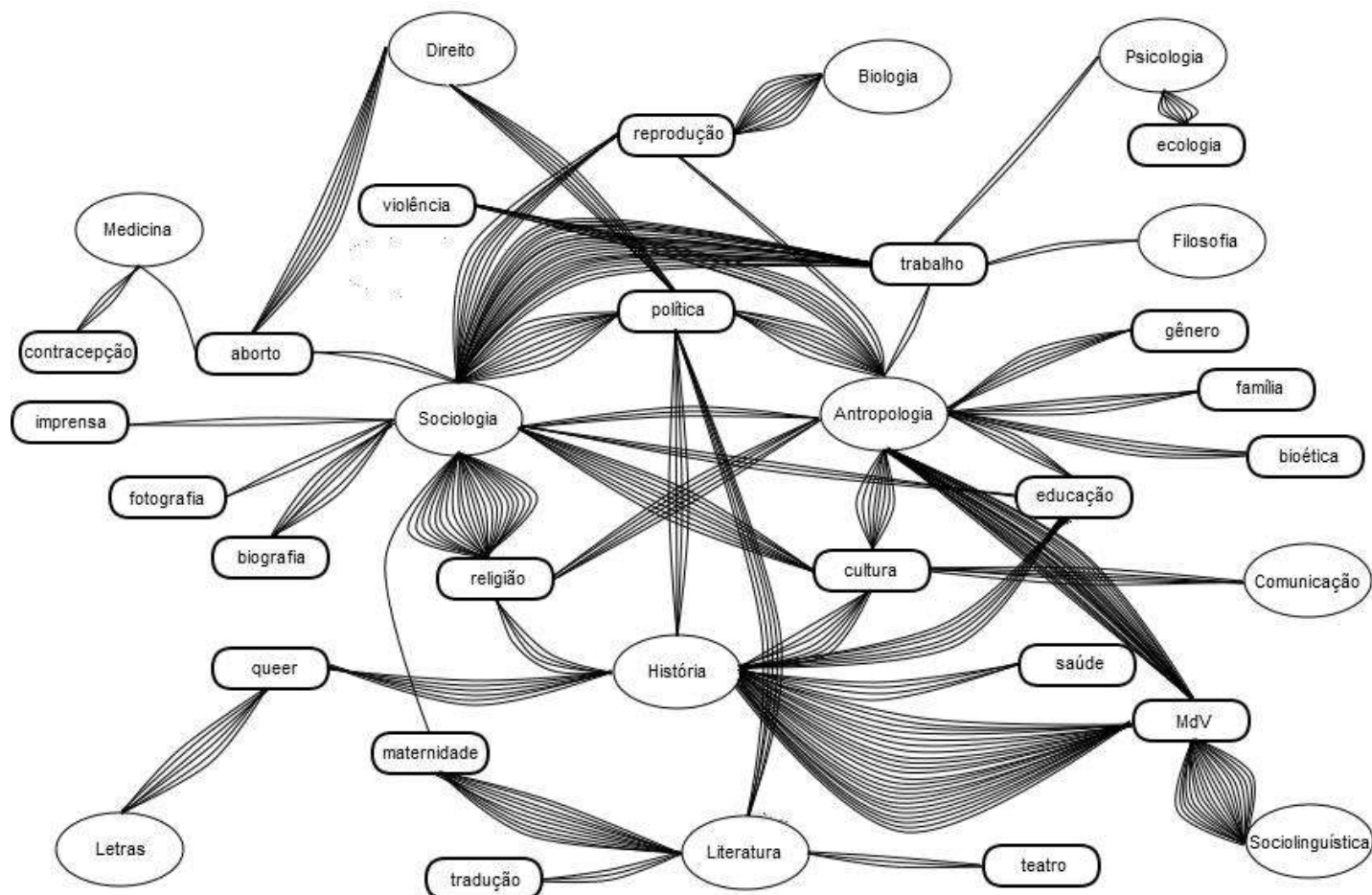
Na Disciplina da Biologia, o tema da reprodução vem associado à afirmação no título do artigo “Por uma bioética não-sexista, não racista e libertária” de que a bioética partilha valores culturais que reforçam a discriminação de grupos minoritários. Logo, o tema da reprodução humana aparece associado aos comportamentos dentro de um sistema definido a partir das lexias feministas “machista”, “patriarcado”, “patriarcal”, “sexismo”, “sexista”, “sexistas” e “misóginos”.

Por sua vez, a Disciplina da Literatura trata no artigo REF93 – SBF da questão da maternidade por meio da observação das representações literárias de autoria feminina ou masculina da figura materna. Essa mudança de ponto de vista faz com que o tema da maternidade seja associado aos imaginários coletivos masculinos e femininos acerca da atuação da mulher na reprodução humana. Ainda que as Disciplinas dialoguem entre si, cada artigo apresenta, portanto, seu próprio microcosmo discursivo que orienta suas escolhas lexicais. Elas podem divergir, mas partem de um ponto também compartilhado entre as mulheres.

Como mencionado anteriormente, as lexias “ecofeminismo” e “ecofeminista” possuem dentro desse tema uma CCP que se sobrepõe ao significado por estarem diretamente influenciadas pela Disciplina que escolhe tratar da relação entre natureza e mulher por meio do imaginário coletivo da mulher que gera a vida. Ademais, as lexias utilizadas para complementar a discussão literária acerca da maternidade dialogam com a CCP masculina

sobre essa questão, da visão do homem sobre a mulher e sua função reprodutora.

**Grafo 16 - Lexicograma de relações entre Disciplinas e temas**



Fonte: Elaboração da autora. (FREITAS, 2023)

Conforme são estabelecidas e discutidas as relações entre as Disciplinas, seus temas e suas lexias utilizadas dentro dos artigos científicos do maior periódico feminista brasileiro, pode-se visualizar que a área de Estudos Feministas é um espaço para que as mulheres entendam as relações de gênero por meio dos diálogos que as Disciplinas estabelecem entre si por meio dos temas tratados. A rede neural acima contém todos os diálogos teóricos empreendidos durante a década de 90 e referentes à *Marcha das Vadias*.

O tipo de grafo utilizado para a modelagem de um lexicograma feminista se difere da árvore geradora pois não estuda as relações entre as lexias, mas sim entre Disciplinas e temas

por meio da verificação do uso de lexias feministas. Esse tipo de grafo tem seu grau calculado pela quantidade de vértices (rótulos) e arestas (lexias) que se conectam de maneiras adjacentes ou incidentes.

O lexicograma elaborado representa, portanto, um grafo de rede neural irregular e não-simples de grau/ tamanho 350, pois possui 34 rótulos e 316 conexões lexicais. Sua irregularidade advém do fato de que seus rótulos não possuem o mesmo grau entre si (algumas Disciplinas e temas possuem grau maior que outros), e porque ele contém mais de duas ligações distintas entre o mesmo par de rótulos.

Para que seja facilitado o entendimento das interpretações desse tipo de representação gráfica, é necessário primeiro estabelecer uma definição geométrica de um grafo afim de que seja elaborada em seguida uma segunda definição lexicológica.

Para a geometria, um grafo é um espaço com dimensões constituídas de um conjunto de pontos e curvas contínuas que não se interceptam, além de que seus conjuntos de vértices e arestas podem ser tanto incidentes como adjacentes (FURTADO, 1973). As arestas serão incidentes aos vértices ao qual se conectam, os vértices serão incidentes às arestas às quais se conectam e uma aresta será adjacente à outra quando elas possuírem um vértice comum.

Para a lexicologia, um grafo do tipo lexicograma pode ser interpretado pelas relações que as lexias (arestas) representam entre diferentes rótulos (Disciplinas ou temas). Logo, o lexicograma representa um espaço com dimensões constituídas de um conjunto de rótulos e lexias que dialogam entre si e partilham de uma carga de significados atrelados culturalmente uns aos outros. Seu conjunto de lexias será incidente aos rótulos que estão nas extremidades de cada relação por elas estabelecida e elas serão adjacentes umas as outras quando compartilharem de uma mesma Disciplina ou tema.

É importante destacar que uma adjacência gráfica contempla tanto as adjacências lexicais quanto as derivações e flexões, pois serão, na rede neural, adjacentes umas às outras quando pertencerem ao mesmo par D+t.

Cada Disciplina possui uma valência cujo valor é determinado pelo número de conexões que ela mantém com um ou mais temas, cada conexão representando uma lexia originada em um discurso comum, o discurso feminista.

Esse lexicograma releva por meio do contraste do número de conexões quais são as Disciplinas que protagonizaram as discussões sobre as relações entre a mulher e a sociedade, quais foram as relevâncias dos temas no contexto de produção acadêmica feminista da década

de 90, e como a construção de um repertório lexical próprio do discurso feminista possibilitou os diálogos entre mulheres com vivências de diferentes áreas do conhecimento no mais variados temas, cada qual com suas propriedades exclusivamente femininas.

As Disciplinas que apresentam maior valência são as da Sociologia, da Antropologia, da História e da Literatura. Os temas que apresentam maior valência tratam da cultura, do trabalho, da política, da religião e da Marcha das Vadias.

O fluxo de conexões presente nesses diálogos mostra que quanto mais explorado e atual o tema, mais lexias são utilizadas para manifestar discursivamente as questões femininas.

Assim, retoma-se a fundamentação desta pesquisa que afirma que o movimento feminista se desenvolve dentro dos Estudos Feministas em concordância com a produção de lexias que manifestam discursivamente uma cultura feminista em oposição a uma cultura hegemonicamente masculina, pois a consciência social dentro desse movimento político se ocupa de estabelecer diálogos por meio do léxico entre diferentes discursos e realidades dentro de uma realidade comum: a da mulher.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, traçamos o percurso lexicológico realizado pelo movimento feminista dentro dos Estudos Feministas. A observação desse percurso revelou evidências das relações entre diferentes discursos feministas associados a diferentes perspectivas científicas rotuladas como “Disciplinas”.

As evidências encontradas são as manifestações discursivas do compartilhamento de vivências e imaginários coletivos por meio da criação e ressignificação de um repertório lexical orientado pelo discurso feminista comum a todas as mulheres e que possui a função de validar a existência da realidade feminina dentro da hegemonia masculina.

Para realizar essa tarefa, elaboramos inicialmente uma pesquisa para filtrar quais seriam as lexias mais comumente associadas ao repertório feminista em *sites* que discorriam sobre a existência de um vocabulário próprio do movimento social feminista: Catraca Livre, El País Brasil, Estadão, Guia do Estudante, Portal Unisc, Revista Capitolina, Revista Cláudia e Revista Galileu. A partir desse filtro, pudemos perceber características comuns às 32 lexias encontradas por meio da identificação de marcas de uma Carga Cultural Partilhada em sobreposição aos seus significados.

Essa constatação nos levou a delimitar um espaço discursivo, um gênero discursivo e as fundamentações teóricas que dariam suporte à função validadora das lexias, bem como sua relação com o extralinguístico por meio da Teoria Dialógica do Discurso segundo os preceitos bakhtinianos. O espaço discursivo escolhido foi o periódico feminista de maior relevância no Brasil, a *Revista Estudos Feministas*, que possui em suas publicações apenas produções originais e inéditas. O gênero escolhido foi, portanto, o artigo científico, de modo que essa escolha poderia proporcionar um contexto mais “neutralizado” para abstrair as conotações positivas e negativas de utilização das lexias e promoveria um ambiente “controlado” em detrimento de outros gêneros discursivos.

Devido ao extenso volume de artigos encontrados, foram necessários outros critérios de seleção para a realização de um recorte representativo, como: o período histórico selecionado, a década de 1990, que foi a primeira década de publicação do periódico selecionado; a autoria exclusivamente feminina dos artigos; e o idioma nacional de publicação dos artigos, não sendo inclusas traduções.

O tratamento dos artigos foi realizado pela ferramenta *AntConc* que sistematizou o

conteúdo lexical dos artigos e permitiu a identificação e registro das lexias feministas. Para o tratamento dos dados obtidos pela ferramenta, experimentamos diversas organizações e estruturas de dados em gráficos e tabelas até encontrarmos na Teoria dos Grafos a ferramenta essencial, neste estudo, para estabelecer relações entre conjuntos de dados que abstraíssem o conteúdo e seus contextos de produção para uma visualização simplificada passível de interpretação.

A partir desse ponto, foram elaborados rótulos que pudessem agrupar as Disciplinas dos artigos, os temas tratados por aquelas Disciplinas, e as lexias feministas em conjuntos relacionáveis que comprovassem os diálogos existentes entre esses elementos.

Para explicar o percurso lógico por trás das relações entre as lexias e o mundo, estudamos primeiramente o léxico e o discurso segundo o Dialogismo e a nomeação de coisas para que fosse realizado o estudo sobre as relações entre léxico e cultura propostas por Galisson (1987). A convergência dessas abordagens teóricas fez com que compreendêssemos como se dá a relação entre a sociedade e o léxico, a sociedade e a mulher, a mulher e o léxico, o léxico e o discurso, o léxico e a cultura, e entre a cultura e a identidade.

Ao final da pesquisa, nossos resultados mostraram que as lexias são evidências que revelaram o uso consciente da linguagem pelo movimento feminista para que fossem estabelecidos diálogos que proporcionam o partilhamento de uma realidade exclusivamente feminina por meio da qual as mulheres definem sua identidade por meio do desenvolvimento de um repertório lexical próprio para definir o mundo e as opressões de gênero sofridas. Portanto, as mulheres encontram no léxico a ferramenta ideal para que seja possível validar sua própria existência, a definição de mundo segundo as próprias experiências e, conseqüentemente, resistam à hegemonia masculina para que os homens não definam sua identidade por elas, silenciando-as.

No entanto, houve muitos empecilhos técnicos que comprometeram uma análise mais aprofundada dos modelos de lexicograma criados para estruturar as informações coletadas, de modo que é necessário que sejam desenvolvidas tecnologias que facilitem essa organização. Todos os grafos tiveram que ser elaborados manualmente e a disposição dos elementos passou por diversas modificações até que fosse encontrada uma configuração que pudesse ser utilizada, além da grande dificuldade que encontramos para estabelecer relações teóricas entre as lexias e os artigos visto que a questão contextual discursiva possui ainda pouca literatura quando não envolve análises de frequência ou o contexto de ensino-aprendizagem.

Ademais, concluímos também que a utilização da Teoria dos Grafos como auxiliar para a simplificação da realidade e abstração dos fatores extralinguísticos abre caminhos para diversas interpretações linguísticas de dados, gerando incontáveis modelos para trabalhar realidades com as quais nos interessa trabalhar, construídos de modo a conter aquilo que é o ponto central do nosso interesse e de forma tão maleável que nos permita obter as respostas que buscamos.

Apesar de todas as contribuições que buscamos oferecer por meio dessa pesquisa, é evidente que existem tantas outras formas pelas quais ela poderia ser conduzida ou aprofundada. Tanto são resgatadas fundamentações que podem ser aplicadas aos Estudos Feministas como a outras áreas como a Análise do Discurso, Estudos de Gênero, Sociologia, Antropologia ou as demais Disciplinas tratadas aqui por viés lexicológico. Não somente esta pesquisa pode ser encaminhada para um aprofundamento de suas questões com maior delimitação do objeto a ser estudado, como também esses estudos podem ser realizados por área de conhecimento e temas. O fato de termos tratado do fenômeno do dialogismo abre caminhos que permeiam múltiplas relações afim de que sejam enriquecidos debates que tragam o léxico, o discurso, ideologia, cultura, identidade, hegemonia, representatividade, a mulher e os demais gêneros e sexualidades que contemplam o interesse das humanidades como um todo.

## REFERÊNCIAS

ADELMAN, L. The Feministing Five: Sonya Barnett and Heather Jarvis. **Feministing**, 2011. Disponível em: <http://feministing.com/2011/04/16/the-feministing-five-sonya-barnett-and-heather-jarvis/>. Acesso em: 18 dez. 2021.

AGÊNCIA CEUB. **Feminismo não é o contrário de machismo**. Centro Universitário de Brasília (Uniceub), 2016. Disponível em: <https://agenciadenoticias.uniceub.br/comportamento/feminismo-nao-e-o-contrario-de-machismo/>. Acesso em: 29 jan. 2023.

ANTHONY, L. **AntConc 3.5.8w**. 2019. Disponível em: <https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>. Acesso em: 27 dez. 2022.

ARDENER, E. Belief and the Problem of Women. pp. 1-17. In: ARDENER, S. (ed). **Perceiving Women**. London: Malaby Press, 1975.

BAKHTIN, M. Questões de literatura e estética: a teoria do romance. São Paulo: Editora UNESP, 1998. Trad. Aurora Fornoni Bernadini; José Pereira Júnior; Augusto Góes Júnior; Helena Spryndis Nazário; Homero Freitas de Andrade. 1975. BAKHTIN, M. The problem of speech genres. In: **Modern genre theory**. Routledge, 2014. p. 82-97.

BARBOSA, M. A. A construção do conceito nos discursos técnico-científicos, nos discursos literários e nos discursos sociais não-literários. **Revista Brasileira de Lingüística**, v. 11, n. 1, p. 63-93, 2001.

BARBOSA, M. A. O conceito de lexicultura e suas implicações para o ensino-aprendizagem de Português Língua Estrangeira. **Revista do NEFILLI**. Revista do Núcleo de Estudos Filológicos, Linguísticos e Literários, 2008.

BARBOSA, L. M. de A. O conceito de lexicultura e suas implicações para o ensino-aprendizagem de português língua estrangeira. **Filologia e Linguística portuguesa**, n. 10-11, p. 31-41, 2009.

BARROSO, A. C. O. **A análise de redes sociais e outras noções e conceitos iniciais**. Disponível em: <https://www.laraiatech.com/blog/a-analise-de-redes-sociais-e-outras-nocoese-conceitos-iniciais>. Acesso em: 20 jan. 2023.

BASTOS, R. L. G.; RIBEIRO, P. **A relação entre linguagem e identidade sob uma perspectiva dialógica**. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/47468/28712>. Acesso em: 24 ago. 2021.

BECKER, B. F. Conceitos de Inteligência Artificial aplicados a Linguística. **Letras de Hoje**, v. 25, n. 4, 1990.

BIDERMAN, M. T. C. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. **Letras de hoje**, v. 22, n. 4, 1987.

BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da palavra. **Filologia e linguística portuguesa**, v. 2, n. 1, p. 81-118, 1998.

BIDERMAN, M. T. C. Léxico e vocabulário fundamental. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 40, 1996.

BIDERMAN, M. T. C. Terminologia e lexicografia. **TradTerm**, v. 7, p. 153-181, 2001.

BIROLI, F.. Mídia, tipificação e exercícios de poder: a reprodução dos estereótipos no jornalismo. **Revista Brasileira de Ciência Política**, v. 6, p. 71-98, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-33522011000200004>. Acesso em: 9 mar. 2023.

BOENAVIDES, D. L. P. Ressignificar e resistir: a Marcha das Vadias e a apropriação da denominação opressora. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, 2019.

BOURDIEU, P. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CAMPOS, W. O. **A Lei Afonso Arinos e sua repercussão nos jornais (1950-1952): entre a democracia racial e o racismo velado**. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, 2016.

COELHO, L. P.; DE MESQUITA, D. P. C. Língua, cultura e identidade: conceitos intrínsecos e interdependentes. **Entreletras**, v. 4, n. 1, 2013.

CORREIA, M. A discriminação racial nos dicionários de língua: tópicos para discussão, a partir de dicionários portugueses contemporâneos. **Revista Alfa**. v. 50, n. 2, p. 155- 171, jul./dez, 2006.

CUNHA, C. de A. O léxico e as unidades lexicais: revisitando a teoria/Lexical and lexical units: revisiting the theory. **Guavira Letras**, v. 15, n. 30, 2019.

DOS SANTOS, B. G.; LIMA, E. A luta feminista na/pela linguagem: apontamentos para uma tradução de lives of girls and women. **Revista Escrita**, v. 2018, n. 24, 2018.

EMMENEGGER, S. Perspectivas de género en derecho. 1999. [online] Disponível em: [https://www.unifr.ch/ddp1/derechopenal/anuario/an\\_1999\\_05.pdf](https://www.unifr.ch/ddp1/derechopenal/anuario/an_1999_05.pdf). In: Facchi, A. El pensamiento feminista sobre el derecho: un recorrido desde Carol Gilligan a Tove Stang Dohl. Academia. **Revista sobre enseñanza del derecho de Buenos Aires**, Año 3, Nro. 6 (primavera 2005), p. 27– 47.

FERREIRA, C. C. N. **Proposta de caderno suplementar para o ensino das relações semânticas de antonímia e sinonímia em turmas do sexto ano**. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, p. 39. 2018.

FORTUNATO, I. V. Gramaticalização e lexicalização das lexias complexas no português arcaico. In: J. S. Magalhães e L. C. Travaglia (Ed.). **Múltiplas Perspectivas em Linguística**. Uberlândia: Edufu, 2008. p.1394-1403

FUNCK, S. B. Feminismo e utopia. **Revista Estudos Feministas**, N. 1/93, 1993. p. 33-38.

FURTADO, A. L. Teoria dos Grafos: Algoritmos. Livros Técnicos e Científicos. Rio de Janeiro, 1973.

GALETTI, C. C. H. Feminismo em movimento: A Marcha das Vadias e o movimento feminista contemporâneo. **Recife: 18º Redor**, 2014.

GALISSON, R. "Acceder à la culture partagée par l'entremise des mots a C.C.P.": In: **Études de Linguistique Appliquée**. n.º 67. Paris: Didier Erudition, 1987.

GOMES, C.; SORJ, B. Corpo, geração e identidade: a Marcha das vadias no Brasil. **Sociedade e Estado**, v. 29, p. 433-447, 2014.

GROSSI, M. P. **A Revista Estudos Feministas faz 10 anos: uma breve história do feminismo no Brasil**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/rrbSFGPBqPmy9nwR4WGtmYr/?lang=pt#nt03>. Acesso em: 22 ago. 2020.

GUIA DO ESTUDANTE. **Entenda a história por trás de 14 expressões populares brasileiras**. Grupo Abril. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/dica-cultural/entenda-a-historia-por-tras-de-14-expressoes-populares-brasileiras/> - :~:text=10%20E2%80%93%20Meia%20tigela,importantes%20recebiam%20apenas%20meia%20tigela. Acesso em: 5 abril 2023.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & realidade**, v. 22, n. 2, 1997. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71361/40514>. Acesso em: 25 mar. 2023.

JARAMILLO, I. C. La crítica feminista al derecho. In: WEST, R. **Género y teoría del derecho**. Bogotá, Siglo del Hombre Editores, 2000.

LARA, Luis Fernando. **Curso de lexicologia**. México, D.F. El Colegio de Mexico, 2006.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997.

MAINGUENEAU, D. Campo discursivo: a propósito do campo literário. In: **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, p. 49-62, 2010.

MATIAS, G. R.; PARREIRA DA SILVA, M. C. Breve análise discursiva em três dicionários de fraseologia (Brief discursive analysis in three dictionaries of phraseology). **Estudos da Lingua (gem)**, v. 10, n. 2, p. 161-180, 2012.

MATORÉ, G. **La méthode en lexicologie: domaine français**. Paris: Didier, 1953. [2. ed. ampl., 1973]

MONTEIRO, K. F.; GRUBBA, L. S. A luta das mulheres pelo espaço público na primeira onda do feminismo: de suffragettes à sufragistas. **Direito e Desenvolvimento**, v. 8, n.2, p. 261-278. João Pessoa: 2017. Disponível em: <https://periodicos.unipe.br/index.php/direitoedesenvolvimento/article/view/563>. Acesso em: 12 mar. 2023.

NASCIMENTO, E. L. **O Sortilégio da cor: Identidade, raça e gênero no Brasil**. São Paulo: Summus, 2003.

NETTO, P. O. B.; JURKIEWICZ, S.. **Grafos: introdução e práticas**. Editora Blucher: São Paulo, 2009.

OLSEN, F. El sexo del derecho. In: Ruiz, A. (comp.) **Identidad femenina y discurso jurídico**. Buenos Aires: Biblos, 2000, p. 1-19.

POLGUÈRE, A. **Lexicologia e semântica lexical: noções fundamentais**. Trad. Sabrina Pereira Abreu. São Paulo: Contexto, 2018.

**REVISTA ESTUDOS FEMINISTAS**. [online] Disponível na Internet via endereço eletrônico: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/index>. ISSN 1806-9584. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.

SALES JR., R. Democracia racial: o não-dito racista . **Tempo Social**, 18(2), 2006. p. 229-258.

SCHINELO, R. F.; PARREIRA DA SILVA, M. C. Entre a fala e a escrita - o lugar dos vocábulos triviais da língua portuguesa. **Caderno Seminal Digital**, p. 176-194, 2014.

VILLALVA, A.; SILVESTRE, J. P. **Introdução ao estudo do léxico: descrição e análise do Português**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

WEEDWOOD, B. **História concisa da Lingüística**. [trad.] Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002 [1995].

WU, Lingfei et al. Graph neural networks for natural language processing: A survey. **arXiv preprint arXiv:2106.06090**, 2021.

ZANDWAIS, A. Bakhtin/Voloshinov: Condições de produção de Marxismo e Filosofia da Linguagem. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto: 2009.

## APÊNDICE A – Lexias feministas de 92 a 95

LEXIA	ARTIGO - 92	ARTIGO - 93	ARTIGO - 94	ARTIGO - 95
Feminismo	MJFRN (Sociologia+religião); LALB (Direito+aborto); MGC (sociologia+cultura); HBH(Literatura+cultura); HIBS (Sociologia + trabalho)	CDLC (Literatura+cultura); MLGPB (História+cultura); MLH (Antropologia+cultura); SBF (Literatura+maternidade)	AAAC, CMBS (Antropologia+educação); ADOC (Sociologia+educação); LDALB (Direito+política); MPG (Antropologia+violência); PC (Sociologia+política); SA (Antropologia+cultura); SC (Medicina+contracepção); VS (História+política)	BS (Sociologia+biografia); MDCM (Sociologia+religião); MGC (Sociologia+trabalho); FO (Biologia+reprodução)
Feminismos			AAAC, AMBS (Antropologia+Educação); VS (História+política)	
Ecofeminismo		SBF (Literatura+maternidade)		
Transfeminismo				
Anarcafeminismos				

Fonte: Elaboração da autora (FREITAS, 2023)

## APÊNDICE B – Lexias feministas de 92 a 95 (2)

LEXIA	ARTIGO - 92	ARTIGO - 93	ARTIGO - 94	ARTIGO - 95
Feminista	MJFRN (Sociologia+religião); LALB (Direito+aborto); MGC (Sociologia+cultura); HBH (Literatura+cultura)	CDLC (Literatura+cultura); MLGPB (História+cultura); MLH (Antropologia+cultura); SBF (Literatura+maternidade); TDL (Literatura+cultura)	AAAC, AMBS (Antropologia+educação); ADOC (Sociologia+educação); HBH (Literatura+cultura); HIBS (Sociologia+violência); LDALB (Direito+política); MLML (Sociologia+fotografia); MPG (Antropologia+violência); PC (Sociologia+política); SA (Antropologia+cultura); SC (Medicina+contracepção); SMG (História+cultura); VS (História+política)	MAMS (Sociologia+biografia); MGC (Sociologia+trabalho); MLML (Sociologia+imprensa); SN, TS (Antropologia+reprodução); FO (Biologia+reprodução)
Feministas	MJFRN (Sociologia+religião); LALB (Direito+aborto); MGC (Sociologia+cultura); HBH (Literatura+cultura); HIBS (Sociologia+trabalho)	CDLC (Literatura+cultura); MLGPB (História+cultura); MLH (Antropologia+cultura); SBF (Literatura+maternidade)	AAAC, AMBS (Antropologia+educação); ADOC (Sociologia+educação); CB (Sociologia+trabalho); HBH (Literatura+cultura); HIBS (Sociologia+violência); LDALB (Direito+política); MLML (Sociologia+fotografia); MPG (Antropologia+violência); PC (Sociologia+política); SA (Antropologia+cultura); SC (Medicina+contracepção); VS (História+política)	BS (Sociologia+biografia); MAMS (Sociologia+biografia); MDCM (Sociologia+religião); MGC (Sociologia+trabalho); SN, TS (Antropologia+reprodução); FO (Biologia+reprodução)
Ecofeminista		SBF (Literatura+maternidade)		
Ecofeministas				
Neofeminista				
Antifeminista				
Transfeminista				

Fonte: Elaboração da autora (FREITAS, 2023)

### APÊNDICE C – Lexias feministas de 92 a 95 (3)

LEXIA	ARTIGO - 92	ARTIGO - 93	ARTIGO - 94	ARTIGO - 95
Transfeministas				
Assédio				
Culpabilização				
Culpabilizava				
Desculpabilização				
Empoderamento				
Estupro	LALB (Direito+aborto)	RDSS (Medicina+aborto)	HIBS (Sociologia+violência); LDALB (Direito+política); MPG (Antropologia+violência)	
Estupros			HIBS (Sociologia+violência); LDALB (Direito+política); MPG (Antropologia+violência)	
Estuprador	LALB (Direito+aborto)			
Estuprada	LALB (Direito+aborto)		HIBS (Sociologia+violência)	
Estupradas				
Estuprados				
Feminicídio				
Macheza				
Machismo			PC (Sociologia+política)	MDCM (Sociologia+religião)

Fonte: Elaboração da autora (FREITAS, 2023)

### APÊNDICE D - Lexias feministas de 92 a 95 (4)

LEXIA	ARTIGO - 92	ARTIGO - 93	ARTIGO - 94	ARTIGO - 95
Machista			SMG (História+cultura)	MDCM (Sociologia+religião); MLML (Sociologia+imprensa); FO (Biologia+reprodução)
Machistas	MJFRN (Sociologia+religião)			MDCM (Sociologia+religião)
Masculinistas				
Matrifocalidade				
Misoginia		SBF (Literatura+maternidade)		
Misógena	HBH (Literatura+cultura)			
Misógino				
Misóginos				FO (Biologia+reprodução)
Misógina	MJFRN (Sociologia+religião); HIBS (Sociologia+trabalho)	SBF (Literatura+maternidade)		
Misóginas				
Objetificação		TDL (Literatura+cultura)	SA (Antropologia+cultura)	
Patriarcado		SBF (Literatura+maternidade)	SA (Antropologia+cultura)	FO (Biologia+reprodução)
Patriarcal	MJFRN (Sociologia+religião); HIBS (Sociologia+religião); HBH (Literatura+cultura)	MLGPB; SBF; TDL	HIBS (Sociologia+violência); MPG (Antropologia+violência); PC (Sociologia+política)	BS (Sociologia+biografia); MDCM (Sociologia+religião); MGC (Sociologia+trabalho); FO (Biologia+reprodução)
Patriarcais	MJFRN (Sociologia+religião); HBH (Literatura+cultura)		HBH (Literatura+cultura); PC (Sociologia+política)	MDCM (Sociologia+religião)
Patriarcalização				
Patrilinear			SA (Antropologia+cultura)	
Patriarcalismo				BS (Sociologia+biografia)

Fonte: Elaboração da autora (FREITAS, 2023)

### APÊNDICE E - Lexias feministas de 92 a 95 (5)

LEXIA	ARTIGO - 92	ARTIGO - 93	ARTIGO - 94	ARTIGO - 95
Patriarca				
Semipatriarcal	HBH (Literatura+cultura)			
Antipatriarcal	HBH (Literatura+cultura)			
Parapatriarcal	HBH (Literatura+cultura)			
Cisheteropatriarcado				
Heterocispatriarcal				
Putinhas				
Radfems				
Sexismo	MJFRN (Sociologia+religião); MGC (Sociologia+cultura)	MLGPB (História+cultura); MLH (Antropologia+gênero); SBF (Literatura+maternidade)		MGC (Sociologia+trabalho); FO (Biologia+reprodução)
Sexismos				MGC (Sociologia+trabalho)
Sexista			ARDPA, AFJ, BS (Sociologia+trabalho)	FO (Biologia+reprodução)
Sexistas				FO (Biologia+reprodução)
Não-sexistas			CB (Sociologia+trabalho)	
Sexualização	HIBS (Sociologia+trabalho)			
Sororidade				
Sorora				
Transativismo				
Vadias				

Fonte: Elaboração da autora (FREITAS, 2023)

### APÊNDICE F - Lexias feministas de 96 a 99

LEXIA	ARTIGO - 96	ARTIGO - 97	ARTIGO - 98	ARTIGO - 99
Feminismo	BF (Antropologia+cultura); FR (Antropologia+religião)	AA (Psicologia+ecologia); MG (Antropologia+política); RS (História+religião); VASM (Literatura+teatro)	CA (Sociologia+política); KAMB (História+queer); AP (Antropologia+família); DD,ACGV (Antropologia+bioética); IAF (Psicologia+trabalho)	MLBM (História+saúde)
Feminismos			KAMB (História+queer)	
Ecofeminismo				
Transfeminismo				
Anarcfeminismos				

Fonte: Elaboração da autora (FREITAS, 2023)

### APÊNDICE G - Lexias feministas de 96 a 99 (2)

LEXIA	ARTIGO - 96	ARTIGO - 97	ARTIGO - 98	ARTIGO - 99
Feminista	BF (Antropologia+cultura); FR (Antropologia+religião); APS, LT (História+educação); CDG (Antropologia+saúde); MIBR (Sociologia+aborto)	AA (Psicologia+ecologia); JV (Sociologia+trabalho); MG (Antropologia+política); RS (História+religião); VASM (Literatura+teatro)	CA (Sociologia+política); KAMB (História+queer); AP (Antropologia+família); DD, ACGV (Antropologia+bioética)	
Feministas	FR (Antropologia+religião); APS, LT (História+educação); MIBR (Sociologia+aborto)	AA (Psicologia+ecologia); MG (Antropologia+política); RS (História+religião); VASM (Literatura+teatro)	CA (Sociologia+política); KAMB (História+queer); AP (Antropologia+família); DD, ACGV (Antropologia+bioética)	CB, MRL (Sociologia+trabalho); EPV (Sociologia+reprodução); MLBM (História+saúde)
Ecofeminista		AA (Psicologia+ecologia)		
Ecofeministas		AA (Psicologia+ecologia)		
Neofeminista				
Antifeminista				
Transfeminista				

Fonte: Elaboração da autora (FREITAS, 2023)

### APÊNDICE H - Lexias feministas de 96 a 99 (3)

LEXIA	ARTIGO - 96	ARTIGO - 97	ARTIGO - 98	ARTIGO - 99
Transfeministas				
Assédio				
Culpabilização				
Culpabilizava				
Desculpabilização				
Empoderamento				
Estupro		MG (Antropologia+política)		KG, CC (Sociologia+reprodução); MCCC (Letras+queer)
Estupros		MG (Antropologia+política)	KAMB (História+queer)	
Estuprador				
Estuprada				
Estupradas			IAF (Psicologia+trabalho)	
Estuprados		MG (Antropologia+política)		
Feminicídio				
Macheza				KG, CC (Sociologia+reprodução)
Machismo		MG (Antropologia+política)		KG, CC (Sociologia+reprodução)

Fonte: Elaboração da autora (FREITAS, 2023)

### APÊNDICE I - Lexias feministas de 96 a 99 (4)

LEXIA	ARTIGO - 96	ARTIGO - 97	ARTIGO - 98	ARTIGO - 99
Machista			LMSSC (Filosofia+trabalho)	MCCC (Letras+queer)
Machistas				MLBM (História+saúde)
Masculinistas			KAMB (História+queer)	
Matrifocalidade				KG, CC (Sociologia+reprodução)
Misoginia		RS (História+religião)		
Misógena				
Misógino				
Misóginos				MLBM (História+saúde)
Misógina				
Misóginas				
Objetificação				
Patriarcado	APS, LT (História+educação)		AP (Antropologia+família)	
Patriarcal	FR (Antropologia+religião); APS, LT (História+educação); CDG (Antropologia+saúde); MIBR (Sociologia+aborto)	AA (Psicologia+ecologia)	LMSSC (Filosofia+trabalho)	KG, CC (Sociologia+reprodução); MCCC (Letras+queer)
Patriarcais	APS, LT (História+educação); MJC (Antropologia+trabalho)			
Patriarcalização	FR (Antropologia+religião)			
Patrilinear				
Patriarcalismo				MCCC (Letras+queer)

Fonte: Elaboração da autora (FREITAS, 2023)

### APÊNDICE J - Lexias feministas de 96 a 99 (5)

LEXIA	ARTIGO - 96	ARTIGO - 97	ARTIGO - 98	ARTIGO - 99
Patriarca	APS, LT (História+educação)			KG, CC (Sociologia+reprodução)
Semipatriarcais				
Antipatriarcais				
Parapatriarcais				
Cisheteropatriarcado				
Heterocispatriarcal				
Putinhas				
Radfems				
Sexismo				MCCC (Letras+queer)
Sexismos				
Sexista			DD, ACGV (Antropologia+bioética)	MCCC (Letras+queer)
Sexistas				
Não-sexistas				
Sexualização				
Sororidade		AA (Psicologia+ecologia)		
Sorora				
Transativismo				
Vadias				

Fonte: Elaboração da autora (FREITAS, 2023)

### APÊNDICE K - Lexias de 00 e do tema MdV

LEXIA	ARTIGO - 00	ARTIGO - MDV
Feminismo	LGN (Comunicação+cultura); RTS (Literatura+cultura); CLC (Literatura+tradução); SPS (Literatura+política)	DLPB (Sociolinguística+MdV); MG, CSW (História+MdV); DDD, PSM (Antropologia+MdV)
Feminismos	CLC (Literatura+tradução); SPS (Literatura+política)	MG, CSW (História+MdV); DDD, PSM (Antropologia+MdV)
Ecofeminismo		
Transfeminismo		DLPB (Sociolinguística+MdV); MG, CSW (História+MdV); DDD, PSM (Antropologia+MdV)
Anarcafeminismos		DDD, PSM (Antropologia+MdV)

Fonte: Elaboração da autora (FREITAS, 2023)

### APÊNDICE L - Lexias de 00 e do tema MdV (2)

LEXIA	ARTIGO - 00	ARTIGO - MDV
Feminista	LGN (Comunicação+cultura); RTS (Literatura+cultura); SPS (Literatura+política)	DLPB (Sociolinguística+MdV); MG, CSW (História+MdV); DDD, PSM (Antropologia+MdV)
Feministas	LGN (Comunicação+cultura); CLC (Literatura+tradução); SPS (Literatura+política)	DLPB (Sociolinguística+MdV); MG, CSW (História+MdV); DDD, PSM (Antropologia+MdV)
Ecofeminista		
Ecofeministas		
Neofeminista	SPS (Literatura+política)	
Antifeminista		DLPB (Sociolinguística+MdV)
Transfeminista		MG, CSW (História+MdV); DDD, PSM (Antropologia+MdV)

Fonte: Elaboração da autora (FREITAS, 2023)

### APÊNDICE M - Lexias de 00 e do tema MdV (3)

Transfeministas		DLPB (Sociolinguística+MdV)
Assédio		MG, CSW (História+MdV)
Culpabilização		MG, CSW (História+MdV); DDD, PSM (Antropologia+MdV)
Culpabilizava		DLPB (Sociolinguística+MdV)
Desculpabilização		DLPB (Sociolinguística+MdV)
Empoderamento		DLPB (Sociolinguística+MdV)
Estupro	LGN (Comunicação+culura)	DLPB (Sociolinguística+MdV); MG, CSW (História+MdV); DDD,PSM (Antropologia+MdV)
Estupros		
Estuprador		MG, CSW (História+MdV)
Estuprada		MG, CSW (História+MdV)
Estupradas		DLPB (Sociolinguística+MdV); MG, CSW (História+MdV); DDD,PSM (Antropologia+MdV)
Estuprados		
Feminicídio		DLPB (Sociolinguística+MdV)
Macheza		
Machismo		DLPB (Sociolinguística+MdV); MG, CSW (História+MdV); DDD,PSM (Antropologia+MdV)

Fonte: Elaboração da autora (FREITAS, 2023)

### APÊNDICE N - Lexias de 00 e do tema MdV (4)

LEXIA	ARTIGO - 00	ARTIGO - MDV
Machista		DLPB (Sociolinguística+MdV); DDD, PSM (Antropologia+MdV)
Machistas		DLPB (Sociolinguística+MdV); DDD, PSM (Antropologia+MdV)
Masculinistas		
Matrifocalidade		
Misoginia		
Misôgena		
Misógino		
Misóginos		
Misógina		MG, CSW (História+MdV)
Misóginas		MG, CSW (História+MdV)
Objetificação		
Patriarcado		MG, CSW (História+MdV)
Patriarcal	RTS (Literatura+cultura)	DLPB (Sociolinguística+MdV)
Patriarcais	LGN (Comunicação+cultura)	DLPB (Sociolinguística+MdV); MG, CSW (História+MdV)
Patriarcalização		
Patrilinear		
Patriarcalismo		

Fonte : Elaboração da autora (FREITAS, 2023)

### APÊNDICE O - Lexias de 00 e do tema MdV (5)

LEXIA	ARTIGO - 00	ARTIGO - MDV
Patriarca		
Semipatriarcais		
Antipatriarcais		
Parapatriarcais		
Cisheteropatriarcado		MG, CSW (História+MdV)
Heterocispatriarcal		MG, CSW (História+MdV)
Putinhas		DLPB (Sociolinguística+MdV); DDD, PSM (Antropologia+MdV)
Radfems		MG, CSW (História+MdV)
Sexismo		DDD, PSM (Antropologia+MdV)
Sexismos		
Sexista		DLPB (Sociolinguística+MdV)
Sexistas		
Não-sexistas		
Sexualização		
Sororidade		MG, CSW (História+MdV)
Sorora		MG, CSW (História+MdV)
Transativismo		DDD, PSM (Antropologia+MdV)
Vadias		DLPB (Sociolinguística+MdV); MG, CSW (História+MdV); DDD, PSM (Antropologia+MdV)

Fonte: Elaboração da autora (FREITAS, 2023)